

Mestrado em Estudos Americanos
Paulo Fernando Mascarenhas Franco

Pearl S. Buck

Uma ponte entre os Estados Unidos e a China

Orientadora da Dissertação
Prof. Doutora Maria do Céu Marques

Universidade Aberta

2007

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	2
MAN VERSUS WOMAN	3
INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1. – INFLUÊNCIAS HISTORICO-POLÍTICAS NA SUA VIDA E OBRA.....	9
1.1. A PRESENÇA AMERICANA NA CHINA	9
1.1.1. <i>Pearl Buck e a vivência das Missões Cristãs na China</i>	<i>9</i>
1.1.2. <i>A Intenção Americana de Modernização da China</i>	<i>14</i>
1.2. PEARL S. BUCK E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	20
1.2.1. <i>Postura contra o Imperialismo e o Colonialismo Ocidentais</i>	<i>20</i>
1.2.2. <i>Movimento contra as Chinese Exclusion Acts.....</i>	<i>24</i>
1.2.3. <i>A aliança Sino-Americana durante a Segunda Guerra Mundial na revogação das Chinese Exclusion Acts</i>	<i>29</i>
1.2.4. <i>A campanha para revogar as Chinese Exclusion Acts.....</i>	<i>35</i>
CAPÍTULO 2. – INTERVENÇÕES HUMANITÁRIAS NA SOCIEDADE AMERICANA. 53	53
2.1. WELCOME HOUSE – A LUTA PELA ADOÇÃO DE CRIANÇAS AMERASIAN.....	53
2.2. ANTECIPAÇÃO DO CIVIL RIGHTS MOVEMENT – CONTRA O RACISMO INSTITUCIONAL NOS ESTADOS UNIDOS	58
2.3. CRUZADA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO DOS NEGROS E ASIÁTICOS.....	61
2.4. CAMPANHA NOS JORNAIS EM PROL DOS NEGROS.....	70
2.6. PEARL S. BUCK – UMA FEMINISTA?.....	84
CAPÍTULO 3. – VISÕES DA SOCIEDADE CHINESA EM THE GOOD EARTH.....	101
3.1. A INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO DO ROMANCE CHINÊS NA OBRA DE PEARL S. BUCK E REACÇÕES AO PRÉMIO NOBEL	101
3.2. AS MÚLTIPLAS MENSAGENS DE THE GOOD EARTH	112
3.2.1. <i>A importância da terra.....</i>	<i>113</i>
3.2.2. <i>A opressão das mulheres na cultura chinesa.....</i>	<i>123</i>
3.2.3. <i>O discurso racial em The Good Earth.....</i>	<i>137</i>
3.2.4. <i>A imagem dos camponeses chineses em The Good Earth.....</i>	<i>142</i>
3.3. O FILME THE GOOD EARTH – DISTORÇÃO DA MENSAGEM ORIGINAL DA OBRA	112
CONCLUSÃO.....	151
BIBLIOGRAFIA	156

AGRADECIMENTOS

De entre todos os que, de alguma forma, se envolveram na realização deste trabalho, gostaríamos de destacar:

A minha orientadora, Prof. Doutora Maria do Céu Marques, por todo o apoio consagrado ao longo desta dissertação.

Os meus pais, por todo o apoio e por todas as ajudas concedidas.

A minha cunhada Maria Eduarda, pela ajuda prestada na revisão dos textos.

Os meus filhos Miguel e Diogo, pela paciência que tiveram para comigo em momentos de maior tensão e nervosismo.

A minha mulher Olga, pelo carinho, apoio, paciência e compreensão pelas minhas ausências ao longo destes três anos.

O meu tributo especial às mulheres especiais da minha vida, a minha mãe e a minha mulher, pelo seu valor, tenacidade e força interior, bem como a Pearl S. Buck, pela sua vida como mulher e como escritora, e a todas as mulheres, através deste poema escrito por mim em 2004:

MAN versus WOMAN

A man has got to do
What a man has got to do.
And a woman?
A woman has got to do
Even more!

Celebrate your humankind
Or celebrate your womankind?
She is where we come from
She is who we go to
Looking for protection
Looking for love
Looking for everything
Looking for who we are.

Finding our source
Finding our missing half
Looking ahead
One with each other
Parallel paths
Joint efforts
Strong bonds
Even if invisible
But there
Always.

What must we prove?
That we are different
But the same
Under the deep blue sky.
Even. Forever.

INTRODUÇÃO

O estudo que apresentamos, *Pearl S. Buck: Uma ponte entre os Estados Unidos e a China*, integra-se num trabalho de investigação na área de Estudos Americanos, cuja finalidade é analisar alguns dos principais factores que influenciaram a vida e a obra da autora, com especial relevância para o seu romance mais conhecido, *The Good Earth*.

Procuraremos com este trabalho compreender algumas das causas que levaram Pearl S. Buck (PSB) a escrever sobre o Oriente, sobretudo a China, como tema para grande parte da sua obra; o porquê do seu interesse nos direitos das mulheres e das minorias étnicas; o porquê do seu interesse na criação de uma agência de adopção para crianças *Amerasian*, em particular, e mestiças, em geral; e de que modo estes assuntos influenciaram a sua obra e o seu percurso de vida.

Deste modo, optámos por dividir este estudo em três tópicos principais. O primeiro corresponde ao primeiro capítulo – Influências historico-políticas na sua vida e obra; o segundo corresponde ao segundo capítulo – Intervenções humanitárias na sociedade americana; o terceiro corresponde ao terceiro capítulo – Visões da sociedade chinesa em *The Good Earth*.

No primeiro capítulo analisaremos a forma como a sua infância e metade da sua vida adulta passadas na China tiveram uma influência basilar na construção da sua personalidade, que viriam a marcar a sua obra e o seu percurso de vida. Iremos analisar a sua história de vida e a educação evangélica que recebeu do pai, pastor presbiteriano convicto na conversão e salvação das almas dos chineses pagãos. Procuraremos também enquadrar o seu percurso de vida com as alterações na sociedade chinesa no início do século XX e com os tumultos e as revoluções na

China, que a condicionaram, obrigando-a e à família a fugir várias vezes para escaparem de uma morte certa.

Desde cedo se habituou a conviver com utopias e ideais nobres, sobretudo por influência do pai, cuja fé e impulso evangelizadores não conheciam limites, na tentativa insana de converter ao cristianismo o povo chinês primitivo e pagão. Habituou-se também desde tenra idade a ver nos outros as semelhanças em vez das diferenças, o que lhe deu uma experiência de vida que lhe facultou uma compreensão profunda das relações entre raças. Embora afirme ter vivido uma infância feliz, houve momentos que ensombraram esse “estado de graça”, sentindo na alma a violência do ódio e da discriminação racial, quando eclodiu a revolta dos *Boxers* em 1900. Pelo simples facto de ter pele branca, cabelos louros e olhos azuis, tornou-se num alvo óbvio de toda a raiva sentida pela presença opressora e prepotente dos ocidentais na China. Quando rebentou a revolta dos *Boxers*, teve que fugir e toda a família procurou refúgio durante um ano em Shanghai, com excepção do pai, Absalom, que manteve uma atitude de obstinada teimosia, continuando a sua acção evangelizadora no norte da China. Essa e outras atitudes contribuíram para que mais tarde PSB se demarcasse do movimento missionário americano, levando-a a insurgir-se contra aquilo que designou de “imperialismo espiritual” e que, segundo a sua opinião, violava a liberdade religiosa e cultural de um povo milenar.

O regresso de toda a família aos Estados Unidos em 1901 ficou marcado pelo assassinato do presidente William McKinley, que contribuiu para reforçar ainda mais a noção de que a violência não era um fenómeno exclusivo da China, uma vez que os próprios Estados Unidos da América não estavam protegidos desse flagelo. Em 1902 regressaram à China à missão em Zhenjiang e em 1909, com 17 anos, foi enviada para Shanghai, para a *Miss Jewell's School*, outrora a mais prestigiada escola inglesa na Ásia. A presença de PSB na grande metrópole viria a proporcionar-lhe uma experiência de vida que a terá marcado para sempre.

Oferecendo-se como voluntária para a *Door of Hope*, uma organização que recolhia prostitutas e raparigas escravas chinesas, PSB conheceu e contactou de perto com uma realidade chocante, a da exploração fria e calculista das mulheres pelos homens.

Iremos ainda mostrar de que forma os Estados Unidos procuraram influenciar a China, a partir das missões de evangelização e da modernização da agricultura na China; e de que forma PSB esteve presente nesses movimentos, com os pais missionários e o primeiro marido, respectivamente. Em 1910 a família Sydenstricker regressou aos Estados Unidos e PSB matriculou-se no Randolph Macon Woman's College, em Lynchburg, Virgínia, onde se formou em Psicologia. Regressou à China em 1914 e casou-se com John Lossing Buck em 1917, um economista agrícola. Dado que o marido se encontrava empenhado em ajudar o povo chinês a melhorar a sua produção agrícola, PSB serviu-lhe de intérprete, acompanhando-o nas suas viagens pelas províncias rurais chinesas e conhecendo de perto a realidade desse povo. Esse período de acalmia foi quebrado em Março de 1927, quando ocorreu o “Incidente de Nanquim”, onde escapou da morte por pouco, tendo-se refugiado no Japão durante um ano. Ainda regressou a Nanquim, apesar de continuar o clima de insegurança e instabilidade, onde permaneceu até 1934, ano em que regressou de vez aos Estados Unidos.

Procurar-se-á também salientar o papel desempenhado por PSB durante a Segunda Guerra Mundial, e realçar as posições por ela assumidas contra o encarceramento durante a guerra dos emigrantes japoneses a residirem nos Estados Unidos, bem como as suas posições de anti-imperialista, defensora e activista da revogação da lei americana de exclusão absoluta da imigração chinesa.

No segundo capítulo abordaremos a faceta humanitária/humanista de PSB e as razões que determinaram a sua cruzada em prol dos mais desfavorecidos, as

crianças *Amerasians* órfãs, fruto de relações de pais americanos, soldados em serviço em vários países asiáticos, sobretudo no Japão e na Coreia. Mostraremos de que forma PSB se tornou uma precursora do *Civil Rights Movement*, empreendendo uma campanha a favor do fim da discriminação das minorias étnicas, cerca de vinte anos antes de esta ter sido iniciada com Martin Luther King e Malcom X, entre outros. A este propósito, procuraremos mostrar de que forma PSB alertou a sociedade americana para a necessidade de aplicar os princípios de igualdade e de justiça em relação aos *African Americans* e aos povos asiáticos. Faremos referência à amizade com Eleanor Roosevelt e ao papel determinante que desempenharam na reivindicação da igualdade de direitos dos *African Americans*. Procuraremos ainda analisar o percurso e as tendências feministas reveladas por PSB nas posições que defendeu e nos muitos artigos que escreveu, com o intuito de alertar a sociedade americana para a necessidade de acabar com a discriminação das mulheres.

O terceiro capítulo debruçar-se-á sobre a obra mais emblemática de PSB, *The Good Earth*, que lhe proporcionou a atribuição do Prémio Nobel da Literatura em 1938. Procuraremos mostrar de que forma o romance chinês influenciou o seu estilo de escrita e as reacções desfavoráveis de outros escritores aquando da atribuição do Prémio Nobel. Analisaremos também os aspectos mais relevantes dessa obra e como PSB apresenta a sociedade chinesa na transição do período imperial para o período republicano, dando particular ênfase à terra, à opressão das mulheres na cultura chinesa e ao discurso racial. Será feita referência à imagem dos camponeses chineses e ao filme *The Good Earth* realizado em Hollywood.

É interessante constatar a influência do pensamento chinês na obra de PSB, desde a primeira à última obra, evidente na análise dos títulos do primeiro e do último romances: *East Wind*, *West Wind* e *All Under Heaven*. O primeiro traduz a dualidade entre tendências opostas mas complementares, como o *Yin* e o *Yang* da

doutrina Taoista, e alude à obra clássica *The Dream of the Red Chamber*. O último deriva de uma máxima Confucionista, “Under Heaven all are one”, que vem demonstrar não só um conhecimento profundo da literatura chinesa, mas também a sua própria cosmovisão e convicções.

Tendo em conta as diferentes perspectivas apontadas, tentaremos reflectir sobre a identidade de PSB, através da relação entre a mulher e a escritora, entre a defensora dos direitos das minorias étnicas e dos direitos mulheres, e a sua interacção com as figuras que marcaram esta época em momentos significativos da sua vida.

Capítulo 1. – Influências historico-políticas na sua vida e obra

Let China sleep, for when it wakes,
it will shake the world.

Napoleon Bonaparte

1.1. A Presença Americana na China

1.1.1. Pearl Buck e a vivência das Missões Cristãs na China

Pearl S. Buck (nome de batismo, Pearl Comfort Sydenstricker) nasceu em 26 de Junho de 1892, em Hillsboro, West Virginia, nos Estados Unidos. Filha de Absalom e Carie Sydenstricker, missionários Presbiterianos sulistas colocados na China, foi o quarto de sete filhos, dos quais apenas três atingiriam a idade adulta. Quando tinha apenas três meses de idade, os pais regressaram ao continente asiático, levando-a para Zhenjiang, na província de Jiangu, uma pequena cidade situada na junção do rio Yangtzé e do Grande Canal. O pai passava longas temporadas longe de casa, a percorrer o interior rural da China e a procurar converter os chineses ao Cristianismo. Enquanto isso, a mãe de PSB pregava a mulheres chinesas, num pequeno dispensário que criara.



Figura 1: A família Sydenstricker em 1894

A presença dos Sydenstricker na China ficou a dever-se à vontade férrea do patriarca da família e aos acontecimentos políticos que ocorreram na transição da China Imperial para a República, através da turbulência criada pelas múltiplas revoltas e revoluções que sacudiram o país, na transição do século XIX para o XX. A harmonia em que decorria a infância de PSB foi interrompida em 1900,

devido à revolta dos Boxers¹, na qual os Nacionalistas se viraram contra a presença dominadora dos ocidentais, conduzindo ao colapso da dinastia Ch'ing. Carie temeu pela vida da sua família, e todos eles tiveram de ser evacuados para Shanghai, onde ficaram refugiados, durante quase um ano, num local de certa forma seguro, esperando com ansiedade por notícias do destino do patriarca da família. Este, indiferente ao clima de perturbação e tumultos, manteve-se irredutível na sua determinação em continuar a pregar, apesar dos ocidentais, em geral, e dos missionários em particular, estarem a ser molestados e serem, por vezes, assassinados. Quando no final conseguiu juntar-se à família, após longos meses de separação, Absalom vinha abalado e esgotado, a nível físico e psicológico. A 8 de Julho de 1901 partiram para os Estados Unidos, viajando de navio desde Shanghai até S. Francisco. Apesar de todas as vicissitudes pelas quais tinham passado, regressaram à China em Setembro do ano seguinte.



Figura 2: Os Sydenstrickers na China em 1901.

A família Sydenstricker regressou à sua missão em Zhenjiang, arrastada pela fé inabalável de Absalom, sem que este desse importância aos receios de Carie acerca da instabilidade política na China. Durante a primeira década do século XX, a acção evangelizadora do missionário conheceu um período áureo, continuando a espalhar a Palavra de Deus de forma incansável, tendo conseguido converter milhares de pagãos e fundado mais de duzentas escolas e igrejas na sua jurisdição. Em 1910, os Sydenstrickers deixaram a China, rumo aos Estados Unidos mas, desta vez, fazendo a vontade a PSB, viajaram através da Rússia e Europa, e depois atravessaram o Atlântico, em direcção à Virgínia. Foi aí que PSB se matriculou no Randolph Macon Woman's College, em Lynchburg, onde era respeitada e admirada pelas colegas, embora se

¹ Sociedade secreta chinesa que pretendia expulsar todos os estrangeiros da China.

sentisse infeliz. Após a sua formatura, regressou à China para tomar conta da mãe, que entretanto adoecera.

Em Março de 1927, PSB receou de novo pela sua vida e da família, aquando do chamado “Incidente de Nanquim”. Nesta batalha, entre os partidários Nacionalistas de Chiang Kai-shek, forças comunistas e “senhores da guerra”², vários ocidentais foram assassinados, entre eles o Dr. John Williams, vice-presidente da Universidade de Nanquim, onde PSB leccionava. Auxiliados por uma empregada chinesa, esconderam-se num abrigo em condições muito precárias, com adultos e crianças compactados num espaço exíguo. Aí permaneceram muitas horas em grande aflição, ouvindo aterrorizados os tiros, os gritos, a pilhagem e a destruição que ocorria no exterior. O desespero levou PSB a pensar no pior: “When the shouting grew louder and nearer and capture seemed inevitable, Pearl and Grace vowed to each other that they would kill their children rather than permit them to be murdered by the soldiers.” (Conn 1996: 91-2). A este propósito, PSB afirma na sua autobiografia: “As for the children, they were small and they would never know. As for me, I would see that they went ahead of me.” (Buck 1975: 237). Nesse momento, PSB deu-se conta de que, apesar da sua presença na China não ter nada que ver com o domínio hegemónico comercial e político das potências estrangeiras, era considerada uma representante da sua espécie: “For the first time in my life I realized fully what I was, a white woman, and no matter how wide my sympathies with my adopted people, nothing could change the fact of my birth and my ancestry.” (236). Conseguiram, a custo, escapar com vida, quando já tudo parecia perdido, ao serem salvos por soldados americanos, evacuados em lanchas, rio abaixo, em direcção a Shanghai. Depois, partiram para Unzen, Japão, e aí permaneceram no ano seguinte. Mais tarde, regressaram a Nanquim, apesar de se manterem inalteradas as condições de perigo.

² Líderes políticos com exércitos privados, que disputavam entre si, e contra as forças do governo central chinês, o domínio de territórios na China.

O seu primeiro romance, *East Wind, West Wind*, foi publicado em 1930 e, um ano mais tarde, *The Good Earth*. Este tornou-se o *best seller* de 1931 (vendendo 1.800.000 cópias nesse ano) e 1932, e foi adaptado ao cinema em 1937 pelos estúdios da MGM. Em 1935, PSB tinha ganho o *Pulitzer Prize* e a *Howells Medal*. Em 1938 foi agraciada com o Prémio Nobel da Literatura, apenas oito anos após o lançamento do seu primeiro romance. A partir de 1934, mudou-se definitivamente para os Estados Unidos, para estar mais próxima do seu segundo marido, Richard Walsh, e da sua filha, Carol. Em 1936 tornou-se membro da *National Institute of Arts and Letters*.

A partir do momento em que PSB se estabeleceu em solo americano, começou a exercer várias acções de cariz social e até de intervenção política. Uma vez estabelecida a sua importância como especialista em questões relacionadas com a China, o nome de PSB começou a aparecer na imprensa americana quase sempre que surgia algum acontecimento que tivesse que ver com este país asiático. A controvérsia em torno de PSB surgiu quando apresentou uma comunicação



Figura 3: Pearl S. Buck a receber o Prémio Nobel do Rei Gustavo V em 1938.

perante 1.500 presbiterianos em Nova Iorque, no Outono de 1932. Nessa ocasião, ela criticou o pessoal dos movimentos missionários e expôs as suas dúvidas relativamente a alguns dogmas teológicos da Igreja. Como PSB não hesitava em exprimir as suas opiniões, mesmo as de cariz religioso, regra geral de forma contundente e incisiva, o *Presbyterian Board of Foreign Missions* ameaçou expulsar PSB, depois de ela ter publicado um artigo na revista *Harper's*, onde criticou a arrogância de alguns missionários estrangeiros na China e questionou aspectos da teologia cristã. Certos dirigentes mais fundamentalistas acusaram-na de heresia e exigiram a sua expulsão. Ela insurgiu-se contra a doutrina que levava à condenação eterna de todos aqueles que não professassem a religião cristã e

afirmou que tal prática era uma “superstição” que não deveria ser imposta aos chineses. Chegou ao ponto de afirmar, num artigo publicado antes da sua demissão: “Almost every missionary who has achieved distinction in appreciation and understanding of a culture which he was sent to Christianize, and who has expressed that appreciation and understanding, has been forced to leave missionary ranks.” (Hadden 1933: 107-8). Devido à pressão exercida pelos fundamentalistas e pela imprensa, PSB demitiu-se da direcção no final desse ano e passou a demarcar-se da posição missionária oficial em relação à China, quer nos artigos publicados, quer nas suas palestras e intervenções públicas. Um dos seus apoiantes na direcção demitiu-se também, por solidariedade, afirmando que ela era “the most distinguished and finest woman missionary we had” (108). Quando os Buck regressaram à China no Verão de 1933, PSB afirmou à partida, “I am still a Christian” (*Ibid*)

Mulher de fortes convicções, e apesar de filha de um missionário fervoroso, PSB não hesitou em exprimir, de forma veemente, a sua opinião sobre a presença dos missionários na China, considerando-a como uma forma de “imperialismo espiritual”. Referiu que essa presença em solo chinês se revestiu de grande arrogância e de atitudes e sentimentos de superioridade perante o povo chinês. Anos mais tarde, ao reflectir sobre este assunto na sua autobiografia *My Several Worlds*, admitiu sentir-se ainda perturbada, só de pensar nessas atitudes:

Our missionaries were given the freedom to live where they wished, to open schools foreign in all they taught, to establish hospitals which practiced foreign medicine and surgery, and strangest of all, these missionaries were free to preach a religion entirely alien to the Chinese, nay, to insist upon this religion as the only true one and to declare that those who refused to believe would and must descend into hell. The affrontery of all this still makes my soul shrink. (Buck 1975:54)

1.1.2. A Intenção Americana de Modernização da China

As relações entre a China e o Ocidente passaram por inúmeras fases, de Marco Polo aos dias de hoje, desde os contactos comerciais e de amizade com os portugueses que, a partir do século XVI, se estabeleceram em Macau e aí ficaram durante 442 anos, e os britânicos, que permaneceram em Hong Kong durante 156 anos. Ao longo dos séculos, a China sofreu inúmeras influências do exterior, potências estrangeiras, sobretudo ocidentais, que cobiçaram o seu enorme potencial. O “Império do Meio” já era uma sociedade florescente enquanto a Europa se encontrava ainda dividida em pouco mais do que reinos primitivos. De acordo com um antigo provérbio chinês, “os agricultores da China lavravam a terra com arados de ferro, enquanto na Europa se usava a madeira”. Apesar de tudo, continuou a lavar com arados de ferro enquanto a Europa passou a usar o aço. Com o advento do Comunismo, a influência de uma estrutura económica do tipo soviético, com fortes tendências centralizadoras e burocráticas, passou a dominar o “gigante” milenar, desde que Mao Tse Tung chegou ao poder. Esse foi um ponto de viragem decisivo nas relações com o exterior, sobretudo com o eixo “imperialista” liderado pelos Estados Unidos. As reformas económicas começaram em 1978, de forma lenta, até ao momento em que Deng Xiaoping declarou que a China iria entrar numa nova era, do “sistema de mercado socialista”, surpreendendo o mundo ao proclamar que “ser rico é glorioso”.

A principal motivação da presença dos ocidentais na China na viragem do século XIX para o XX era enriquecer. Houve, para além dessa, outras motivações, que justificaram a demanda de americanos nas planícies do norte da China. Estas foram comparadas com as grandes planícies dos Estados Unidos, devido ao seu clima e à aridez do terreno, a desflorestação tinha-as deixado mais expostas à erosão e à seca. A partir da segunda metade do século XIX, com o advento do

*Manifest Destiny*³, passou a haver uma percepção diferente das fronteiras americanas e chinesas. Com o propósito de fomentar a migração americana e o estabelecimento de populações nas Grandes Planícies, uma série de promotores imobiliários, agentes dos caminhos-de-ferro e jornalistas, promoveram essa região como se fosse um jardim, em vez de um deserto. Quase em simultâneo, missionários, eruditos e turistas começaram a considerar o norte da China de uma forma mais favorável. Apesar de possuir características tão hostis como as Grandes Planícies e uma agricultura também muito primitiva, vários escritores americanos anteviram a possibilidade de mudança e de melhoramento das planícies do norte da China. Devido a esta nova perspectiva sobre a China, o Extremo Oriente passou a ser alvo da expansão americana.

Em 1894, Arthur H. Smith⁴ publicou o livro *Chinese Characteristics*, depois de ter realizado trabalho como missionário na China durante 22 anos, uma das obras mais populares sobre a China do final do século XIX. Smith constatou que os camponeses chineses, apesar de bons trabalhadores, demonstravam uma enorme resistência cultural em relação à mudança dos seus métodos tradicionais. Por essa razão, sentiu a necessidade de querer contribuir para alterar as condições sociais e ajudar a colmatar as lacunas dos agricultores chineses, para poder fazê-los sair da “idade das trevas” e entrar no esplendor do novo século (Smith 2003: 115-24). A partir do Inverno de 1885-86, com o aperfeiçoamento do arado e com outros melhoramentos tecnológicos, os Estados Unidos conseguiram aumentar a sua produção agrícola nos anos que se seguiram até ao fim do século. Durante este período, a expansão económica e geográfica continuou em direcção ao Oeste, até atingir o Pacífico, tendo desenvolvido a agricultura nas Grandes Planícies. A

³ Uma expressão utilizada por líderes e políticos norte-americanos, na década de 1840, para justificar a expansão continental nos Estados Unidos, que revitalizou um sentido de “missão” ou de destino nacional para muitos americanos.

⁴ Missionário americano (1845-1932) que viveu vinte e dois anos na China e escreveu várias obras sobre a China, nomeadamente *Chinese Characteristics* (1894), *Proverbs and Common Sayings from the Chinese* (1886; 1916); *Village Life in China: A Study in Sociology* (1899); e *China in Convulsion* (1901), um estudo da Rebelião dos Boxers em dois volumes.

partir de 1870, os Estados Unidos começaram a exportar parte da sua produção agrícola, que se tornara excedentária, enquanto a China, com 85% de população rural, que não conseguia ser auto-suficiente, tinha que importar comida do estrangeiro. Por essa razão, os Estados Unidos consideraram a China um novo mercado a ser explorado em termos económicos. Apenas nove anos após o “encerramento” da fronteira, que havia sido proclamada por Frederick Jackson Turner⁵ como um marco na História dos Estados Unidos, surgiu a *Open Door policy*⁶, abrindo ao ocidente um mundo de novas oportunidades⁷.

Juntamente com a expansão comercial, chegou a expansão ideológica em solo chinês. Em 1870, o missionário protestante William Speer⁸ publicou o livro *The Oldest and the Newest Empire: China and the United States*, no qual procurou estabelecer uma comparação cultural entre o Extremo Oriente e o Oeste americano, ao apontar para uma relação estreita entre os chineses e os *Native American Indians*. Speer argumentou que as raças autóctones do Novo Mundo tinham a sua origem no continente asiático. Por essa razão, estabeleceu uma

⁵ Historiador americano que lançou as fundações para o estudo histórico moderno do Oeste americano e que apresentou uma “tese de fronteira” que continua, ainda hoje, a influenciar o pensamento histórico actual. Em 1893 proferiu uma conferência sobre o tema “*The Significance of the Frontier in American History*”, que teve uma influência marcante na História dos Estados Unidos, por ocasião da *World’s Columbian Exposition*, em Chicago, para celebrar o quarto centenário da viagem de Colombo.

⁶ Após o final da Guerra Hispano-Americana, e quando tomaram posse das Filipinas, os Estados Unidos começaram a levar mais a sério os assuntos ligados com o Extremo Oriente. Dado que a China se encontrava num caos político e económico no final do século XIX, não sendo reconhecida como uma nação soberana pelas potências principais, no Outono de 1898 o Presidente McKinley exprimiu o seu desejo de criar uma “*Open Door policy*”, que concedesse acesso ao mercado chinês por parte de todas as nações comerciantes. Na prática, e dado que os Estados Unidos não tinham uma esfera de influência na China, ao contrário das potências imperialistas europeias, o Secretário de Estado John Hay teve a intenção de afirmar perante essas potências, através dos meios diplomáticos, a autoria dessa política. De facto, se a China acabasse por ser partilhada pelas nações com maior influência no continente asiático, os Estados Unidos seriam certamente excluídos de futuras actividades comerciais. Por isso, Hay estava apenas a tentar proteger os interesses dos investidores e homens de negócios americanos, bem como afirmar o poderio do novo “gigante” americano.

⁷ A justificação para a “*Open Door policy*” utilizou um discurso emprestado da expansão para o Oeste americano.

⁸ Missionário americano (1822-1904) que passou quatro anos muito produtivos na China, mas regressou aos Estados Unidos após a morte da mulher e do filho. Em 1852 viajou para a Califórnia para auxiliar os imigrantes chineses que se tinham juntado à *Gold Rush*.

teoria: a história do novo continente mostrava que a conversão dos *Native American Indians* estabelecia um precedente relevante, dando aos Estados Unidos o direito divino de encontrar missões no ultramar para converter os “heathen Chinees” (Speer 1994: 24). A emigração de missionários americanos para a China passou a constituir uma estratégia de controlo social. Apesar de existirem missões protestantes na China desde 1830, estas aumentaram em número e em intenção evangelizadora após o anúncio, em 1899, da *Open Door policy* americana.

No final do século XIX, as potências ocidentais exerciam o seu poderio na China, através de concessões territoriais e comerciais em solo chinês, criando sentimentos de repulsa em relação à presença arrogante dos ocidentais. A Guerra do Ópio entre a Grã-Bretanha e a China (1839-1842) foi o primeiro de vários incidentes que criou uma animosidade profunda em relação à prepotência dos europeus no território chinês, outrora soberano. Os sentimentos anti-estrangeiros conduziram ao rápido desenvolvimento de uma sociedade secreta chinesa, conhecida por *I Ho Ch'uan* (Punhos Harmoniosos Honrados), referida pelos ocidentais por *Boxers*. Estes pretendiam a expulsão dos “demónios estrangeiros” e dos cristãos chineses convertidos. A violência e os assassínios, inicialmente direccionados contra os cristãos chineses, passou a incluir ocidentais, aquando do assassinato de um missionário britânico a 30 de Dezembro de 1899. A partir daí, aumentou a violência e os governos ocidentais tiveram que enviar tropas para proteger as suas delegações e interesses em Pequim. A Rebelião dos Boxers foi esmagada pela acção conjunta de forças estrangeiras – Grã-Bretanha, Alemanha, Rússia, França, Estados Unidos, Japão, Itália e Áustria. Após duas grandes batalhas contra forças chinesas, as potências ocidentais conseguiram finalmente chegar à capital a 14 de Agosto, para proteger as suas delegações diplomáticas e comerciais. Nos meses seguintes, a ocupação e o domínio de Pequim aumentaram, bem como no Norte da China, culminando com a abolição da Sociedade dos Boxers pelas autoridades chinesas a 1 de Fevereiro de 1901, e com a assinatura do protocolo de paz com as nações aliadas a 7 de Setembro.

Com o falhanço da rebelião dos nacionalistas chineses, os ocidentais que tinham temido pelas suas vidas na China, sentiram-se encorajados em levar por diante as suas intenções de “auxiliar”, material e espiritualmente, o primitivo povo chinês. Entre as novas chegadas, encontravam-se os missionários agrícolas, que vinham com a intenção de ensinar técnicas modernas de agricultura, juntamente com a nobre missão de “salvar almas”. Em 1915, John Lossing Buck, agrónomo americano formado na faculdade de Cornell no ano anterior, foi colocado em Nansuzhou, na província de Anhui, nas planícies do norte da China. Três anos mais tarde viria a casar com Pearl Sydenstricker, filha de um missionário, que crescera e fora educada na China. Em 1921, John Buck aceitou um convite para leccionar na Universidade de Nanquim, onde nos anos seguintes leccionou economia, sociologia rural, engenharia agrónoma e administração. A queda da dinastia Manchu em 1911 e as revoluções republicana e nacionalista que se seguiram, tornaram a China mais sedenta de modernização, havendo receptividade pelas novas ideias científicas e tecnológicas que chegavam a este país pela mão dos ocidentais. Em 1930, John Buck publicou o livro *Chinese Farm Economy: A Study of 2866 Farms in Seventeen Localities and Seven Provinces in China*, em que observou que muitos dos métodos agrícolas modernos não eram passíveis de ser aplicados, nem deveriam ser aplicados nas planícies do norte da China. Os camponeses chineses eram pobres demais para adquirir e acomodar as ceifeiras, debulhadeiras, arados a vapor e semeadeiras. No entanto, Buck louvou os métodos tradicionais arcaicos que permitiam que os camponeses chineses trabalhassem a terra de uma forma bastante eficaz. Constatou que, apesar de não possuírem nem conhecimentos nem meios tecnológicos modernos, de terem uma densidade populacional mais baixa *per capita* dos terrenos agrícolas, conseguiam uma produção mais elevada por hectare do que os próprios Estados Unidos. Em parte, esse fenómeno era devido ao facto da estação de maturação das colheitas ser maior na China, o que permitia obter duas colheitas por ano. Uma grande fatia desses resultados era alcançada devido ao trabalho intenso e engenhoso dos

camponeses chineses. A constatação desta realidade suscitou algumas críticas no meio académico americano, que criticaram Buck por comparar os Estados Unidos com a China. A sua acção foi, contudo, reconhecida como sendo de grande valor: “Buck was perhaps the most important Western analyst of China’s rural social conditions who worked in this century” (Spence 1990: 101). A sua obra foi a primeira a reconhecer o alcance das verdadeiras potencialidades da China e serviu como manual de treino para várias gerações de economistas agrícolas chineses. A perspectiva tipicamente ocidental de Buck, e a fé nos ideais cristãos, levou-o a criticar várias tradições, crenças e actividades chinesas.⁹

Durante os anos em que John Buck desenvolveu a sua pesquisa, PSB acompanhou-o nas suas viagens de recolha de dados. Devido aos seus profundos conhecimentos do povo, da cultura e da língua, PSB desempenhou um grande papel como intérprete. Numa fase em que a acuidade visual de John diminuiu nos finais da década de 1920, PSB auxiliou-o, dactilografando os seus relatórios. No contacto directo com a vida rural, PSB apercebeu-se de que os chineses eram mais empreendedores e económicos do que os americanos. Alguns anos após o divórcio, PSB escreveu na sua autobiografia que, pelo facto de acompanhar o marido nas suas pesquisas científicas, deu-se conta de que ele tinha muito mais a aprender do que a ensinar aos camponeses chineses: “It became more and more apparent as time went on that it would be difficult to find concrete ways of helping the farmers of the region, who had learned to cope with drought and high dry winds and long cold winters, and it was disturbing to any American man, I am sure, to find that he had more to learn than to teach.” (Buck 1975: 154). PSB constatou que estes viviam há inúmeras gerações no mesmo pedaço de terra e “were still able to produce extraordinary yields (...) without modern machinery. Whole families lived in simple comfort upon farms averaging less than five acres and certainly I had known of no Western agriculture that could compete with

⁹ Buck opunha-se ao jogo, ao ópio e “other unfortunate forms of self-indulgence,” comportamentos que considerava contribuir para diminuir a produtividade agrícola (421).

this.” (*Ibid*) Apesar dessa constatação e do seu cepticismo em relação à aplicabilidade dos conhecimentos científicos do marido, PSB optou por não o revelar, “for I had been well trained in human relationships, among which it is important indeed that, if she is wise, a woman does not reveal her skepticisms to man.” (*Ibid*) No ano a seguir à edição do livro do marido, PSB publicou *The Good Earth*, onde criticou de forma implícita os métodos de modernização dos Estados Unidos, ao celebrar a tradição chinesa, a conservação da terra e a falta de tecnologia. PSB conta-nos na sua autobiografia que o marido se sentiu bastante frustrado depois de verificar a indiferença dos camponeses chineses perante o que de melhor existia na ciência ocidental que ele lhes transmitira. Esta constatação pôde gerar uma reflexão acerca dos países ditos “modernos” que se esforçam por impor as suas soluções científicas mais evoluídas a países não desenvolvidos, vulgo do “terceiro mundo”: “This experience of Pearl and John Buck in their early days in northern China may well be pondered by those politicians and research professors who investigate the economic solution of the political problems of the so-called "underdeveloped areas."” (Northrop 1960: 283).

1.2. Pearl S. Buck e a Segunda Guerra Mundial

1.2.1. Postura contra o Imperialismo e o Colonialismo Ocidentais

PSB manteve uma actividade bastante crítica em relação às guerras que assolaram o seu tempo. No que diz respeito ao conflito sino-japonês, ela ajudou a promover o lugar comum de que os chineses – e, por extensão, os orientais em geral – davam pouco valor à vida humana. Esse comentário surgiu na revista *Asia* em Outubro de 1937, a propósito das atrocidades cometidas e da desumanidade da guerra em curso entre a China e o Japão:

What we now see in China, therefore, is the combination of parts of two civilizations, without the restraint of the balancing part; that is, a war carried on with modern weapons, the product of the West, and with a spirit of utter disregard for individual human life, which is the result of life in the Orient. (*Asia*, 37:10.¹⁰)

PSB alertou para factos que, até então, jamais tinham sido salientados por alguém de raça branca. Apesar desta caracterização dos chineses e japoneses em tempo de guerra, PSB escreveu, na sua autobiografia, que os asiáticos eram um povo de natureza e aspecto pacífico, com uma tradição cultural que promovia o saber, como afirma: “In old Asia where the soldier was given no honor and war was without glory, there arose a culture which emphasized learning and wisdom.” (Buck 1975: 155). Na Ásia, o soldado era encarado com desprezo, devido a todas as guerras que varreram esse vasto continente ao longo dos séculos, e era considerado mais vil do que um pedinte, em termos morais: “But to be a beggar was to accept a lowly life, unless one went still lower and became a professional soldier, lower because soldiers destroy and consume and do not produce” (13). Para PSB, enquanto criança na China, era já bastante claro que os soldados eram um tipo de pessoas a evitar a todo o custo. Ela conta um episódio passado consigo no qual fugiu a um soldado e, perante a admiração da mãe por tamanha pressa e aflição, refere que:

I could not explain. She belonged to the little white world and she could not understand. But in my other world I had been taught that a soldier is not a man, in the civilized sense of the noble world. He is separated from the laws of life and home, and it is well for a girl child to run fast if he comes near (13).

A vida militar era encarada com desdém e as proezas militares e a crueldade dos guerreiros não eram engrandecidas. Os eruditos não louvavam a guerra e poetas

¹⁰ "Western Weapons in the Hands of the Reckless East" – O título do artigo é bastante revelador.

como Liang Po descreveram os horrores e a devastação da guerra, em vez de a glorificarem. O curioso é que, ao longo da História da China, houve dirigentes que, enquanto no poder, mantinham uma postura Confucionista¹¹, mais interveniente na sociedade, apesar de a sua personalidade possuir características Taoistas¹². Essa inclinação fez com que, após cessarem a governação e os seus cargos públicos (e depois de satisfeitos os seus sonhos de glória mundana), retiravam-se para as suas províncias de origem, para pintar e escrever poesia, imitando os eremitas Taoistas. Destes destacaram-se Chiang Kai-shek e Mao Tse-tung que, depois de assumirem uma postura belicista violenta decidiram, no final das suas vidas, entregarem-se a uma vida de contemplação.

Após o ataque a Pearl Harbor, PSB continuou a ser considerada uma especialista em questões orientais, sobretudo acerca da China, e começou a referir, de forma insistente, o tema do preconceito racial nas suas palestras e aparições públicas. Era uma liberal neste domínio e é bem provável que tenha contribuído mais do que lhe tem sido reconhecido pelo movimento liberal contra o racismo na América. Durante os anos da guerra, ela atacou constantemente o racismo e a presunção americanos, exprimindo essas ideias num discurso em Fevereiro de 1942: “the peoples of Asia want most of all in this war their freedom (from white

¹¹ Doutrina filosófica criada por Confúcio (Kung Fu Tzu) (551-479 AC) que tem como objectivo alcançar uma sociedade harmoniosa, baseada na bondade e igualdade entre todos os seres humanos. Assente em princípios como a moralidade, a benevolência, a humanidade e códigos de conduta, é considerada por muitos como uma religião. Embora não possua características como o Cristianismo, o Islamismo ou o Judaísmo, nem se pronuncie sobre Deus e sobre a vida depois da morte, contempla, no entanto, princípios religiosos como *Tien e Tao*, o Céu e o Caminho, e aceita outras crenças da China – o Taoísmo e o Budismo.

¹² Doutrina filosófica que se julga ter sido fundada por Lao Tzu (604-531 AC) e que preconiza o equilíbrio entre o Homem e o Universo, cuja causa primeira é o Tao. Apesar de ser considerada uma religião, não concebe a existência de uma divindade personificada. Os crentes procuram respostas para os problemas da vida através da introspecção da meditação e da observação do que os rodeia. O desenvolvimento da virtude é um dos objectivos principais e “As Três Jóias” a ser procuradas são a compaixão, a moderação e a humildade. Promove a busca da saúde e da vitalidade e está na base da teoria da Medicina Tradicional Chinesa e da Acupunctura, fomentando o equilíbrio entre as forças antagónicas mas complementares do *Yin* e do *Yang*. De acordo com os seus princípios, a doença surge quando há um bloqueio na energia e/ou o equilíbrio entre o *Yin* e o *Yang* é perturbado.

Western oppression)” (Ramsdell 1983: 9). Referiu ainda que para muitos asiáticos os Estados Unidos e a Grã-Bretanha pareciam estar a lutar mais para salvar o imperialismo do que para assegurar a liberdade dos povos. PSB previu aquilo que viria a acontecer no pós-guerra, ou seja, o aparecimento de sentimentos nacionalistas e anti-colonialistas, que surpreenderam e chocaram o mundo ocidental, mas que ela já profetizara. A sua clarividência política e o seu conhecimento profundo da Ásia e dos seus povos permitia-lhe ver mais para além do que a grande maioria, advertindo para os perigos inerentes à substituição dos impérios britânico, francês e japonês por um novo império, o americano, como expôs na revista “This Month”, no início de 1945:

The peoples of Asia today are more frightened than ever of Empire. They see the world of tomorrow committed to empire, not only to the empires they know, of Britain, France and Japan, but to potential new empires. One of them is the United States, our country, the nation that belongs to the American people. It is quite possible that we may be building an empire without knowing it. (Marsh 1953: 142)

Hoje em dia, sessenta anos mais tarde, constatamos que esse risco se tornou numa realidade bem amarga, para muitos milhares de militares norte-americanos, estacionados em “missões de paz” um pouco por todo o mundo, com especial destaque para o Iraque. Autores como Noam Chomsky e George Soros têm vindo a alertar para esse perigo de hegemonia por parte dos Estados Unidos, em livros como *Power and Terror* e *The Bubble of American Supremacy – Correcting the Misuse of American Power*, respectivamente.

PSB tinha uma visão do mundo bastante peculiar, dado ter a possibilidade de observar os acontecimentos globais através de uma perspectiva bipolar em simultâneo, quer ocidental, quer oriental. Tal circunstância ficou a dever-se à sua

educação bipartida, por um lado americana, por imposição da mãe e, por outro chinesa, segundo a orientação do seu tutor confucionista, o Sr. Kung:

Those were strange conflicting days when in the morning I sat over American schoolbooks and learned the lessons assigned to me by my mother, who faithfully followed the Calvert system¹³ in my education, while in the afternoon I studied under the wholly different tutelage of Mr. Kung. I became mentally bifocal, and so I learned early to understand that there is no such condition in human affairs as absolute truth. (Buck 1975: 57)

Desde sempre que PSB assumiu uma postura contra as guerras, encaradas como o culminar do desentendimento entre os homens e como resultado da ganância e sobrançeria dos mais fortes em relação aos mais fracos. A guerra era, para ela, um factor de involução do ser humano e de destruição dos valores e de tudo o que existe de mais sublime na civilização. Na Primavera de 1942, afirmou perante os alunos do Lawrenceville College, Virginia: “War always destroys civilization. In civilized times and places hatred is considered a mean and degrading emotion, but in wartime we are urged to cultivate hatred in order that we may the more quickly break down the manners of civilization and be eager to kill” (Sargent 1943: 219).

1.2.2. Movimento contra as *Chinese Exclusion Acts*

À semelhança dos grandes rios da China, a imagem dos chineses na mente dos ocidentais, e mais concretamente dos americanos, percorreu um longo caminho, desde Marco Polo a Pearl Buck, de Gengis Khan a Mao Tse-tung. Por um lado, o

¹³ Sistema de ensino americano de *homeschooling*, fundado em 1905 por Virgil Hillyer, director da Calvert Day School. No ano seguinte criou o *Calvert Home Instruction Department*, e ele próprio editava e aprovava cada uma das lições que eram entregues aos pais das crianças, com informações pormenorizadas sobre a sua implementação.

nome “Marco Polo” faz ecoar nas mentes ocidentais ideias de grandiosidade, de arte e de uma civilização milenar profundamente sábia, associadas à China, bem como de qualidades inerentes ao povo chinês, no que diz respeito à inteligência, espírito de sacrifício, paciência, reverência perante os mais velhos, estoicismo e índole pacífica. Estas são as qualidades que as gerações de leitores dos romances de PSB se habituaram a reconhecer nas personagens das suas obras: gente simples, trabalhadora, corajosa, aceitando com resignação os contratemplos do destino e das circunstâncias adversas. Por outro lado, o nome “Gengis Khan” e as suas hordas mongóis fazem também ecoar nas nossas mentes qualidades associadas aos chineses: crueldade, barbárie, desumanidade e o perigo de uma onda esmagadora de milhões de seres. Juntamente com estes aspectos, surgem também os estereótipos dos pagãos idólatras de múltiplos deuses, assassinos de bebés do sexo feminino, os pés enfaixados de mulheres submissas, as torturas chinesas de requintes supra-maquievélicos, a indiferença perante a dor, o sofrimento e a vida humana, a Rebelião dos Boxers e o Perigo Amarelo. Por estas razões, ao longo da história, as concepções ocidentais da China incluíram noções quer de estabilidade eterna, quer de caos ilimitado. Habitúamo-nos a atribuir aos chineses ideias tão extremas como sabedoria e ignorância supersticiosa, grande poderio e fraqueza desprezível, conservadorismo imutável e extremismo imprevisível, calma contemplativa e violência explosiva. Não é, por isso, de estranhar que as emoções dos ocidentais sobre os chineses oscilem entre a simpatia e a rejeição, a benevolência e a exasperação parentais, o afecto e a hostilidade, o amor e um medo muito próximo do ódio.

A imagem que actualmente os americanos têm dos chineses é, sobretudo, resultado do que se passou nas primeiras quatro décadas do século XX. Em primeiro lugar, é preciso ter em conta o preconceito, o desprezo e a rejeição violenta que os americanos nutriam pelos chineses que imigravam para os Estados Unidos. Os primeiros emigrantes asiáticos a entrar nos Estados Unidos foram os chineses, atraídos para a Califórnia pela “Gold Rush” de 1848. Em 1850, os

imigrantes chineses já excediam os 20.000, a maior parte deles na Califórnia. A construção dos caminhos-de-ferro durante a década de 1860 acelerou a entrada de trabalhadores chineses, chegando aos 63.199 em 1870. Dez anos mais tarde, esse número já atingia os 105.465, dos quais mais de 90 % se fixaram na costa do Pacífico (Ma 2002). No entanto, à medida que o número de chineses aumentava, os trabalhadores caucasianos na Califórnia começaram a guardar rancor aos chineses, dado que estes, por serem considerados inferiores em termos de raça e de cultura, constituíam uma ameaça para os níveis dos salários e das condições de trabalho oferecidas pelos empregadores. Por todas estas razões, em meados da década de 1870, com a conclusão dos caminhos-de-ferro transcontinentais, com o aumento da mão-de-obra caucasiana no Oeste e com a depressão económica generalizada por todo o país, os trabalhadores brancos viraram a sua ira contra os chineses. Devido a todo este clima de hostilidade para com os trabalhadores chineses, que passaram a ser *personae non grata*, nomeadamente nos estados do Pacífico, e sobretudo na Califórnia, o Congresso dos Estados Unidos passou uma lei a 6 de Maio de 1882, que proibia imigrantes chineses de entrarem nos Estados Unidos, as *Chinese Exclusion Acts*. No início, os chineses foram bem-vindos, quando as grandes linhas de ferro transcontinentais necessitavam com urgência de mão-de-obra, que se sujeitasse a condições de trabalho extremamente duras. No entanto, quando pretenderam entrar noutros sectores do mercado de trabalho, enfrentaram fortes atitudes de contestação, violência e legislação destinada à sua exclusão, numa época em que se viviam grandes dificuldades económicas. Estas leis constituíram um marco na História da discriminação racial dos Estados Unidos, sobretudo anti-asiática:

The Chinese Exclusion Act of 1882 was the first racially restrictive immigration law in American history. The emergence of this discriminatory legislation initiated a gradual process of immigration restriction based on race. The enactment of this legislation marked the end of the free immigration era in American history. This discriminatory law not only had long-term repercussions

for America's relations with China, but also affected overall immigration policy and internal politics. On the other hand, it can also be considered as merely the first step in the growth of anti-Asiatic legislation. Following enactment of this law, Asian immigration became a constant target of American nativism and racism. Subsequently, the Immigration Act of 1924 stopped the flow of immigrants from Asia into the United States. (Ma 2002)

A primeira lei *Chinese Exclusion Act* surgiu em 1882 e suspendeu a entrada de chineses durante 10 anos. Em 1892 foi prolongada por mais 10 anos e em 1902 foi, de novo, alongada por um período idêntico. No entanto, só em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, é que a lei seria revogada. A ideia que imperava entre os americanos sobre o carácter dos chineses foi o resultado de vários acontecimentos, nomeadamente a Revolta dos Boxers em 1900 e, mais tarde, de inúmeras guerras internas e revoluções sangrentas, que culminaram na Revolução comunista de Mao Tse-tung (Isaacs 1980: 63). A opinião pública americana, que já era desfavorável antes do início do século XX, passou a assumir, a partir da Revolta dos Boxers, que os chineses afinal não eram mais do que assassinos impiedosos. A presença dos chineses, encarada como uma bênção na altura da construção dos caminhos-de-ferro, passou a ser considerada uma maldição após o colapso das minas no Nevada em 1878.

Inúmeros factores contribuíram para a segregação e xenofobia em relação aos chineses. As organizações laborais apoiaram com veemência as *Exclusion Acts*, dado que as principais consequências de uma imigração sem limites era de aumentar a competição desigual pelos postos de trabalho. Um patrão sem escrúpulos nem moral não hesitaria em empregar chineses, mão-de-obra barata que se sujeitava a qualquer trabalho, em vez de trabalhadores brancos. As razões económicas foram reforçadas por razões culturais e raciais, difundidas de forma alargada pelos jornais, através de banda desenhada, que surgiu na década de 1890, contribuindo de forma decisiva para a sinofobia nacional. Os jornais diários e

semanários apresentavam personagens caricaturadas de olhos em bico, tranças compridas e vestes longas, que falavam em inglês *pidgin* e eram ridicularizados com frequência. Os teatros da Broadway colaboraram de forma significativa para que os chineses fossem ridicularizados, com caricaturas criadas pelos musicais “The King of the Opium”, “Chop Suey One Lung”, “Chinatown Charlie” e “Queen of Chinatown”. As canções popularizadas por estes espectáculos incluíram “Chin-Chin Chinaman”, “Toy Monkey”, “China Bogeyman”, “Chinee Soje Man”, “Chinky China Charleston” e “Chink! Chink!”, de Victor Herbert¹⁴ (McClellan 1971: 46).

As *Chinatowns* tornaram-se atracções turísticas, famosas pela sujidade, vício e estranhos odores, recheadas de um misticismo sombrio, associado às “sociedades secretas” chinesas, que se dizia controlarem antros de prostituição e de ópio. Estas atitudes xenófobas foram reforçadas por opiniões emitidas em revistas como a “Outlook”, pelo seu editor, o clérigo liberal Lyman Abbott, que apoiou as *Exclusion Acts* de 1902, afirmando que os chineses eram “a persistently servile and alien population, whose presence is injurious alike to the standards of American labor and and American citizenship” (Conn 1996: 32). Para além destas atitudes muito pouco favoráveis em relação aos chineses, o presidente Theodore Roosevelt descreveu-os como sendo uma “immoral, degraded and worthless race” (*Ibid*) e o seu primeiro secretário de Estado, John Hay, referia-se sempre a eles como “chinks”. Em 1912, um novo elemento destabilizador da imagem dos

¹⁴ Victor August Herbert nasceu em Dublin, na Irlanda a 1 de Fevereiro de 1859, e faleceu em Nova Iorque a 26 Maio de 1924. Tocava violoncelo, dirigia bandas e orquestras e compôs inúmeras obras, tais como 2 óperas, 43 operetas, 10 produções para teatro, 21 composições para orquestra, 6 composições para orquestra sinfónica, e ainda inúmeras outras composições para piano, cordas, flauta e clarinete e 1 cantata. Foi o co-fundador da American Society of Composers, Authors, and Publishers (ASCAP).

orientais no ocidente foi introduzido através da literatura de espionagem: o malévolo Fu Manchu.

Essa personagem de ficção, criada por Arthur Henry Sarsfield Ward, conhecido pelo pseudónimo Sax Rohmer, é um chinês com educação ocidental, cuja única ambição consiste no domínio do mundo e na destruição do ocidente. Fu Manchu é impedido de alcançar os seus ideais tortuosos apenas pela acção do inspector da Scotland Yard, Sir Denis Nayland-Smith, um orientalista com conhecimentos profundos dos misteriosos rituais e *modus operandi* do sinistro conspirador chinês. O autor desta personagem, um irlandês a viver em Londres, não possuía nenhuma agenda política secreta. Limitou-se apenas a sentir e a reflectir os receios e as incertezas que a classe trabalhadora tinha em relação aos estrangeiros. Sax Rohmer pegou no conceito vindo dos Estados Unidos, o “Yellow Peril”, personificado na figura de Fu Manchu, e exportou-o de volta, na forma de livros de espionagem, onde alcançaram um grande sucesso de vendas.

1.2.3. A aliança Sino-Americana durante a Segunda Guerra Mundial na revogação das *Chinese Exclusion Acts*

A entrada forçada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial trouxe uma nova realidade e um novo “perigo amarelo”, bem mais concreto e bem mais perigoso do que os chineses: o Império do Sol Nascente. A ambição de criar uma “grande Ásia” sem ocidentais e governada pelos senhores nipónicos, fez com que o Japão se lançasse numa aventura expansionista que espalhou a guerra e a morte por todo o Pacífico. O ataque surpresa a Pearl Harbor mudou de forma radical a política dos Estados Unidos em relação à China. No dia a seguir ao ataque, os Estados Unidos e a China declararam guerra ao Japão, tornando-se aliados a partir desse momento, o que teve um papel relevante na mudança da política americana

para o extremo Oriente, sobretudo com a China. Quando as notícias do ataque foram conhecidas, Chiang Kai-shek convocou o embaixador americano Clarence Gauss para um encontro em Chongqing, e aí propôs-lhe uma aliança militar de nações aliadas para enfrentar as forças do Eixo. A 13 de Dezembro, o Secretário de Estado Cordell Hull instruiu Maxwell M. Hamilton, o chefe da Divisão do Assuntos do Extremo Oriente do Departamento de Estado “to draw up a draft of a declaration to be made by the nations fighting the Axis, which would bind them together until victory and would commit them to the basic principles that we uphold” (Ma 2002). A 1 de Janeiro de 1942 uma declaração conjunta das Nações Unidas incluiu a China como o 4º signatário, a seguir aos Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética, o que demonstrou que a China passara a ser indispensável para o esforço de guerra americano. No entanto, os Estados Unidos adoptaram uma “Europe First Policy” desde o início da guerra, o que implicava que a estratégia de guerra americana na Ásia era secundária. No entanto, os Estados Unidos viram na China um aliado capaz de manter milhões de soldados japoneses envolvidos no conflito, até que houvesse uma vitória aliada na Europa. Por essa razão, os Estados Unidos concederam um empréstimo de 500 milhões de dólares à China em Janeiro de 1942, o que não foi apenas um gesto de boa vontade mas sim uma jogada política e estratégica para revitalizar e manter a China activa e combativa na guerra. Para alcançar esse objectivo em termos políticos, os Estados Unidos ajudaram a China a entrar na cena internacional como uma grande potência mundial (Ma 2002). A 2 de Maio de 1942, o presidente Roosevelt declarou que “in the future an unconquerable China will play its proper role in maintaining peace and prosperity not only in Eastern Asia but in the whole world”¹⁵. Essa convicção seria reforçada aquando de reuniões mantidas com o ministro do Negócios Estrangeiros Soviético, Molotov, de Maio a Junho de 1942, nas quais deu uma relevância particular à importância da cooperação no pós-guerra entre os “four policemen”, onde a China era incluída,

¹⁵ U.S. Department of State, Bulletin, May 2, 1942, p. 381.

para além dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da União Soviética (Akira 1981: 53-4).

Apesar de toda esta viragem e aprofundamento das relações com a China, as desigualdades raciais continuaram a existir entre os Estados Unidos e a China. De facto, a continuação da existência das *Chinese Exclusion Acts* era bem o exemplo de que ainda faltavam ocorrer as mudanças de raiz. As leis de imigração racial discriminatórias tornaram-se um recurso vital para a propaganda política nipónica de “a Ásia para os Asiáticos”. Após o ataque a Pearl Harbor, o Japão começou a chamar à guerra “the Greater East Asia War”, cujo objectivo era “libertar a Ásia oriental dos imperialistas anglo-saxónicos” (numa alusão clara aos britânicos e americanos). O grande propósito japonês era estabelecer “the Greater East Asia Co-Prosperity Sphere”, que se basearia no princípio de “igualdade e harmonia racial”¹⁶. Em Fevereiro de 1942 foi publicado outro artigo, intitulado “A New Step towards Emancipation of Asian Peoples”, com o intuito de reforçar o efeito da propaganda, insistindo que a essência das injustiças e desigualdades estava enraizada na exploração americana dos povos asiáticos¹⁷.

Para além da frente de combate, os japoneses mostravam-se determinados em desmoralizar o inimigo, atacando-o ideologicamente com uma campanha que tinha como objectivo atingi-lo no seu ponto mais fraco, na contradição entre os valores que defendiam e aquilo que faziam na prática. Com esse propósito, a revista “Front”, uma das mais importantes da propaganda japonesa em tempo de guerra, começou a ser publicada no início de 1942, condenando a opressão ocidental na Ásia e enaltecendo a harmonia racial na “Greater East Asia Co-Prosperity Sphere”. Os japoneses argumentavam, dessa forma, que os ideais americanos de igualdade eram hipócritas, dado que a essência da “suposta

¹⁶ “Asahi Shimbun”(jornal japonês), 13 de Dezembro de 1941.

¹⁷ Toa Kaihou (Emancipação da Ásia Oriental), Fevereiro de 1942, p. 62.

igualdade” era o “beast-like treatment or semi-starvation pay to the Asiatics”¹⁸. Em Junho de 1942, começaram a ser publicadas uma série de cartas abertas, “Open Letters to Asian Peoples”, nas quais eram denunciadas a exploração e opressão dos poderes anglo-saxónicos: “Asia must be one – in her aim, in her action and in her future”¹⁹. A propaganda japonesa afirmava aos povos asiáticos que “when Asia becomes one in truth, a new order will be established throughout the world”²⁰. Na prática, a propaganda japonesa procurava ridicularizar os Aliados nos jornais e programas de rádio dirigidos aos povos asiáticos, insinuando que estes nunca receberiam um tratamento igual e imparcial por parte dos ocidentais. Um dos seus argumentos mais fortes eram as “Chinese Exclusion Acts”, para desconstruir a validade das “Four Freedoms” de Roosevelt, no discurso proferido perante o Congresso a 6 de Janeiro de 1941, de onde a igualdade racial fora excluída²¹.

Na génese da *Chinese Exclusion Act* de 1882 estava o racismo americano, ou o sentido de superioridade da raça branca, enraizados na ideologia do Darwinismo social²² e o *American nativism*²³ do fim do século XIX. Esta ideologia dominante tornou-se a principal responsável pela exclusão, não apenas dos chineses, mas também de todos os asiáticos. Houve, no entanto, quem começasse a sentir que a discriminação já não fazia sentido e que, na prática, alguma coisa tinha que mudar. Anteriormente, em Julho de 1941, o *Atlantic Charter* foi assinado pelo presidente Roosevelt e pelo primeiro-ministro britânico Churchill, e estabelecia os

¹⁸ “Front”, Vol.5-6, 1943.

¹⁹ “Asahi Shimbun”, 24 a 30 de Junho de 1942

²⁰ “Front”, Vol.5-6, 1943.

²¹ <http://www.americanrhetoric.com/speeches/fdrthefourfreedoms.htm> em 19/07/05

²² Darwinismo social foi a aplicação das teorias científicas da evolução das espécies, de Charles Darwin, ao desenvolvimentos social contemporâneo. Na Natureza, só os mais fortes sobrevivem – assim como no mercado. Esta forma de justificação foi adoptada entusiasticamente por muitos homens de negócios americanos como prova científica da sua superioridade.

²³ *American Nativism* é uma reacção hostil e defensiva à entrada de imigrantes, professado por aqueles que se consideram “native-born”, de raça branca, e que consideravam os imigrantes, sobretudo os chineses, uma concorrência desleal para os trabalhadores brancos, que não podiam competir com os salários baixos e com as más condições de trabalho aceites por estes.

objectivos da guerra contra o fascismo. Essa declaração conjunta teve como intenção dar a conhecer “certain common principles in the national policies of their respective countries on which they base their hopes for a better future for the world.”²⁴ A União Soviética, que tinha sido atacada pela Alemanha no mês anterior, deveria ter também subscrito a declaração conjunta. No entanto, as noções de “um mundo unido”, no qual as nações abdicariam da sua postura tradicional e passariam a depender de alianças militares e de esferas de influência incluídas no documento, não eram nada apelativas para Estaline. Até mesmo Churchill não se sentia muito entusiasmado. Apenas Roosevelt estava convicto na criação de um mundo governado por processos democráticos com uma organização internacional, servindo como árbitro em disputas e protector da paz mundial²⁵. Apesar de os Estados Unidos ainda não terem entrado na guerra, na Primavera desse ano o Congresso tinha aprovado o programa *Lend Lease*, que passara a fornecer ajuda americana, vital para o esforço de guerra britânico.

Com os Estados Unidos em guerra com o Japão, começava a não fazer sentido afirmar uma coisa e fazer outra de todo diferente da primeira. Por isso, o sub-secretário de Estado Sumner Welles insistiu, durante a sua intervenção no *Memorial Day*, a 30 de Maio de 1942, que “the discrimination between peoples because of their race, creed or color must be abolished,” dado que a América travava uma guerra “to assure the sovereign equality of peoples throughout the world as well as in the world of the Americas”²⁶. No entanto, as leis de discriminação racial contra os asiáticos continuavam a existir na legislação americana em vigor. Por essa razão, a propaganda nipónica detectou pontos fracos na legislação americana por onde apelar aos asiáticos, sobretudo aos chineses, que a China, a primeira aliada inter-racial da América, não era tratada com igualdade,

²⁴ <http://usinfo.state.gov/usa/infousa/facts/democrac/53.htm>

²⁵ <http://usinfo.state.gov/usa/infousa/facts/democrac/53.htm>

²⁶ "The War," Memorial Day Address proferida pelo Sub-secretário de Estado Sumner Welles, no Arlington National Amphitheater, a 30 de Maio de 1942, State Department, Bulletin, May 30, 1942, p. 488.

como outras potências aliadas. Eis o exemplo típico de um ataque de propaganda, que utilizava a *Chinese Exclusion Act* como arma contra os americanos:

At present the U.S. government has improved the treaties with China. You might think that the overseas Chinese in the U.S. have received good treatment due to the relations of allies. This sweet-worded but ugly-faced U.S. is doing these for the face of Chunking ... But facts are contrary. (...) the Chinese in the U.S. had to leave their wives in China, because of the Immigration Laws, are classified as singles. Thus denying his wife in China. This is the attitude of the U.S. toward allied peoples who are fighting under the same common principle. Our Japan has never badly treated the Chinese that are in Japan and have never forced the Chinese into army. The difference between the inhuman nature of the Americans and the nature of our Japanese could be seen by facts.²⁷

Estas acusações mostravam na prática como a legislação americana anti-chinesa se reflectia na vida de milhares de chineses “aliados” dos Estados Unidos, mas sem quaisquer direitos ou regalias, procurando sensibilizar a opinião pública asiática para a causa nipónica. Esta propaganda japonesa foi secundada por um editorial intitulado “America's Hypocritical and Ugly Face”, publicado no “Zhonghua Ribao” (*China Daily*), em Junho de 1943, um periódico controlado pelo regime fantoche de Wang Jingwei²⁸. O autor do artigo condenava os aspectos negativos da legislação americana, insistindo que “if the American government does not abolish the discriminatory laws against the Chinese, Asian peoples can never be treated equally”, e apelava a “all Asians to unite together to drive away American and British imperialists from Asia in order to establish a prosperous Asia for the Asiatics”²⁹.

²⁷ Committee on Immigration and Naturalization, House of Representatives, 78th Congress, Samples of Japanese-Controlled Radio Comments on America's Exclusion Act (confidential print), 1943, p. 2. National Archives, Washington D.C.

²⁸ Político chinês (1883-1944) que formou um governo chinês colaboracionista com os invasores nipónicos na China.

²⁹ “Zhonghua Ribao” (*China Daily*), 24 de Junho de 1943.

No entanto, todos os argumentos apresentados pelos japoneses não passavam de pura propaganda, que entrava em contradição profunda, não apenas com o que havia sido antes proferido, mas também com o comportamento racista e demasiado cruel dos exércitos japoneses de ocupação nos países asiáticos conquistados. Por isso, a “igualdade” de que falavam, quando criticavam a legislação americana, não era propriamente um exclusivo do novo ideal da “Greater East Asia Co-Prosperity”. Em Janeiro de 1941, o governo japonês afirmou, sem equívocos,³⁰ que o estabelecimento de uma nova ordem seria baseado no “povo Yamato”³¹. A 16 de Janeiro desse ano, o primeiro-ministro Tojo Hideki reafirmou o princípio de que apenas o povo japonês poderia ser o “meishiu” (mestre) da nova ordem da “Greater East Asia Co-Prosperity”³² (Ma 2002)

1.2.4 A campanha para revogar as *Chinese Exclusion Acts*

Antes da guerra do Pacífico ter rebentado e de os Estados Unidos terem sido forçados a entrar na Segunda Guerra Mundial, a opinião pública americana já nutria alguma simpatia e solidariedade para com a China e o seu povo, atacados pelo Império japonês. Por essa razão, havia condições propícias para que a lei pudesse vir a ser revogada. A guerra de propaganda entre os Estados Unidos e o Japão tinha posto a descoberto uma realidade que era bastante embaraçosa para os americanos, arautos da liberdade e da igualdade, mas com uma situação legal insustentável, que dava razão aos argumentos japoneses. O apoio à causa chinesa

³⁰ “Asahi Shimbun”, 28 de Janeiro de 1941.

³¹ Nome do local nas ilhas nipónicas (na região de Nara) onde se estabeleceu o povo que viria a dominar todo o Japão, e que passou a designar-se por “povo Yamato”, com uma identidade étnica bem definida.

³² Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, ed., *Nippon gaiko bunsho narabini shuyo bunsho* (Documentos Principais sobre as Relações do Japão com o Estrangeiro) (Tokyo, 1969), pp. 576-578.

surgiu antes do ataque a Pearl Harbor, logo a partir de 7 de Julho de 1937, quando a China foi invadida pelo Japão. Após o ataque a Pearl Harbor, o apoio e a solidariedade da opinião pública americana para com o povo chinês tornou-se ainda maior, passando a sentir essa causa mais sua, dado que a partir daquele momento começaram a ter um inimigo comum. Como reflexo desse apoio, surgiram vários editoriais a reforçar a ideia de que a China iria ser um aliado imprescindível para que os Estados Unidos ganhassem a guerra mais depressa. O apoio surgiu pela voz de Paul G. Hoffman, presidente da *United China Relief*, que apelou ao público americano para que este desse mais ajuda à China: “This country needs China as much as China needs us in the conflict with Japan,” afirmando que “investment in Chinese morale as a vital move will help us to win this war and win it quickly”³³. A resistência chinesa ao invasor japonês granjeou-lhe um grande mérito e admiração e a imprensa veiculou a ideia de que os chineses, sob a liderança de Chiang Kai-shek e da sua mulher Soong Mayling educada nos Estados Unidos, seriam mais capazes de lutar com eficácia contra os japoneses. O sentimento pró-chinês atingiu o auge com a visita da Sra. Chiang aos Estados Unidos em 1943.

De forma a representar o marido e a China Nacionalista, a visita da Sra. Chiang foi transformada numa campanha nacional. Em Fevereiro de 1943, visitou a Casa Branca a convite de Eleanor e Franklin D. Roosevelt e foi-lhe endereçado um convite para se dirigir a ambas as casas do Congresso a 18 de Fevereiro de 1943. A sua intervenção discursiva, considerada um enorme sucesso, foi classificada. De acordo com os registos, “one of the most impressive and effective speeches” alguma vez pronunciados no Congresso³⁴. A tónica do seu discurso assentou na expressão de um forte desejo na justiça e liberdade, exprimindo a vontade e determinação do povo chinês em cooperar com os Estados Unidos na construção de um mundo pacífico e democrático, que “must be based on justice, coexistence,

³³ “The New York Times”, 23 de Abril de 1942.

³⁴ U.S. Congress, Congressional Record, 78th Congress, 1st Session, vol. 89, part 9, p. 2124.

cooperation, and mutual respect”³⁵. Durante a Primavera de 1943, a Sra. Chiang viajou por todo o país, entusiasmando os americanos e convertendo-os para a causa da China Nacionalista. A ênfase dos seus discursos foi no sentido de sensibilizar a opinião pública americana para a necessidade de os Estados Unidos fornecerem maior auxílio militar à China.

A imprensa teceu-lhe inúmeros elogios, nomeadamente as revistas “Time” e “Life” de Henry Luce³⁶, considerando-a não apenas como “the voice of Free China”, mas também “the voice of Asia”. O marido foi descrito como alguém capaz de criar uma China forte e democrática, que permaneceria como o aliado asiático mais próximo dos Estados Unidos. O próprio Henry Luce afirmou que Chiang Kai-shek era “the greatest soldier in Asia, the greatest statesman in Asia, America's best friend” (Jefferson 1996: 37). No entanto, como seria possível a China tornar-se numa “grande potência” se os imigrantes chineses continuavam a ser excluídos pela legislação americana?

A partir do momento em que os Estados Unidos entraram na guerra, a discriminação legal contra os chineses foi trazida ao conhecimento da opinião pública. Em Fevereiro de 1942, Charles N. Spinks, um especialista em relações com o extremo Oriente, publicou um artigo, “Repeal Chinese Exclusion”, na revista “Asia and the Americas”, criticando a posição dos Estados Unidos em relação à China. Afirmou ainda que a China era um dos aliados mais importantes dos Estados Unidos, na luta para destruir o fascismo e criar uma nova ordem mundial, baseada nos princípios da liberdade, justiça e igualdade para a humanidade. Contudo, ele afirmou que os Estados Unidos não estavam a tratar “the Chinese people, our allies, with the justice and equality they deserve”(Spinks 1942: 92).

³⁵ *Ibid.*

³⁶ Americano fundador de várias revistas, das quais se destacam a Time, Fortune, Life, House & Home e Sports Illustrated.

Todos estes factores contribuíram, de forma decisiva, para a revogação das *Chinese Exclusion Acts*. O rebentar da guerra no Pacífico alterou a percepção de que os americanos tinham dos chineses, envolvidos desde há vários anos na defesa do seu país numa luta desigual contra o Império do Sol Nascente. Após o ataque infame a Pearl Harbor, a América constatou que, afinal, tinha um inimigo comum aos chineses e, a partir desse momento, os laços de amizade e solidariedade começaram a despertar na mente e no coração dos americanos. A campanha da Sra. Chiang deu a conhecer uma China que compartilhava dos mesmos princípios de democracia americana. O próprio presidente Roosevelt considerava a China como “one of the great democracies of the world”³⁷. O estandarte da “igualdade para todos”, um dos ideais americanos mais antigos, tornou-se num novo símbolo da democracia americana, da liberdade contra a opressão da agressão fascista.

A imagem e a reputação dos chineses na América começou a mudar de forma lenta mas segura. Com a necessidade premente de aumentar a eficácia da máquina de guerra chinesa, muitos jovens chineses receberam treino militar nos Estados Unidos, nomeadamente na Força Aérea, vindo mais tarde a desempenhar um papel bastante importante nos céus da China, formando um esquadrão que abateu muitos aviões japoneses, o que lhes granjeou bastante fama. A Dra. Margaret Chung, Comandante- -em-Chefe do Esquadrão Americano-Chinês, foi enaltecida pela imprensa como “Ma Chung, Mother of Chinese-American Flyers” (Lee 1960: 364). As histórias da guerra de guerrilha na China contra os cruéis invasores nipónicos e as proezas dos “Flying Tigers (Americans flying for China)” (365) suscitaram ainda mais reacções favoráveis por parte dos americanos pela causa chinesa. O público americano teve acesso a vários livros sobre as irmãs Soong³⁸, à

³⁷ U.S. Department of State, Bulletin, February 18, 1943, p. 163.

³⁸ As irmãs Soong eram três irmãs chinesas cujos maridos foram personalidades políticas extremamente influentes na história da China no início do século XX. Dizia-se, na altura, que

autobiografia da Sra. Chiang Kai-shek, sobre a sua filosofia cristã, bem como sobre os titânicos esforços de guerra do povo chinês. Através dos vários livros e artigos publicados, os americanos começaram a mudar a forma como viam os chineses:

the Americans endowed the Chinese people with many admirable traits—'brave', 'patient', 'charming', 'staunch', 'heroic'. The Chinese became known for their ability to withstand hardship, move factories and schools ahead of the invaders, and fight to the finish. (364)

Como consequência inevitável deste movimento nacional a favor da nação chinesa, um número indeterminado de mulheres americanas, em praticamente todas as comunidades locais, angariou dinheiro para os “warphans”, através do “Bowl of Rice benefits”. Para auxiliar na angariação de fundos, mulheres chinesas participaram em desfiles de moda, estimulando um interesse inusitado pela cultura, pelas artes, pela filosofia e costumes chineses. Na imprensa surgiram artigos como “Career Girls: Chinese Style”, “Allies in Grease-paint”, “The New Canton Theatre” and “A Protrait of an American Family”, cujos tom e ponto de vista eram diametralmente opostos aos que tinham sido publicados antes de 1925. Na imprensa americana surgiram chavões que reflectiam a crescente admiração pela China e pelo seu povo, tais como “there will always be a China”, “China has always absorbed her enemies” (365), que mostrava que, apesar de todas as vicissitudes, a China acabaria por triunfar e renascer, mais forte do que antes, das cinzas da guerra e de todo o sofrimento. Não é de estranhar que, à medida que a admiração pelos chineses e pela China ia aumentando, tenham surgido cada vez

“uma adorava o dinheiro, outra adorava o poder e outra adorava a China”. A mais velha, Soong Ai-ling, aquela que “amava o dinheiro”, foi casada com o homem mais rico e ministro das Finanças da China. A irmã do meio, Soong Ching-ling, aquela que “amava a China” foi casada com o “Pai da Nação” e primeiro presidente da República da China, Sun Yat-sen. A mais nova foi a que se tornou mais conhecida no Ocidente, Soong Mai-ling, aquela que “adorava o poder”, e que foi casada com o líder do Partido Nacionalista, Generalíssimo dos exércitos chineses e que mais tarde seria presidente, Chiang Kai-shek.

mais vozes a insurgirem-se contra o “Exclusion Act” de 1882. Por esse motivo, foram publicados inúmeros artigos na imprensa a apelar para o bom senso e para a igualdade de direitos dos chineses na América, tais como ““Are We Afraid of Justice?”, “Drop the Asiatic Colour Bar”, “End the Exclusion Now!”, “How We Grill the Chinese” (in immigration hearings), “Our Great Wall” and “Our Race Snobbery”” (365). Surgiram também livros em grande número, destinados a melhorar e a promover as relações inter-raciais e inter-religiosas entre negros, mexicanos, católicos, judeus, chineses, japoneses e brancos.

Nessa altura, outra personalidade emergiu na oposição frontal à discriminação racial, contribuindo de forma decisiva para a mudança da mentalidade americana em



Figura 4: Pearl S. Buck com apoiantes sino-americanas em Maio de 1943.

relação aos chineses, e alertando para a injustiça que as *Chinese Exclusion Acts* constituíam. PSB, a primeira escritora americana a ser galardoada com o prémio Nobel da Literatura em 1938, surgiu como uma figura de vulto na mudança de atitude do povo americano em relação aos chineses, bem como na luta a favor da revogação dessas leis. Para tal, contribuía o facto de ela ter vivido cerca de três décadas e meia na China, e de ser uma profunda conhecedora da cultura, da língua e da realidade chinesas, transmitindo as suas ideias através dos seus romances e das suas intervenções políticas. Em Fevereiro de 1942, enquanto discursava num encontro literário no hotel Astor em Nova Iorque, surpreendeu as 1.700 pessoas que a ouviam, ao afirmar “The Japanese weapon of racial propaganda in Asia is beginning to show signs of effectiveness (...) prejudice is the most vulnerable

term in our American democracy”³⁹. PSB chamou a atenção para o facto de que, para se alcançar a vitória, era também necessário estabelecer a cooperação entre os povos sem os preconceitos da raça, cor ou nação. Era, por isso, fundamental que os Estados Unidos abandonassem a crença da “supremacia branca” sobre os povos de cor: “We cannot win this war, without convincing our colored allies – who are most of our allies – that we are not fighting for ourselves as continuing superior over colored peoples.” (*Ibid*)

A escritora empreendeu uma campanha com grande tenacidade, aproveitando a influência e a fama que tinham o seu nome para veicular, através dos seus livros, de revistas e das suas intervenções em público e na rádio, a necessidade de revogar de imediato a lei que discriminava os chineses nos Estados Unidos. Ela afirmava, sem margem para dúvidas, que essa discriminação “must come to an end (...) we are fighting on the wrong side on the war. We belong with Hitler”⁴⁰. PSB continuou essa campanha em prol da liberdade e da igualdade para todos os povos com o apoio do seu segundo marido, Richard J. Walsh, o editor dos seus livros e da revista *Asia e The Americas*, tendo-se ambos tornado figuras de relevo na campanha nacional para a revogação da lei. A 10 de Novembro de 1942, Richard Walsh discursou na Town Hall Round Table da cidade de Nova Iorque, apelando para que os Estados Unidos revogassem as *Chinese Exclusion Acts*, criassem um sistema de quotas para a imigração chinesa e permitissem a naturalização americana destes⁴¹.

A posição bastante crítica de PSB em relação à loucura que a guerra constituía para o percurso civilizacional da humanidade ficou bem patente nas suas múltiplas intervenções públicas. Numa delas, em que discursava sobre “Manners

³⁹ Pearl S. Buck, "Tinder for Tomorrow," delivered at the Book & Author Luncheon, Astor Hotel, New York, February 10, 1942, reprinted in *Asia*, March 1942, p. 153-155.

⁴⁰ "Freedom For All," *Asia*, May 1942, p.324-326.

⁴¹ Richard J. Walsh, "Our Great Wall against the Chinese," *The New Republic*, November 23, 1942, pp. 671-672.

and Civilization”, inserida numa série de palestras que decorreram na Lawrenceville School, subordinadas ao tema “Men of Tomorrow”, põe em causa a inevitabilidade da guerra e contesta, de forma clara, a ideia de que a supremacia alcançada através da força seja sinónimo de superioridade dos valores éticos:

War is not a natural disaster. It is a disaster wilfully brought about by a certain type of mind, active in a certain situation of general discontent, and in order to carry on war successfully this mind has to appeal to evil emotions, hatred and the willingness to do murder and to destroy the property of others. (...) The person whose civilization slips away most quickly is the one who is the weakest. His progress has been the slowest, his education the most superficial, because he has not been able to learn much. (Sargent 224)

Aproveitando o sucesso da viagem da Sra. Chiang pelos Estados Unidos para promover a boa imagem da China, quando esta visitou Capitol Hill, no dia 17 de Fevereiro de 1943, o congressista Martin J. Kennedy (democrata de Nova Iorque) propôs a introdução de um projecto de lei que garantisse o direito de entrada e de cidadania aos chineses⁴². A iniciativa de Martin J. Kennedy foi o primeiro projecto de lei a pedir a revogação das *Chinese Exclusion Acts*, desde a sua aprovação em 1882. Depois dele, outros projectos de lei foram introduzidos, a 26 de Março por Warren G. Magnuson e a 4 de Abril de 1943 por Samuel Dickstein. Inspirada nesta onda de solidariedade a favor da causa chinesa nos Estados Unidos, a “The Citizens Committee to Repeal Chinese Exclusion and Place Immigration on A Quota Basis” foi formada na cidade de Nova Iorque a 25 de Maio de 1943, por um grupo de intelectuais notáveis, dos quais se destacavam PSB , Richard Walsh e Henry Luce, fundador das revistas “Time”, “Life” e “Fortune”. Estes foram os primeiros de 250 membros, representantes de mais de 40 estados, que trabalharam em estreita ligação com muitas outras pessoas e com outras organizações. Richard Walsh lançou um repto ao Congresso ao afirmar

⁴² U.S. Congress, Congressional Record, 78th Congress, 1st Session, vol.89, part 9, p. 634.

“Last year we celebrated Double Ten (October 10) by announcing the end of extraterritoriality. This year let Double Ten resound the news that we have repealed the exclusion laws.” O “Citizens Committee” envolveu-se em inúmeras ações para promover a sua luta contra as *Chinese Exclusion Acts*, publicando um panfleto – Our Chinese War – que foi distribuído por todo o país em bibliotecas, universidades, organizações sociais e laborais, a clubes e a indivíduos⁴³. O propósito do “Citizens Committee” era sensibilizar a opinião pública americana para a necessidade da América ter boas relações com a China e pressionar o Congresso a revogar as *Chinese Exclusion Acts* a 10 de Outubro, no dia da independência da China⁴⁴.

É interessante verificar que aqueles que mais contribuíram para esta campanha foram pessoas que tinham uma forte ligação e uma dívida de gratidão para com a China. Para além de PSB, que vivera mais de 35 anos na China, e que escrevera inúmeros romances sobre este país asiático, e Richard Walsh, seu segundo marido e editor dessas obras nos Estados Unidos, contava-se ainda com Henry Luce, que nascera e vivera mais de 10 anos na China, e o congressista Walter H. Judd, outrora missionário médico na China durante mais de 12 anos. Judd foi um dos membros mais activos do comité e a 2 de Setembro de 1943 afirmou:

We must do two things, we must get more material help to China – more guns, planes, medicines, munitions – and we must get more political help, more to justify and strengthen China's confidence in us. The most dramatic and helpful thing imaginable would be for us to put the Chinese on the same quota basis as our other Allies, and thereby begin treating them as equals now⁴⁵.

⁴³ Report to Members, September 20, 1943, File of the Citizens Committee to Repeal Chinese Exclusion and Place Immigration on A Quota Basis, Tamiment Institute Library, New York University.

⁴⁴ Report to Members, August 15, 1943, *Ibid.*

⁴⁵ Walter H. Judd, "Should we repeal the Chinese Exclusion laws now?" addressed at Town Meeting of the Air, September 2, 1943, Papers of Walter H. Judd, Hoover Institution, Stanford University

Apesar do sucesso alcançado pela visita da Sra. Chiang aos Estados Unidos, essa passagem não ficou isenta de alguma discordância, embora contida. A própria PSB, apesar de ser uma profunda defensora do apoio dos Estados Unidos à China, evitou encontrar-se com a Sra. Chiang durante a permanência desta na América. Que razões poderiam ter levado PSB a escusar-se a ter um encontro ao mais alto nível com a primeira-dama da China, se esta estava a ser alvo de um tratamento digno de um chefe de estado em solo americano? O que é certo é que a escritora tinha sentido, de forma bem directa, as consequências do domínio do generalíssimo Chiang Kai-shek e das suas forças em Nanquim. Por essa razão, foi apenas quando a Sra. Chiang deixou a Casa Branca que PSB foi lá jantar com Eleanor. Nessa ocasião, PSB teceu críticas em relação às posições assumidas pela primeira-dama chinesa, pondo em causa a utilização da palavra “democracia” por parte desta. De facto, PSB conhecia bem o *modus operandi* dos governadores da China ao longo dos tempos e, por isso, exprimiu a sua opinião sobre o casal Chiang, afirmando que “China's First Lady was beautiful but also imperious and expensive (...) and the generalissimo was a great man, but uncouth and, of course, a warlord.” (Lash 1971: 678). Ela advertiu para a necessidade, não só de apoiar a China em tempo de guerra, mas, sobretudo, de a orientar na construção de uma verdadeira democracia, “China would not develop democratically, she cautioned, unless the United States gave it a strong lead in that direction” (*Ibid*) Para além desta crítica, PSB tinha ficado aborrecida com todo o empenho do editor Henry Luce e do seu grupo tinham nos preparativos da tournée da Sra. Chiang pelos Estados Unidos, algo com que Eleanor também concordava. Apesar de todo o dinamismo demonstrado pela Sra. Chiang em obter apoio para a causa republicana chinesa, Eleanor ficou um tanto decepcionada perante a recusa desta em participar numa reunião do NAACP, a convite directo do próprio Walter White, com o pretexto de que não queria aparecer em público a não ser em eventos organizados pelos seus amigos chineses e americanos. Segundo este ponto de vista, ficava bem claro que, à semelhança de muitos “americanos” (leia-se *brancos*), ela não se

queria relacionar com “não americanos” (leia-se *negros* ou *americanos de terceira*):

she (Eleanor) had been a little taken aback at her (Mme. Chiang's) lack of interest in a proposal Eleanor had conveyed from Walter White that Mme. Chiang address a mass meeting under NAACP auspices. Even though Eleanor had indicated her readiness to join Mme. Chiang on the NAACP platform, the Chinese First Lady had decided that she would appear only "under the auspices of her Chinese and American friends." Nor was she willing even to see White. (*Ibid* 679)

PSB não se tinha enganado acerca da Sra. Chiang e das suas convicções muito pouco democráticas, como ficou bem patente num jantar com o casal presidencial durante a estada da primeira-dama chinesa na Casa Branca. O excerto seguinte dispensa quaisquer comentários, tal é a natureza visual explícita do mesmo:

Although the president had enjoyed Mme. Chiang's company, he had few illusions about the hardness behind those calculating eyes. John L. Lewis was threatening a coal strike during the time of Mme. Chiang's White House stay, and the president asked her one evening at dinner how China would deal with such a labor leader. Swiftly and expressively she drew her small ivory hand across her throat. The president looked at his wife and later teased her, "Well, how about your gentle and sweet character?" And in later years Eleanor herself would say softly, "Those delicate little petal-like fingers—you could see some poor wretch's neck being wrung," and at that point she would make a twisting motion of her own fingers, which were as expressive as Mme. Chiang's. (*Ibid*)

Apesar destas peripécias típicas dos bastidores da política, desconhecidas do grande público, o movimento nacional que lutava contra as rígidas leis de imigração continuou a sua campanha para a revogação das mesmas. A pressão exercida fez com que o *House Committee on Immigration and Naturalization* decidisse levar a cabo audiências públicas para debater a revogação das *Chinese*

*Exclusion Acts*⁴⁶. Com esse propósito foram convocadas 51 testemunhas durante 6 audiências, em Maio-Junho de 1943. No entanto, se por um lado, estas acções de solidariedade criaram um enorme movimento a favor da revogação das *Chinese Exclusion Acts*, por outro, provocaram uma reacção intensa de oposição por parte dos partidários do “American nativism”, de organizações laborais, de veteranos de guerra, de interesses da costa Oeste e de sociedades “patrióticas”. Representantes da “American Coalition”, uma associação que representava cerca de uma centena de sociedades “patrióticas”, exprimiu a sua opinião racista sobre os chineses, chamando-lhes “morally the most debased people on the face of the earth”⁴⁷. Apesar dessa forte oposição, as personalidades que testemunharam a favor da revogação usaram argumentos muito fortes como, por exemplo, PSB e Richard Walsh, que reafirmaram, a 20 de Maio, que a exclusão contra os chineses deveria ser revogada “as a war measure (...) China must be put on a quota basis, on an equality with other nations” (*Ibid* 68-86). Mansfield Freeman, presidente da United States Life Insurance Company, que vivera na China durante mais de 20 anos, foi a favor da revogação, dado que, segundo ele, “trade with China and cooperation with her four hundred million people are going to be very important factors in America's postwar prosperity. (...) There is no nation which has such potential opportunities in the Far East for the United States” (*Ibid* 227-233). O congressista Judd testemunhou perante o comité, avançando com razões de política externa para justificar a sua escolha pela revogação da lei: “The Pacific would be pacific if America has on that side a strong, independent, democratic, friendly China. (...) there never will be a war between the white and colored races, if only we keep the largest and strongest of them, the Chinese, with us” (*Ibid* 143-167).

⁴⁶ Memorandum, May 18, 1943, Papers of Minutes Committee on Immigration and Naturalization, House of Representatives, U.S. Congress. National Archives, Washington, D.C.

⁴⁷ U.S. House of Representatives, Hearings before the Committee on Immigration and Naturalization, Repeal of the Chinese Exclusion Acts, 78th Congress, 1st Session, May and June, 1943, p. 109.

No final das audiências, verificou-se que, das 51 testemunhas, 42 se manifestaram a favor da revogação das *Chinese Exclusion Acts*, num programa composto por três pontos: revogação da lei, estabelecimento de um sistema de quotas para os imigrantes chineses e a possibilidade de naturalização destes como cidadãos dos Estados Unidos. O maior argumento empregue pelos apoiantes da revogação foi que esta medida ajudaria a ganhar a guerra de forma mais rápida. O Almirante H. E. Yarnell apresentou o seu ponto de vista militar, reiterando que seria “the most effective method (...) in the conduct of the war and in the postwar settlement to put China as an equal in every respect with the other three Allied Nations” (*Ibid* 248-9). A revogação das *Chinese Exclusion Acts* foi um factor decisivo na mudança da política americana do Extremo Oriente, sobretudo nas suas relações com a China. No momento solene em que se verificou esta viragem na política americana, o congressista Warren Magnuson apresentou, perante o Congresso em Outubro de 1943, o projecto de lei para revogar a polémica lei, deixando bem claro que esta medida ia para além das necessidades de guerra americana:

This bill goes far above and beyond its present war necessity. If any one position of our foreign policy should be clear in the post-war world it should be this, that we need in the Orient, democracy needs in the Orient, a strong Allied nation, practicing the same principles of democracy that we intend to keep. Without such a strong nation it does not take much intelligence to visualize what might come out of the great cauldron mass of millions of Asiatic peoples. Without the clear leadership of such a democratic Asiatic nation as China, with our help, alliances could form and other Japanese types of destructive empire could arise that would make the present island empire look like a dwarf.⁴⁸

A jogar forte no xadrez político internacional, os Estados Unidos estavam empenhados em ajudar a China contra o Japão, mas também em conseguir e garantir um aliado fiel no pós-guerra, ainda que isso fosse contra as pretensões

⁴⁸ U.S. Congress, Congressional Record, 78th Congress, 1st Session, vol.89, part 9, p. 4427.

colonialistas do seu aliado tradicional, a Grã-Bretanha. Por essa razão, o Sub-Secretário de Estado Edward R. Stettinius apoiava a revogação da lei “in recognition of China's place among the United Nations fighting for democracy and her great future in a democratic world.”⁴⁹ A administração americana estava consciente de que no pós-guerra teria de haver um elemento que permitisse um equilíbrio de forças com a União Soviética, e esse papel poderia ser desempenhado pela China, aliada dos Estados Unidos, que partilhava dos mesmos princípios democráticos. O próprio presidente Roosevelt deixou isso bem claro perante o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Anthony Eden. O presidente afirmou que acreditava que “in any serious conflict of policy with Russia, China would undoubtedly line up on our side” (Dallek 1979: 390). Outro dos aspectos acordados entre a administração americana e o seu interlocutor chinês, Chiang Kai-shek, era de que os Estados Unidos estavam solidários com a China em contribuir para acabar com o império colonial britânico. Numa reunião mantida entre o General Joseph Stilwell, comandante militar aliado na China, e Chiang Kai-shek, no Inverno de 1943, o primeiro disse-lhe que “the United States was against any form of imperialism, including British”, e acreditava em “a free, strong, democratic China predominant in Asia” depois da guerra (Stilwell 1972: 240).

O apoio do presidente Franklin D. Roosevelt foi um elemento decisivo para o sucesso do movimento pela revogação da lei, contra a forte oposição por parte de vários congressistas. William P. Elmer do Missouri apelou ao Congresso para “tighten instead of loosening our immigration laws to keep America for Americans”⁵⁰. Por seu lado, Edward O. McCowen de Ohio insistiu que “the immigration laws should be amended to further restrict all present quotas and not to increase them” (*Ibid*) Houve, no entanto, quem se opusesse de forma frontal a

⁴⁹ The Under Secretary (Edward R. Stettinius) to the Speaker of the House of Representatives (Sam Rayburn), October 27, 1943, FRUS, 1943 (China), pp. 783-784.

⁵⁰ U.S. Congress, Congressional Record, 78th Congress, 1st session, vol.89, part 6, p. 8595.

estas posições xenófobas. O Presidente da House Committee of Immigration and Naturalization, Samuel Dickstein, apoiou a revogação das *Chinese Exclusion Acts*, visto que, segundo ele, a revogação da lei seria “not only as a simple matter of justice, but as a recognition of the heroic resistance of China against our common enemy” (*Ibid*) Durante este debate aceso, o presidente Roosevelt interveio com prontidão, enviando uma mensagem em apoio à revogação. A 17 de Dezembro, o presidente Roosevelt assinou a lei que revogava as *Chinese Exclusion Acts*, que teve um papel fundamental na História Americana durante mais de sessenta anos.

Quando a Segunda Guerra Mundial irrompeu na Europa, os Estados Unidos estavam longe de supor que iriam tomar parte no maior conflito mundial da História da Humanidade. A eclosão da guerra no Pacífico, como consequência do ataque a Pearl Harbour, originou um impacto crucial na política externa dos Estados Unidos com os países asiáticos, sobretudo nas relações com a China. Após muito esforço e perseverança por parte de inúmeras organizações e individualidades, incluindo PSB, a lei foi revogada e acabou por atribuir, em termos técnicos, uma quota anual simbólica e por permitir que os imigrantes chineses pudessem alcançar a cidadania americana. Por estas razões, a revogação das leis anti-imigração constituíram uma viragem na História dos Estados Unidos da América. Pela primeira vez, fora criada a ideia de que os chineses eram “assimiláveis” na sociedade americana, apesar da quota atribuída ser mínima. A Segunda Guerra Mundial acabou, no fundo, por contribuir de forma decisiva para alterar as relações América – Ásia e para a criação de uma América multicultural.

A mudança de mentalidade foi o aspecto mais importante decorrente desta alteração da lei. Mas começava a ser insustentável manter um país com atitudes diferentes perante raças diferentes sem haver igualdade de oportunidades. A propaganda racial japonesa foi a primeira a denunciar o racismo americano, levando o grande público americano a tomar consciência do racismo existente no seu próprio país. A América reconheceu que, para além de ganhar a guerra no

palco das operações militares, também tinha que ganhar a guerra de propaganda contra o Japão e provar ao mundo a sua sinceridade e boas intenções a favor da igualdade e da tolerância racial. Antes da guerra, a comunidade sino-americana era alvo de discriminação, sobretudo devido à lei existente. A invasão da China pelo Japão, e sobretudo depois da entrada dos Estados Unidos na guerra ao lado da China, melhorou de forma considerável a imagem e reputação dos chineses americanos. Estes contribuíram de forma significativa para o esforço de guerra, chegando a cerca de 16.000 efectivos a integrar o exército americano entre 1940 e 1946. Ao contrário do que sucedera com os seus antepassados na América, o esforço dos chineses americanos na guerra granjeou-lhes elogios por parte da sociedade americana, considerando-os “a minoria modelo”. Harold Isaacs chamou a essa mudança de atitude americana, a passagem da “The Age of Contempt (1840-1905)” pela “The Age of Benevolence (1905-1937)”, até à “The Age of Admiration (1937-1944)” (Isaacs 1980: 71).

Apesar de tudo, a revogação da lei não trouxe uma situação de paridade de quotas com os imigrantes de países europeus. O “American nativism” continuou a ter um papel importante na mente dos americanos e na sua falta de aceitação dos chineses, em particular, e dos estrangeiros, em geral. Em Novembro de 1943 foi realizada uma sondagem, a “Gallup Poll”⁵¹, um mês após o Congresso ter revogado a lei contra a imigração chinesa, que revelou que a aprovação/desaprovação em relação aos chineses estava bastante equilibrada numa relação de 42% contra 40%. Estes resultados mostraram que ainda prevalecia um forte sentimento “nativista” na sociedade americana, que impediu um maior desenvolvimento do movimento anti-chinês, iniciado com a campanha nacional do “The Citizens Committee to Repeal Chinese Exclusion”. Houve, no entanto, outras consequências que foram para além da simples revogação da lei da

⁵¹ Sondagem criada pela organização Gallup, que realiza estudos de mercado e serviços de consultadoria em todo o mundo, sendo considerada e reconhecida como um barómetro da opinião pública americana.

imigração. Esse gesto de “boa vontade” em relação aos cidadãos chineses, outrora ostracizados pela sociedade americana xenófoba, revestiu--se de uma enorme importância estratégica. Em 1943 a China encontrava-se numa situação militar e política precária e, por isso, era urgente reforçar a ajuda ao principal aliado asiático dos Estados Unidos. A tournée nacional da Sra. Chiang Kai-shek sensibilizou a opinião pública americana para a necessidade de intervir em auxílio da China nacionalista. Para além desse aspecto mais imediato, a administração americana não podia ignorar o papel estratégico que o gigante asiático viria a ter no pós-guerra e no estabelecimento de uma nova ordem mundial. A cooperação com a China em tempo de guerra tinha que ser franca e aberta, demonstrando o empenho que os americanos tinham em conferir-lhe o estatuto de “grande potência” depois da guerra, conduzida para a democracia pela mão da América. A abolição da lei não foi apenas resultado de uma necessidade em tempo de guerra, mas sobretudo uma estratégia delineada com um objectivo a longo prazo na política asiática dos Estados Unidos no pós-guerra.

Durante a década seguinte surgiram novas leis anti-imigração de asiáticos, que permitiram a assimilação de indianos, filipinos e, mais tarde, de japoneses na sociedade americana. Em 1952, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a *McCarran-Walter Immigration Act*, que abriu as portas da imigração e da cidadania americana a outros povos asiáticos, incluindo os japoneses. Estas alterações legais tiveram também as mesmas motivações políticas e militares que foram determinantes na revogação das *Chinese Exclusion Acts*. No entanto, a revogação destas leis não alterou o *status quo* existente na sociedade americana, do tratamento racialmente discriminatório dos povos asiáticos. Estes teriam de esperar mais uma década até atingirem paridade total na legislação americana sem ter, no entanto, um verdadeiro significado na prática. Após a Segunda Guerra Mundial, mas sobretudo devido ao surgimento do *Civil Rights Movement* na década de 1960, surgiu outra campanha para revogar a *Nativist Immigration Law* de 1924. Uma nova lei sobre a imigração só viria a ser aprovada em 1965,

colocando os povos asiáticos em igualdade de quotas com os países europeus, tornando-se assim um marco na História dos Estados Unidos. Esta data constituiu o início de uma nova era de tolerância racial e o despontar de um novo século de coexistência multiculturalista.

As relações de maior proximidade com a China, iniciadas em 1943 no auge da guerra no Pacífico, com a revogação da lei anti-imigração, constituíram um ponto de viragem na política externa americana. Essas relações viriam a atravessar uma fase muito agitada, quando o maior aliado dos Estados Unidos, Chiang Kai-shek, somou derrotas militares, tendo que se refugiar na ilha da Formosa (Taiwan), para fugir às forças de Mao Tse-tung, dando origem a “duas Chinas”, uma continental, comunista e ameaçadora, e outra insular, capitalista e democrática. Desde esse momento que o relacionamento privilegiado com Taiwan criou aos Estados Unidos dificuldades no seu entendimento com a China comunista, dado esta encarar a ilha como uma província renegada, mas fazendo parte integrante da “grande China”. Apesar dos esforços levados a cabo por sucessivas administrações, desde o fim da Segunda Guerra Mundial e do início da Guerra Fria, passando pela visita histórica de Richard Nixon à China, em Fevereiro de 1972, até ao bombardeamento da embaixada chinesa em Belgrado em Maio de 1999, as relações diplomáticas com a China não têm sido fáceis. No entanto, os Estados Unidos continuam a tentar construir uma relação de parceria estratégica construtiva para o século XXI, que se revelará de extrema importância, não só para as duas super potências oriental e ocidental, mas também para todo o mundo.

Capítulo 2. – Intervenções humanitárias na sociedade americana

Exclusion is always dangerous.
Inclusion is the only safety if we are to
have a peaceful world.

Pearl S. Buck

2.1. *Welcome House – A Luta pela Adopção de Crianças Amerasian*

Ao longo de toda a sua vida, PSB demonstrou, de forma inequívoca, preocupar-se e empreender uma série de acções a favor da defesa dos direitos das minorias étnicas. Apesar de ter nascido em West Virginia, PSB foi criada pelos pais missionários presbiterianos na China. Esse facto contribuiu de forma decisiva para que ela tivesse, desde muito cedo, a noção do que era ser considerada uma intrusa em terra alheia e em ter experimentado atitudes de desprezo e de antagonismo por parte dos chineses mais radicais, que lhe chamavam de “blue-eyed foreign devil”. Em 1900, quando PSB era ainda uma criança, rebentou de forma violenta a Revolta dos Boxers. PSB relembra a estupefacção que sentiu nessa altura, por ser encarada como uma inimiga da China, o país e a cultura que ela considerava como suas: “It was now that I felt the first and primary injustice of my life. I was innocent, but because I had the fair skin, the blue eyes, and blond hair of my race I was hated, and because of fear of me and my kind I walked in danger.” (Buck 1975: 37). Quando mais tarde se tornou escritora, abordou a temática da luta pela liberdade dos povos oprimidos no mundo em inúmeros livros, tais como *The Good Earth*, *All Men Are Equal*, *The Patriot*, *What America Means to me*.

Em 1949, fundou uma agência de adopção de crianças mestiças, a *Welcome House*, depois de muito lutar para que os Estados Unidos permitissem a entrada de crianças *Amerasian*, fruto de relações entre soldados americanos, quer brancos,

quer negros, e mulheres asiáticas, japonesas ou coreanas. PSB foi uma das personalidades que interveio na criação do livro *White on Black: The Views of Twenty-Two White Americans on the Negro*, no qual participaram, como o título indica, vinte e duas personalidades de raça branca de relevo na sociedade americana, das quais se destacam Eleanor Roosevelt, William Faulkner, Eddie Cantor, Frank Sinatra, Ed Sullivan, Jack Dempsey e a própria PSB, cuja intervenção intitulou de “Should White Parents Adopt Brown Babies?”. Por ocasião da



Figura 5: Pearl S. Buck com uma criança *Amerasian* da “Welcome House” no final da década de 60.

suspensão de um acordo de quatro anos entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, a escritora afirma ter pensado de imediato nas consequências que o recrudescer do conflito militar teria, em termos humanos, e sobretudo nas crianças que nasceriam, devido ao envio inevitável de mais militares americanos para esse país asiático. A preocupação de PSB é que essas crianças não seriam coreanas, nem americanas, “They would be a new kind of children, war children, belonging to no country and to every country” (Nipson 1963: 62). Esta situação, criada pela presença de militares americanos, não tinha solução à vista e muito poucos se preocupavam com o destino destes “filhos da guerra”, renegados quer pelo país das mães, quer pelo país dos pais: “They were children who were born displaced, children not wanted in the lands of their birth, and not recognized by the land of their fathers. Nevertheless they existed.” (*Ibid*)

Perante a iminência do agravar de uma situação já em crise, PSB referiu haver uma solução: a adoção dessas crianças por casais americanos. O problema é que a lei vigente até então não permitia a entrada destas crianças em solo americano. Houve, no entanto, a alteração da lei pelo Congresso, o que veio lançar alguma esperança num destino mais risonho para essas crianças. O que faltava fazer era

alertar a América para a necessidade de ser solidária e de levar casais americanos sem filhos a adotarem crianças mestiças. Esse era o grande desafio e PSB decidiu abraçar esta causa com todas as suas forças e todo o seu empenho. Para tal, fez aquilo que sabia fazer melhor – escrever. Começou por afirmar que, de entre todas as crianças, apenas às mais fortes e inteligentes seria permitida a entrada na América. De entre essas, eventualmente, apareceriam casais suficientes para adotar as crianças meio-brancas. E as que fossem meio-negras? Que destino lhes estaria reservado? Por um lado, não teriam, com certeza, lares que as adoptassem; por outro lado, passariam por maiores dificuldades na suas terras de nascimento. As razões? Por estranho que pareça, o preconceito em relação à tez mais escura não se verifica apenas na raça branca, noutras raças também ocorre, até mesmo na raça negra:

The evil of prejudice has drifted across the seas, or was there already, endemic perhaps in the strange liking among all people for the fair in skin. Even the Negro, it seems, prefers to be light-colored, or to adopt a light-colored child, rather than dark. I do not know why this is. To me a brown skin, or a pure ebony, is as handsome as white. And by some peculiar gift of God the darker-skinned peoples have finer bodies, more beautiful hands and feet, than the white ones do, anywhere in the world. (*Ibid* 63)

PSB não conseguia conceber o porquê de tal fenómeno, a não ser através da explicação dada pelo famoso psicólogo Eric Fromm, no seu livro *The Sane Society*. PSB parafraseia-o ao explicar que “prejudice springs from basic insecurity in the individual, a necessity to cling to religious clan and racial group, and that as human society grows toward mutual security, the necessity for clan and race will disappear” (*Ibid*) No entanto, como esse dia ainda não tinha chegado, aquele preconceito mantinha-se, indo afectar de forma muito directa e cruel os pequenos órfãos meio-negros, que carregavam não só o fardo de serem filhos da guerra e da ocupação, mas também por terem pais americanos de pele

escura. PSB lançou um apelo às famílias negras americanas para que se dispusessem a adotar estas crianças. No entanto, a sua maior ambição era de que, um dia, não fosse necessário especificar a necessidade de lares negros para crianças meio-americanas negras. O seu maior sonho era de que um dia bastasse mencionar que havia necessidade de adotar *crianças*, sem ter que indicar a cor por isso ser irrelevante: “For I know from practical human experience that skin color is irrelevant. I know from my own experience in adoptive work that children are welcome in loving families, whatever their color” (64). Para ela, muito mais importante do que a cor da pele era o amor que se dá e se tem por um filho adotivo, qualquer que seja a sua origem racial, como nos casos de sucesso de famílias adotivas multi-raciais e multi-religiosas que menciona:

There are many such families. I think of one wonderful Chinese family, born American, who have three half-white, half-Chinese children, and together they make a warm and happy home. I know of Japanese families, born American, who have adopted half-white children, and love them as though they were birth children, and even, I think, somewhat more, as adopted children are always loved. I think of a Jewish couple, belonging to one of our best Jewish families, that adopted two little half-Japanese children. It is a matter of pride with me that the children's birth-mother was Buddhist, that the adoptive parents are Jewish, and that the judge who approved the adoption was Catholic. (*Ibid* 64-5)

PSB argumenta com exemplos práticos, demonstrando como é possível adotar crianças mestiças de cor, se se puserem de parte os preconceitos raciais vigentes na sociedade americana, “I know from my own personal experience that color of the skin does not mean anything at all” (*Ibid* 65) Ela própria dá o exemplo, ao ter adoptado várias crianças mestiças e ao defender a importância de fazer com que as crianças, cujo destino seria trágico, se tornassem crianças felizes: “One of my own beloved adopted children happens, quite by chance, to be the child of an American Negro soldier and a German mother. (...) She is our living answer to

prejudice” (*Ibid*) PSB mostrou ser coerente com o que preconizava para a sociedade, de ser capaz de ver para além das aparências e dos preconceitos e aceitar as diferenças raciais, que não constituíam qualquer impedimento para se adoptar uma criança e fazê-la feliz: “To all criticism I have but one reply. She is happy with us and we are happy with her. That is all that is required to make a good family” (*Ibid*) A base da sua argumentação é muito clara: um ser humano não é melhor ou pior do que outro apenas por ter a cor clara; o que conta, na verdade, é o que ela é, no interior:

I, having grown up with brown people, simply cannot feel any difference between one skin and another. The only important thing to me is what is inside the skin. I do not like a person better for being brown--or white. I do not like all persons equally, brown or white. I do not think in terms of brown or white. I think in terms of natural congeniality. (*Ibid*)

A autora reforça a ideia de que uma criança adoptada, mesmo de cor, pode constituir uma fonte de felicidade para quaisquer pais adoptivos. Pais e filhos adoptivos são seres que necessitam uns dos outros e que se podem completar de forma bastante satisfatória. É apenas uma questão de permitir que esses laços se estabeleçam e, para PSB, a sua filha adoptiva era tão sua como se fosse biológica:

In short, I couldn't have made a child out of my own flesh and blood and had her any more satisfactory than this child who came to me by chance and the grace of God. We suit each other, and therefore we are as close as two human beings can be. She is my child and I am her mother, by law and by truth. (*Ibid* 66)

Para PSB, uma das questões fulcrais na sua argumentação prende-se com o facto de que a cor da pele de uma criança não é impeditiva de a adoptar – *desde que se goste de crianças*. O problema reside sobretudo nas agências sociais, que enquanto não reconhecerem a validade e a veracidade das premissas de PSB, e

não lutarem contra leis caducas e preconceitos, as crianças mestiças órfãs não terão hipóteses de serem adotadas. Reconhecendo que constitui uma minoria, PSB expressa o desejo de não estar só nesta luta pelo futuro dessas crianças, esperando que surjam muitas mais famílias com amor para dar a essas crianças, para que elas possam ser felizes: “I mean just families, white or brown--or in between anywhere. I would like to see orphan children go to the families where they would be happiest, putting color and creed aside” (*Ibid* 67) PSB termina a sua exposição dizendo, ao contrário de que seria de esperar, que fica à espera das cartas de protesto (em vez de serem cartas de apoio). No entanto, promete responder da forma mais paciente que puder. Lança, no final, um repto disfarçado de convite, para que famílias abram os braços e os seus lares e recebam estas crianças: “Meanwhile, friends everywhere, will you open your hearts and your homes to the little mixed-blood orphans in Asian lands? I pray you to do so.” (*Ibid* 67)

2.2. Antecipação do *Civil Rights Movement* – contra o Racismo Institucional nos Estados Unidos

PSB foi, em inúmeros aspectos, uma pioneira. No entanto, a sua dimensão humanitária é, hoje em dia, muito pouco conhecida. As suas posições perante as injustiças cometidas pela sociedade americana sacudiram a opinião pública do seu tempo, tornando-se bastante incómoda perante o poder do *establishment*, determinado em manter o *status quo*, apesar dos ideais de liberdade e de democracia para todos, garantidos pela Constituição dos Estados Unidos da América. Em 1941, a sua posição sobre a *Bill of Rights* foi incluída no livro *Our Bill of Rights: What It Means to Me – A National Symposium*, intervenção essa que PSB intitulou de “Soul of Our Nation”. Aí, ela começa por salientar a importância que o *Bill of Rights* possui nas fundações da democracia americana,

“those few profound principles which shape our nation in the form of what we call a democracy” (Wise 1941: 33), na possibilidade que permite criar espaço para introduzir mudança e desenvolvimento, “which. allows amendment and change” (*Ibid*), fundamentais para evitar o anquilosamento e a morte da democracia nos Estados Unidos, “Any form fixed and forever may become the grave of democracy” (*Ibid*) O *Bill of Rights*, torna-se, por isso, a salvaguarda da liberdade, criando a possibilidade de introduzir mudança numa entidade viva e em constante evolução e expansão, que é a liberdade, criando uma “possibility for change as we changed. Freedom is a living expanding thing” (*Ibid*) PSB estabelece a comparação entre os estágios de crescimento de uma criança e o atingir da total autonomia do ser humano adulto, com o desenvolvimento da nação americana onde, em ambos os casos, não é possível prever com exactidão o futuro, “our nation when it began could not comprehend in one age the full meaning of freedom for all time ahead” (*Ibid*) Os *Founding Fathers* estabeleceram um sistema que permitiu deixar em aberto a possibilidade de introduzir mudanças na Constituição pelas gerações vindouras, “But those first Americans knew that above all there must be room for change, and the group of amendments which we call the *Bill of Rights* was that room” (*Ibid* 33-4) PSB enaltece e reforça o papel fundamental que o *Bill of Rights* tem para os americanos, não apenas pelas *Amendments* que já possui, mas sobretudo por permitir a existência de outras no futuro. Por isso, considera de importância vital que a Constituição permaneça inacabada, permitindo a aceitação de novos artigos que reflectam o crescimento da democracia e de maior liberdade para todos os americanos: “The Constitution must remain unfinished, ready for new articles, sensitive to our own change and growth toward a better democracy; a more complete freedom for all Americans alike” (*Ibid* 34)

O final da sua intervenção tem um tom profético e antecipa uma grande intervenção, vinte anos mais tarde, mais precisamente a 28 de Agosto de 1963, no Lincoln Memorial, em Washington D.C., proferida por Martin Luther King, Jr. “I

Have a Dream”(King 1992: 101-06). É deveras interessante constatar as semelhanças que existem entre a intervenção de PSB e o discurso do reverendo. Como ele afirmaria, “I have a dream that one day this nation will rise up and live out the true meaning of its creed: “We hold these truths to be self-evident: that all men are created equal.”” Também ela tinha o mesmo sonho, de que no futuro pudesse ver mais do que meras boas intenções registadas na constituição, mas que sobretudo houvesse leis em todos os estados que garantissem aos americanos de outras raças que não a branca, a mesma igualdade de direitos de que esta gozava, “I look forward to the day when not only in our Constitution but also in the laws of all our States can be found the principles which will give to colored Americans the same justice and freedom that white Americans now have” (Wise 1941: 34). PSB, no entanto, foi para além da questão racial, fez questão de mencionar não apenas a defesa dos direitos das minorias étnicas, mas também o caso da discriminação dos mais desfavorecidos e desprovidos de direitos na sociedade americana, nomeadamente as mulheres, os pobres, os idosos e os deficientes, “to that day when women shall have equal opportunity and responsibility with men, to that day when there need be no more fear and despair in the hearts of the poor, the aged, the handicapped. The hope of our democracy lies in our *Bill of Rights*”. (*Ibid* 34) Uma vez mais, PSB revela ser uma precursora, de facto, do que viria a ser, cerca de vinte anos mais tarde, o *Civil Rights Movement* nos Estados Unidos. Não é, por tudo isto, de estranhar, que PSB tivesse exprimido a sua oposição frontal à postura “oficial” do Estado americano em relação aos negros: “It is not healthy when a nation lives within a nation, as colored Americans are living inside America. A nation cannot live confident of its tomorrow if its refugees are among its own citizens”. (Conlin 1984: 55).

2.3. Cruzada contra a discriminação dos negros e asiáticos

PSB destacou-se cedo na luta contra a discriminação racial nos Estados Unidos, desempenhando um papel interventivo na reivindicação de direitos iguais para as minorias étnicas, nomeadamente os negros. Para alcançar os seus objectivos, PSB tomou uma série de atitudes conducentes a uma mudança da posição racista na sociedade americana. Alguns dias depois do ataque a Pearl Harbor, Eleanor Roosevelt recebeu uma carta dela, que conhecia desde os anos vinte, e com quem vinha colaborando sobre as questões dos negros. Profunda conhecedora do Oriente, PSB quis avisar Eleanor, e através dela o presidente, que maior do que o antagonismo dos chineses em relação aos japoneses era o antagonismo dos povos de cor em relação aos brancos. Numa altura em que apenas era visível o conflito armado entre o avanço avassalador das forças do Eixo e o domínio dos povos oprimidos, PSB começou a alertar para outro tipo de opressão, silencioso mas muito mais antigo: “a deep secret colored solidarity is growing in the world”⁵² (Lash 1971: 669). Segundo ela, a supremacia branca tinha-se tornado um problema internacional, sendo talvez um dos mais importantes, logo a seguir a Pearl Harbor. O racismo existente em relação aos negros colocava os Estados Unidos numa situação delicada: “Unless we make the country worth fighting for by Negroes, we would have nothing to offer the world at the end of the war” (*Ibid*) Apesar do presidente ter ficado muito perturbado e ocupado na semanas que se seguiram ao ataque a Pearl Harbor, Eleanor insistiu para que ele lesse a carta de PSB. A reacção bastante favorável ao problema focado na carta surpreendeu Eleanor. De acordo com o biógrafo Joseph P. Lash, “he told her he would have to compel the British to give dominion status to India, and that it was essential to enlarge Negro rights in the United States”⁵³ (*Ibid*) Esta reacção de Roosevelt foi recebida com bastante agrado mas também com alguma surpresa, dada a presença

⁵² Carta de PSB a Eleanor Roosevelt a 18 de Dezembro de 1941.

⁵³ Lash Diaries, 26 de Dezembro de 1941.

de Churchill na Casa Branca, cujas intenções para o pós-guerra não passavam pela criação de uma liga de países livres e democráticos. De facto, “with great intellectual force that eloquent statesman was pressing the case for a postwar world order based on Anglo-American ascendancy” (*Ibid*) Esta atitude retrógrada chocou profundamente PSB, que reagiu de forma revoltada à arrogância das palavras proferidas no primeiro discurso proferido por Churchill em Washington: “The British and American people will for their own safety and the good of all walk together side by side in majesty, justice, and peace”. Estas palavras ecoaram no mundo anglo-saxónico mas inquietaram os asiáticos, habituados a sofrer sob o jugo imperialista, inquietações que PSB conhecia e compreendia muito bem. Por isso, afirmou⁵⁴: “An England, a United States, “walking together in majesty,” can only mean to the colored peoples a formidable white imperialism more dangerous to them than anything even a victorious Japan can threaten” (Buck 1942: 26-7). Eleanor partilhava desta opinião, apesar de ter ficado bem impressionada com o encanto pessoal de Churchill:

The Prime Minister is a thoroughly delightful person. My only difference of opinion with him is that I do not believe we should stress the control of the English-speaking people when peace comes. It seems to me that we should include all people who believe in democracy.⁵⁵ (Lash 1971: 669)

A única preocupação destes estadistas anglo-saxónicos era de vencer a guerra contra o Japão imperial, que tinha ousado interferir no domínio quase absoluto do Império Britânico na Ásia, com o claro intuito de manter o *status quo* inalterado, nunca com o propósito de libertar e dar autonomia democrática aos povos oprimidos do Oriente. Era esta hipocrisia que PSB contestava de forma tão incómoda para o *establishment*, advertindo os imperialistas anglo-saxónicos brancos para as consequências a muito curto prazo:

⁵⁴ PSB publicou o artigo “Tinder for Tomorrow”, na revista “Asia Magazine”, em Março de 1942, e apresentou parte dele num discurso num *Book & Author Luncheon*, no Hotel Astor, na cidade de Nova Iorque, a 10 de Fevereiro de 1942.

⁵⁵ Carta de Eleanor Roosevelt a Alice Huntington de 3 de Janeiro de 1942.

There may be no interval between this war and the next unless we give proof now of our sincerity. We must realize, we citizens of the United States, and this whether Britain realizes it or not, that a world based on former principles of empire and imperial behaviour is now impossible. It cannot exist. (Buck 1942: 25)

Para PSB, era fundamental e urgente não apenas ganhar a guerra, mas deixar bem clara a necessidade de inverter o *status quo* nos países dominados pelas potências coloniais, sobretudo a britânica. O grito de alerta de PSB ia no sentido de chamar a atenção das democracias britânica e americana para a situação instável na Ásia. Estas não deviam esquecer que os aliados “de cor” constituíam a larga maioria dos aliados dos britânicos e americanos contra o Japão. Segundo PSB previa, o descontentamento crescente e a falta de paciência dos asiáticos perante a arrogância e prepotência dos senhores coloniais brancos iria trazer consequências muito sérias no futuro próximo:

Nor can we postpone such decision for democracy by saying, “Let’s win this war first.” We cannot even win this war without convincing our colored allies — who are most of our allies — that we are not fighting for ourselves as continuing superior over colored peoples. The deep patience of colored peoples is at an end. Everywhere among them there is the same resolve for freedom and equality that white Americans and British have, but it is a grimmer resolve, for it includes the determination to be rid of white rule and exploitation and white race prejudice, and nothing will weaken this will. (*Ibid*)

PSB alertou para a necessidade de uma mudança de atitude por parte dos americanos e britânicos, para tranquilizar os aliados de cor asiáticos em relação ao pós-guerra. Se os britânicos não tomassem consciência da urgência de atribuir autonomia democrática às colônias asiáticas, então os Estados Unidos deveriam dar esse exemplo, constituindo um exemplo, e permitindo que as virtudes da democracia e da igualdade não fossem um direito exclusivo dos povos de raça branca:

The United States and England are at a very critical moment in this war. Our allies, India, China, the Philipines, and Malaya, are waiting for us, whether they tell us so publicly or not, to make clear the stand of the white peoples toward them. Are we all-out for democracy, for total justice, for total peace based on human equality, or are the blessings of democracy to be limited to white people only? The answer must be made clearly and quickly. To evade the question, to delay the answer, is to reply in the negative. And the United States must take the lead. (*Ibid* 27-8)

O apelo visionário de PSB apontava para uma mudança de atitude por parte dos Estados Unidos, demarcando-se das posição colonialista dos ingleses: “For we cannot now trust to English minds, however we admire them, nor to English leadership, however strong. We must think and act for ourselves.” (*Ibid* 28) Os Estados Unidos necessitavam de garantir, perante os aliados asiáticos, o seu empenhamento na causa pela democracia: “We must for our own sakes give our allies in the Far East confidence in our leadership toward full democracy.” (*Ibid*) No entanto, PSB questionou se tal seria possível, tendo em conta a situação de discriminação dos negros no seu próprio país. Essa dúvida era, na realidade, confirmada pelo Japão, na sua campanha de propaganda contra os Estados Unidos, procurando convencer os povos asiáticos de que a América não tinha nada de novo para lhes oferecer:

But can the United States provide such leadership? This also the Far Eastern allies are asking. Japan is busily declaring that we cannot. She is declaring in the Philippines, in China, in India, Malaya, and even Russia that there is no basis for hope that colored peoples can expect any justice from the people who rule in the United States, namely, the white people. For specific proof the Japanese point to our treatment of our own colored people, citizens of generations in the United States. Every lynching, every race riot, gives joy to Japan. (*Ibid* 29)

Os argumentos de PSB para reforçar a necessidade de mudança na sociedade americana incluíram exemplos fulcrais de discriminação dos negros nas forças

armadas, na indústria de defesa, nos sindicatos, e na vida social, que davam fundamento à propaganda ideológica japonesa:

The discriminations of the American army and navy and the air forces against colored soldiers and sailors, the exclusion of the colored labor in our defense industries and trade unions, all our social discriminations, are of the greatest aid today to our enemy in Asia, Japan. "Look at America," Japan is saying to millions of listening ears. "Will white Americans give you equality?" (*Ibid*)

Estes avisos lançados por PSB pretendiam alertar a sociedade americana para a necessidade de mudança, pois a situação dos negros nos Estados Unidos punha em causa, perante os argumentos da propaganda do Japão, os princípios de democracia e igualdade para todos, sem olhar à cor, na Ásia do pós-guerra:

Today the peoples of Asia are still waiting, still watchful. But they are lending an ear to what Japan is saying because they know there is truth in it. For once, Japanese propaganda is more than propaganda, and they know it. Lies can be laughed off, but truth is a sober thing. Who can blame our colored allies, if they have reservations toward us, if they doubt our intention for true democracy for them? (*Ibid* 29-30)

Essa mudança de atitude tinha que ocorrer em breve, pois o perigo que os Estados Unidos corriam era bem superior ao dos ingleses, dado existirem condições bem peculiares dentro do próprio país, uma vez que dez por cento da sociedade americana era constituída por negros: "But ours is a peculiar danger, for one tenth of our own nation is colored. Our relation to the colored peoples and democracy does not even lie so far off as Africa or India. It is just outside our doors, it is inside our homes." (*Ibid* 30) PSB continua, procurando as causas para a continuidade da discriminação e afirma que tal se deve a uma postura ambígua do americano comum. Este, perante a questão do direito dos seres humanos à igualdade e à justiça, exprime de forma veemente a sua convicção na atribuição de direitos democráticos a todos. No entanto, basta mencionar os negros, e a sua

opinião muda de forma radical, dado que, na sua concepção, os negros não podem ter o mesmo tratamento que os brancos. Como consequência, tal comportamento dá alento à propaganda japonesa:

What is this division between our belief in democracy for all and our practice of democracy only for some? (...) Talk to any plain American and he honestly believes in equality and justice and in giving everybody democratic rights. But mention to him the colored man and you will not believe your own ears. (...) No the colored man cannot have the same treatment as the white man, it seems. "Why?" you inquire. The white American scratches his head. "Well, it just don't work that way," he says, and thereby gives huge comfort to our present enemies the Japanese. (*Ibid* 30-1)

A campanha empreendida por PSB pretendia chamar a opinião pública à razão. Num mundo em constante mudança, onde os antigos valores de impérios coloniais já não tinham lugar, era fundamental que os Estados Unidos liderassem essa nova tendência, que ela considerava irreversível, "millions of people in the world are looking for leadership in democracy from us" (*Ibid* 32) Por isso, os americanos não tinham escolha possível — ou tomavam a iniciativa ou veriam o seu lugar ocupado por potências estrangeiras rivais — "If we cannot assemble ourselves and provide it, leadership will be found elsewhere. Japan may supply it or Russia may supply it — Russia is justly proud of her freedom from race prejudices" (*Ibid*). As consequências dessa perda de liderança no panorama mundial seriam desastrosas para o protagonismo que os Estados Unidos ambicionavam alcançar, mesmo saindo vitoriosos:

But let Americans be sure of this — unless we can declare ourselves whole for total democracy now, we shall lose our chance to make the world what we want it to be, we shall lose even our place in the world, whatever our military victories are. For most of the people in the world today are colored. (*Ibid*)

PSB termina o artigo, alertando para a necessidade de um comprometimento sério por parte dos governantes brancos em relação à atitude a tomar perante os aliados “de cor”. A necessidade de abandonar os preconceitos e a inevitabilidade de conferir a liberdade e democracia aos povos asiáticos no pós-guerra era a solução de PSB para a manutenção dos Estados Unidos como garante da liberdade no mundo. Se assim não fosse, PSB afirma que então os americanos estariam do lado errado, pertenceriam à facção totalitária de Hitler. Segundo ela, a época do domínio mundial por parte da raça branca chegara ao fim. Só poderia continuar se se impusesse pela força militar totalitária, o que seria inconcebível para o momento histórico em que se encontravam:

We do well to be afraid if we intend to persist blindly in our prejudices. If we plan to persist as we are, then we are fighting on the wrong side in this war. We belong with Hitler. For the white man can no longer rule in this world unless he rules by totalitarian military force. Democracy cannot so rule. Democracy if it is to prevail at this solemn moment in human history can do so only if it purges itself of that which denies democracy, if it dares to act as it believes. (*Ibid* 32-3)

Irredutível nas suas convicções, PSB usou a sua influência e amizade junto de Eleanor para levar Roosevelt a agir de forma correcta perante os aliados chineses. Dois dias após Churchill ter deixado Washington, PSB enviou um telegrama ao presidente em seu nome, bem como no de Walter White da N.A.A.C.P.⁵⁶, de Edwin R. Embree do *Rosenwald Fund*⁵⁷ e de outros, solicitando que as conferências com Churchill fossem também seguidas de contactos ao mais alto

⁵⁶ *National Association for the Advancement of Colored People*, associação fundada a 12 de Fevereiro de 1909 por um grupo de activistas multirraciais. De início foi designada por National Negro Committee, com o objectivo de garantir a igualdade de direitos, a nível político, educacional, social e económico de todas as pessoas e contribuir para uma sociedade sem ódio e discriminação racial.

⁵⁷ O *Rosenwald Fund* foi fundado por Julius Rosenwald e desempenhou um papel importante no progresso da educação Africana-Americana, apoiando a construção de escolas para alunos negros nos Estados do sul. De 1917 até à morte de Rosenwald em 1932, o fundo contribuiu para a construção de cerca de 5.000 novas escolas para crianças negras em 15 Estados sulistas. Para além do apoio na construção de escolas, o fundo contribuiu de forma decisiva para criar incentivos e melhorar as condições de vida das comunidades negras.

nível com Chiang Kai-shek, dado que “already enemies are using Churchill’s visit as evidence of Anglo-Saxon will to world dominance. The battles in the Pacific are already being made to appear a war between white and yellow races”⁵⁸ (Lash 1971: 670). Nessa ocasião, como em outras, sempre que PSB enviava uma carta ao presidente, mandava uma cópia a Eleanor, para se assegurar que ele as receberia. Nas semanas seguintes, PSB escreveu com frequência a Roosevelt, quer de forma directa quer através de Eleanor, o que surtiu bastante efeito, a julgar pelas palavras do próprio presidente a Eleanor: “Tell Pearl Buck I read her letter of March 7th with real interest. I am keeping it in my files”⁵⁹ (*Ibid*). A relação de amizade entre ambas era verdadeira e recíproca e PSB reconheceu-o, ao afirmar o valor inestimável que Eleanor tinha para o povo americano, estando na Casa Branca ao lado do presidente, afirmando que “it is a great deal to be able to count on someone as millions of us count on you”⁶⁰ (*Ibid*). Para além desta mais valia que Eleanor representava para PSB, esta também serviu os intentos de Eleanor, pelo facto do presidente dar mais valor à opinião de PSB, uma especialista em assuntos ligados ao Oriente, do que à própria mulher: “Pearl Buck also served Eleanor’s purposes; arguments that the president shrugged off when they came from his wife he could accept from someone else, especially from a Nobel prize winner whose understanding of Oriental psychology was indisputable” (*Ibid*).

Durante os meses que se seguiram, as ideias de Roosevelt sobre uma nova ordem mundial no pós-guerra foram evoluindo. Durante um jantar, uma aluna do Vassar College⁶¹ quis saber qual a opinião do presidente sobre esse assunto, ao qual este retorquiu que as nações agressoras teriam que ser policiadas, para que não se rearmassem. Questionado sobre quem realizaria esse policiamento, o presidente respondeu: “The United States, the British, the Russians and the Chinese, if we

⁵⁸ Telegrama de PSB *et al* para Franklin D. Roosevelt, a 16 de Janeiro de 1942.

⁵⁹ Memorando de Franklin D. Roosevelt a Eleanor Roosevelt, a 11 de Março de 1942.

⁶⁰ Carta de PSB a Eleanor Roosevelt, a 29 de Julho de 1942.

⁶¹ Fundado em 1861, o Vassar College é uma faculdade liberal de artes, com critérios de selecção muito exigentes. Situado no Hudson Valley, a 112 km a norte da cidade de Nova Iorque, em Poughkeepsie.

hang together”⁶² (*Ibid*). Tal afirmação agradou sobremaneira a Eleanor, que deu por bem tomada a ideia de sentar a estudante ao lado do presidente, tendo em conta as posições anteriores deste sobre um monopólio britânico-americano para depois da guerra. No entanto, o tema da inviabilidade da supremacia racial dos brancos sobre os povos de cor continuava na ordem do dia para Eleanor, convencida de que “one could not combat the Hitler ideology of Aryan superiority in Europe and expect the yellow and black peoples of the world, including the American Negro, to continue to submit supinely to the same doctrine” (*Ibid*). À semelhança de PSB, Eleanor tinha fortes convicções sobre a necessidade de mudança do *status quo* nos Estados Unidos em relação aos direitos dos negros e dos efeitos nefastos no passado do domínio dos brancos em países asiáticos, apontando ainda o bom exemplo a seguir no caso das Filipinas. Em resposta a um crítico das suas opiniões, Eleanor escreveu:

What you do not seem to realize is that no one is "stirring up" the colored people in this country. The whole world is faced with the same situation, the domination of the white race is being challenged. We have ten percent of our population, in large majority, denied their rights as citizens. In other countries you have seen the results of white domination, Burma, Singapore, et cetera. You have seen the results of intelligent handling in the Philippines⁶³. (*Ibid*)

Eleanor Roosevelt e PSB tiveram um papel decisivo na mudança de atitudes na difícil tarefa de inverter a falta de direitos cívicos e a discriminação a que os negros americanos estavam sujeitos desde o fim da escravatura. A sua importância nesse processo e o reconhecimento do papel desempenhado por elas nessa luta pela igualdade de direitos dos povos de cor foi salientado por Walter White, presidente da N.A.A.C.P., durante uma reunião em Madison Square Garden, ao afirmar “the tragedy of the situation is that only a few intelligent and brave souls

⁶² Jane Plimpton era a aluna do Vassar College; e a troca de palavras com o presidente foi relatada por Lash a Trude Pratt, a 31 de Maio de 1942.

⁶³ Carta de Eleanor Roosevelt a Gil Harrison, a 23 de Junho de 1942.

like Mrs. Roosevelt, Pearl Buck, and one or two others in the white world are wise enough to see the picture as it is”⁶⁴ (*Ibid* 671).

2.4. Campanha nos jornais em prol dos negros

Pouco tempo depois da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, PSB escreveu uma carta intitulada “A Letter to Colored Americans”, dirigida aos editores de todos os periódicos de cor dos Estados Unidos e do Canadá, datada de 28 de Fevereiro de 1942. Consciente do momento muito grave pelo qual os Estados Unidos estavam a passar, quer em relação à ameaça militar das forças do Eixo, após o ataque a Pearl Harbor, quer no que diz respeito à luta dos negros pelo direito à igualdade em todos os sectores da sociedade americana, PSB sentiu que era necessário dirigir-se aos cidadãos de cor do seu país. As tensões raciais começavam a fazer-se sentir, dado que estes eram discriminados e segregados em todos os sectores da sociedade americana, até mesmo nas forças armadas que combatiam as forças do Eixo. PSB estava convicta de que essas tensões prejudicariam o desempenho e o empenhamento dos negros numa causa que necessitava de ser um imperativo nacional, e não um exclusivo da sociedade branca. Todos tinham que estar unidos em torno de ideais comuns: lutar pela democracia e pela liberdade de todos os povos oprimidos pelas forças fascistas do Eixo. No entanto, os negros sentiam-se defraudados e excluídos desses ideais, que para eles constituíam “letra morta”. De que lhes valia lutar até à morte por um país e por ideais que, na prática, não se aplicavam a eles? De que lhes servia terem nascido num país que os encarava e os tratava como cidadãos de segunda, apesar de ser regido por princípios tão nobres e elevados mas sem qualquer aplicação prática quando se tratava de pessoas de cor? Este era o dilema que PSB sentia

⁶⁴ Discurso proferido por Walter White no Madison Square Garden, a 16 de Junho de 1942.

existir na mente dos cidadãos de cor do seu país. Apesar de tudo isto, ela pretendeu dar um novo sentido à causa deles, considerando que eram o símbolo, não apenas dos povos de cor, mas de todos os povos que ambicionavam pela liberdade e pela democracia no mundo. Por essa razão, dirigiu-se a todos eles, solicitando a sua melhor compreensão para o grave momento que o país atravessava:

I venture to write this letter directly to you, the colored citizens of our country. Some of you may know how frankly and constantly I have spoken to white people about their obligations to you. Now I should like to speak to you of the responsibility resting at this moment upon the colored Americans for the survival of human freedom. For the colored American stands today as a symbol, not merely for his own race in one country, but for the hundreds of millions of other men and women, colored and white, who are waiting for freedom and for the life which democracy promises.⁶⁵ (Buck 1942: 34)

Contrariando algumas opiniões que afirmavam que seria melhor eliminar o domínio das potências de raça branca na Ásia e na África, e que sugeriam que seria vantajoso para os asiáticos ver os brancos expulsos e serem substituídos pelos japoneses nas colônias do Oriente, PSB opôs-se de forma veemente a tais ideias. Segundo ela, essa era uma noção errada do verdadeiro significado da guerra. O que estava em jogo não era a mera disputa territorial mas sim o confronto entre as democracias que defendiam o princípio da liberdade e aqueles que o negavam em absoluto, apesar dos brancos acreditarem na democracia mas não a implementarem para todos:

I know that there are those among you who in natural bitterness think (...) that it might be as well if Japan should win this war so that the white man would be forced out of the lands of the colored people. But this is to misunderstand the fundamental meaning of this war. It is true that white people say they believe in

⁶⁵ “A Letter to Colored Americans”, dirigida aos editores de todos os periódicos de cor dos Estados Unidos e do Canadá, datada de 28 de Fevereiro de 1942.

freedom and still do not go on to make everybody free, and yet the real issue in this war is a single one — it is a war between the democracies who admit the principle that men and women should think and speak and work in freedom and the Axis rulers who deny freedom even as a principle. (*Ibid* 35)

A ênfase no discurso de PSB assentava na esperança de um mundo melhor para todos os povos do mundo, caso os países democráticos ganhassem a guerra. Caso contrário, nada de bom seria de esperar dos regimes totalitários das forças do Eixo. Por um lado, de acordo com a tradição cultural japonesa, o indivíduo não dispunha de liberdade própria e, por isso, não se podia esperar outro tipo de comportamento de uma sociedade que assentava em tais princípios; por outro lado, apesar do partido Nazi de Hitler ter sido eleito democraticamente, depois de alcançar o poder aniquilou todas as forças políticas adversárias, o que também não auspiciava nada de bom para os povos sob o seu jugo:

If the democratic peoples win, there will be a chance to work out true democracy. If the democratic peoples lose, there will no further chance for long time even to try anything like freedom. Japan's whole culture, ancient and modern, is based on stern subjugation of the individual. And there is no reason for anyone to expect freedom from the German rulers. (*Ibid*)

Era fundamental que os negros e os brancos americanos se unissem em torno desta causa comum. A hora não era de cisão mas de união de esforços e de sacrifícios em prol da libertação dos povos oprimidos. A questão da raça não era o que estava em causa. O que importava era assegurar a vitória dos povos amantes da liberdade, uma vez que se as forças do Eixo ganhassem a guerra, a questão da cor da pele não teria qualquer significado, todos seriam despojados da sua liberdade de forma idêntica:

This war, therefore, belongs to the colored American as much as to the white American, and they stand or fall together with the rest of humanity. Never before has race meant so much and so little — so much because it is upon this point of

equality that the democratic peoples have failed most disastrously to practice full democracy, and so little because, if the Axis should win, colour would not save or damn anyone. The freedom of colored and white together would then be lost. (*Ibid* 35-6)

Apesar das falhas da democracia americana, PSB estava convicta de que aos Estados Unidos cabia a importante missão de liderar o mundo livre durante e após a guerra. Era algo que lhe cabia por direito mas sobretudo por dever: “Faulty as our democracy is, the United States must be the leader in this war for the right of peoples to be free” (*Ibid* 36). PSB considerava que os Estados Unidos tinham a obrigação moral de servir de força aglutinadora e inspiradora na criação de um mundo livre para todos os povos aliados e da paz mundial:

It is inevitable, too, that after this war the United States must be the leader in the peace. China will be deeply concerned in that peace (...) the peoples of India and Malaysia, the Philippines, and all the conquered peoples in Europe and Africa. The United States must be prepared in mind and spirit to lead all these toward freedom. (*Ibid*)

Os argumentos de PSB destinavam-se a persuadir os negros americanos a empenharem-se no esforço de guerra juntamente com os brancos, apesar das injustiças do passado e do presente. Segundo ela, os responsáveis da situação em que os negros se encontravam eram os brancos, e podiam ser divididos em três tipos. O primeiro grupo não tinha preconceitos raciais, e estava consciente da discriminação racial e económica que os negros sofriam. Esse grupo deveria ser apoiado, pois se perdessem a guerra, teriam que pagar com vida o apoio dado aos negros: “They are aware of how much and how wrongly the colored American suffers from racial and economic discrimination. (...) If the enemy is the victor, you will return to slavery, but they will be killed” (*Ibid* 37). O segundo grupo de americanos brancos era constituído pela maioria dos americanos, que reconheciam que tinham preconceitos em relação aos negros, mas começavam a reconhecer e a

acreditar que esse preconceito se encontrava errado: “They are beginning to see or at least to suspect that discrimination on the unjust ground of color works evil (...) just as in the old days, which permitted slavery” (*Ibid*). O terceiro e último grupo era menor do que o segundo mas não tão pequeno como o primeiro, e era constituído por aqueles cujo preconceito racial se mostrava enraizado de forma profunda. Na origem dessa posição estaria a tradição que os manteria presos a essas convicções, ou então seria devido à falta de inteligência ou de fracas condições económicas: “those white people in whom race prejudice is deeply ingrained because tradition still holds them bound or because their lack of intelligent and economic opportunity demand a class yet lower than their own so that they can feel superior to somebody” (*Ibid* 38). Esse grupo de americanos era o grupo mais deplorável, constituindo o maior obstáculo à liberdade e, caso os Aliados perdessem a guerra, seriam os lacaios de Hitler e do Japão numa nova ordem mundial: “These white people are the enemies of freedom. Should the Axis win, these would be its friends” (*Ibid*).

O dilema de PSB tinha que ver com o facto de que, infelizmente, a maioria dos americanos não pertencia ao primeiro grupo. Se assim fosse, nem haveria a necessidade da carta de PSB ser escrita, pois as desigualdades e a discriminação já teriam desaparecido. Se se desse o caso oposto, em que a maioria dos americanos pertencesse ao terceiro grupo, a presente carta nem sequer seria publicada. Os Estados Unidos estariam a lutar ao lado do Eixo contra as democracias e a planear uma subjugação total dos povos de cor. No entanto, a esperança residia no facto de a maior parte dos americanos pertencerem ao segundo grupo que, apesar de terem herdado ou terem sido criados num ambiente de preconceito, também tinham a herança dos grandes ideais americanos de liberdade, igualdade e democracia para todos. Encontravam-se, porém, perante um grande dilema entre a manutenção do *status quo* ou proceder de forma correcta, mas alterando a sociedade americana em profundidade: “those who have inherited or been trained in prejudice, but who because they have also inherited and been trained in the

American ideals of human freedom and equality now find a serious conflict within themselves” (*Ibid* 38-9). Era sobre estes, os únicos passíveis de mudar de atitude perante os negros, que repousava a responsabilidade de terem a coragem suficiente para conceder a igualdade a todos os americanos: “for the most part they honestly want to do right, but they are afraid because they see that this right will make great changes (...) the whole honest white Americans, most of whom hate their inability to make practical their belief in freedom for all” (*Ibid* 39)

O apelo que PSB faz de seguida é dirigido aos cidadãos de cor do seu país, solicitando deles a grandeza de espírito para ajudar aqueles cidadãos brancos a compreendê-los e a constatarem que a raça negra saberia dar o exemplo e agir de forma condigna, apesar da discriminação e das injustiças sofridas por ela desde o fim da escravatura. Este é, no fundo, o grande propósito de PSB em escrever esta carta, consciente da grave situação em que o país se encontrava, com cidadãos negros divididos entre a raiva e a revolta perante as discriminações sofridas e o dever para com o país em guerra e, apesar de tudo, continuarem a ser espezinhados pelos sempre onnipotentes brancos. Não é de estranhar que PSB apele à razão, e não à emoção:

You see how great a thing I am asking. I am asking you to help this uncertain white American to understand you as a human being, to trust you as his equal so that he may be convinced that, if you are given freedom equal to his, you will not think of revenge and liberty only for yourselves but still of ordered freedom and equality for humanity (*Ibid*)

Apesar de tudo o que tinham sofrido, deveriam pôr os sentimentos de raiva e de vingança de parte, para poderem agir da única forma possível: juntarem-se aos brancos numa frente comum patriótica e lutar pela vitória da liberdade de todos os povos. Ela própria afirmou que não esquecia as injustiças cometidas: “I do not excuse in any way those injustices and those cruelties which you have borne. There is no excuse for them” (*Ibid*). A hora não era para vinganças ou atitudes

mesquinhas, mas para convergência de esforços: “when you remember the suffering, which you have not deserved, do not think of vengeance, as the small man does” (*Ibid* 39-40). Apesar de todos os defeitos da democracia americana, era nela que residia a melhor esperança de um futuro melhor para os negros: “I ask you, colored people of the United States, to stand by this great mass of your white countrymen in this imperfect democracy of ours, where nevertheless the hope of democracy is still clearest. They need your help” (*Ibid* 40). A maior virtude dos negros seria, segundo PSB, demonstrar aos brancos, através de atitudes correctas e dignas, que nada tinham a temer em ser-lhes concedida a igualdade de direitos: “Every time one of you conducts himself, as so many of you do, with honesty and magnanimity and dignity, you are helping white men and women toward a real democracy” (*Ibid*). Este pedido não era fácil de seguir mas PSB sentia-se segura de que o desafio estava à altura da grandeza daqueles a quem se dirigia, de forma que ficasse bem claro que os negros eram merecedores dessa confiança: “yet you will assert those proper demands, not in a spirit of hatred and revenge and selfishness, but in a spirit which by the very manner in which it shows itself proves you the equal of any human being” (*Ibid* 40-1). No fundo, e PSB admitiu-o de forma clara, pedia que os negros fossem melhores do que os brancos tinham sido para eles até então. Apenas um povo que sabia o que era o sofrimento e estar privado de liberdade saberia lutar como ninguém para a reconquistar:

I know that this is no small thing to ask of any people. Certainly it is asking of you to be better than the white man has been. But indeed you must be better than the white man has been. (...) Who can fight so well for freedom as those who know what it is to be deprived of it? (*Ibid* 41)

PSB insistiu na necessidade dos negros serem visionários e conseguirem enxergar para além do óbvio: “It is essential now that colored Americans see what the white man cannot see. Your vision must be clearer than his” (*Ibid*). Não havia outra solução, nem se podiam satisfazer com menos do que isso, se queriam criar

as condições para uma nova era de liberdade para todos, liberdade essa que se encontrava subjacente ao comportamento e às atitudes de brancos e negros: “For there will be no freedom for the white man if there is not freedom for the colored” (*Ibid*). Apesar de encararem a sua situação com apreensão, PSB advertiu-os de que o momento em que se encontravam não se resumia a uma mera questão de libertação de uma raça subjugada e oprimida por outra. O que estava em jogo era a liberdade de todos os povos. De facto, no momento em que PSB escreveu a carta, grande parte da Europa encontrava-se subjugada pelo domínio implacável dos Nazis, situação na qual brancos escravizavam brancos, sem a menor complacência, apesar de serem da mesma cor:

It is possible, in this grave moment, that in such a place as Australia there might be white people made slaves by their conquerors, just as white people now are slaves in certain countries and no less slaves because their rulers are other white men. The issue today is not of race, colored or white. It is freedom (*Ibid*)

De acordo com PSB, os negros deveriam constituir um exemplo de virtude e de coragem para todos os povos oprimidos na luta pela igualdade, pelo facto de que, melhor do que ninguém, sabiam o que era estar privados de liberdade. Essa luta não era uma luta vã, nem exclusivamente americana: “It is not only an American crusade — it is a human crusade, and you are in the vanguard of it today and not the white people” (*Ibid* 42). Os ideais de democracia e de igualdade consagrados na Constituição americana acabariam por vir à superfície, pois os negros contituiriam o baluarte dessa promessa por cumprir, pelo seu exemplo e entrega a essa causa tão justa:

It may well be that in the future now very close the peoples of Asia and Africa will look to you more than to any other Americans to see to it that the world does not divide as Japan would have it on the false line of color, but solely on the sigle issue of freedom for all. / It is you who carry the flag (*Ibid*)

PSB não foi a única mulher com projecção nacional e com influência na opinião pública americana a intervir a favor dos negros. A mulher do presidente Franklin D. Roosevelt teve uma grande influência no próprio marido, sobretudo nas questões ligadas à defesa dos direitos dos mais desfavorecidos. A intervenção de Eleanor nas decisões do presidente acabou por torná-la incómoda para alguns poderosos, devido às suas atitudes em prol dos negros. Os apelos que os negros faziam ao governo tornavam-se como que apelos ao seu sentido de solidariedade humana, que não via na cor da pele um impedimento para fazer o bem aos seus semelhantes:

There was little that the Negro people demanded of their government that did not end up as an appeal to her, and it was she who had to confront the men in authority with obligations from which they wished to flee; and the guiltier they felt, the more irritated they were with her. (Lash 1971: 671)

Em várias circunstâncias, Eleanor utilizou a sua influência junto do presidente para que este interviesse a favor dos negros. Um exemplo disso foi o caso Waller, em que um negro agricultor que assassinara o senhorio branco tinha sido condenado à morte. Segundo Harry Lloyd Hopkins⁶⁶, a 1 de Julho de 1942 a Sra Roosevelt chamou-o várias vezes para falar sobre esse caso, dado que esse homem ia ser executado no dia seguinte. Na altura foi exercida muita pressão sobre Eleanor para que esta interviesse junto do governador e ela falou e escreveu-lhe, e o próprio presidente escreveu-lhe uma carta, pedindo-lhe para comutar a sentença de morte por pena de prisão perpétua. O governador já tinha concedido seis adiamentos e o presidente achou que já não podia intervir de novo,

⁶⁶ Harry Lloyd Hopkins nasceu a 17 de Agosto de 1890 e tornou-se administrador federal e conselheiro presidencial de Roosevelt de 1940 a 1945. Harry Hopkins serviu o presidente como seu representante pessoal e conselheiro. Estabeleceu contactos privilegiados com Churchill, em Janeiro de 1941, para tomar conhecimento das necessidades da Grã-Bretanha nos primeiros meses da Segunda Guerra Mundial, fazendo com que o presidente fizesse aprovar a *Lend-Lease Bill* pelo Senado em Março de 1941. Estabeleceu uma relação privilegiada com Joseph Staline acompanhando Roosevelt à conferência de Ialta como seu ajudante pessoal. Após a morte do presidente, reformou-se e faleceu a 26 de Janeiro de 1946.

considerando que ele estava a agir dentro dos seus direitos constitucionais, e pensando que não seria possível outra decisão, dadas as circunstâncias do caso. No entanto, Eleanor não se satisfez com um “não” como resposta e o presidente teve de pegar no telefone e dizer directamente a Eleanor que em nenhuma circunstâncias interferiria no pelouro do governador e avisou-a de que ela deveria fazer o mesmo. Assim era a sua determinação, sempre que encontrava alguém desprotegido a necessitar de ajuda. Neste caso, achou que a intervenção vinda da presidência não havia sido suficiente, sobretudo o seu interlocutor, Harry Hopkins:

This incident is typical of the things that have gone on in Washington between the President and Mrs. Roosevelt ever since 1932. She is forever finding someone underprivileged and unbefriended in whose behalf she takes up the cudgels. While she may often be wrong, as I think she was in this case, I never cease to admire her burning determination to see that justice is done, not only to individuals, but to underprivileged groups. I think, too, in this particular instance Mrs. Roosevelt felt that I was not pressing her case with the President adequately, because in the course of the evening he was not available on the phone and I had to act as a go-between. At any rate I felt that she would not be satisfied until the President told her himself, which he reluctantly but finally did.⁶⁷ (*Ibid*)

Eleanor pressionou o presidente e Hopkins até ao limite, porque sentiu que Odell Waller tinha sido condenado de forma sumária por um conjunto de jurados, todos eles fazendeiros brancos, sem a inclusão de nenhum negro no júri, tendo-se este tornado num símbolo da injustiça racial: “Times without number Negro men have been lynched or gone to their death without due process of law. No one questions Waller's guilt, but they question the system which led to it”⁶⁸ (*Ibid*). Não conseguiu salvar Waller da sentença de morte mas o seu exemplo e esforços nesse sentido ajudaram a reforçar a confiança dos negros americanos no governo, e

⁶⁷ Memorando escrito por Harry Hopkins na Casa Branca, a 1 de Julho de 1942.

⁶⁸ Carta escrita por Eleanor Roosevelt a A. M. Kroeger a 20 de Agosto de 1942.

sobretudo nela, como uma aliada bastante dedicada à sua causa, bem como em PSB, cuja frontalidade nunca permitiu a manutenção do *status quo* na sociedade americana: “Race prejudice is not only a shadow over the colored – it is a shadow over all of us, and the shadow is darkest over those who feel it least and allow its evil effects to go on”. (Conlin 1984: 55).

2.5. Intervenção de Pearl S.Buck no apoio às crianças desfavorecidas

If our American way of life fails the child, it fails us all.

Pearl S. Buck

A vida de PSB pautou-se por fortes convicções e esteve sempre pronta para intervir em defesa dos direitos dos mais desfavorecidos. Considerava a família a pedra basilar da sociedade e via nas crianças o futuro e a esperança numa humanidade melhor, livre de conflitos raciais e de guerras fratricidas, que destruíam as fundações da sociedade e da civilização, causando sofrimento e morte.

A degradação da família na sociedade americana deve-se, de acordo com Valda Anelauskas, ao ultra-capitalismo americano, sobrepondo-se de forma brutal e impiedosa à comunidade em geral, e à família em particular:

American ultra-capitalism itself is the primary cause of family and moral breakdown and the destruction of positive social values in America. What else could be the result of a belief system that teaches the supremacy of greed and the divinity of cash? Such an evil system simply has a fundamentally anti-social, anti-community, and anti-family character. (Anelauskas 1999: 128)

O sistema americano de capitalismo extremo permite e até enaltece o funcionamento desenfreado do chamado “mercado livre”, não respeita o tecido social e provou ser um dos piores inimigos da família. No entanto, os “valores da família” são enalticidos pelos políticos oportunistas, sobretudo em altura de eleições, para cativar os milhões de eleitores americanos, que valorizam muito esses princípios sociais. Para o ultra capitalismo americano, a família é valorizada apenas para que apoie e reforce o sistema do lucro. Os valores de mercado destroem a família e os valores morais, não apenas por causa do nível de pobreza no qual imensas pessoas são forçadas a viver, mas por criar um clima de cultura anti-social que fomenta a noção de que a ganância é boa, “getting rich is the primary goal for everybody. Within such a context, where are the values of kinship, of community, of public good? What place has altruism, friendship, spirituality, aesthetics, love or even decency?” (*Ibid*) À semelhança de Anelauskas, Dana Mack, do *Institute for American Values*, afirma de forma peremptória na obra *The Assault on Parenthood*, que a cultura americana é “family-hostile, child-hostile culture” (Mack 1997: 24). Apesar de todo o seu poderio económico, a sociedade americana não tem sabido defender os direitos dos seus membros mais desprotegidos — as crianças. A epidemia da pobreza infantil é algo que nenhuma sociedade deveria permitir, nem mesmo para um dos seus membros. Até mesmo o profeta do capitalismo, Adam Smith, admitiu no seu livro *The Wealth of Nations*, que “No society can surely be flourishing and happy when part of the members are poor and miserable” (Smith 1974: 181). Anelauskas aponta no seu livro a direcção a tomar por uma sociedade civilizada no cuidado a ter com os seus membros mais novos, “one of the first priorities of any civilized society is to take care of its children, to prevent their needless suffering” (Anelauskas 1999: 161). Já no seu tempo, PSB lutou de forma incansável pela defesa dos direitos dos mais desfavorecidos, nomeadamente as crianças, “The test of a civilization is in the way that it cares for its helpless members”⁶⁹ (*Ibid*)

⁶⁹ Pearl S. Buck, "The Graying of America", *The Hanover Quarterly*, Summer 1997.

Uma sociedade que permite que crianças nasçam na mais profunda pobreza não é uma sociedade civilizada e está condenada ao fracasso. Deve, por isso, proteger e subsidiar famílias com filhos, pois esses são o futuro da nação:

No moral society will allow children to be born in abject poverty. Every civilized nation should work to refine models of social policy that nurture its children, should protect and subsidize families with children simply because those children are its future; if they are neglected, the stagnation and decline of a nation become inevitable. (*Ibid*)

Por essa razão, uma sociedade não deve permitir, sob pena de vir a criar no futuro conflitos sociais muito acentuados, a existência de diferenças profundas entre os vários estratos sociais. Essa consciência deveria conduzir uma sociedade a cuidar dos seus membros mais desfavorecidos, as crianças, providenciando para que lhes sejam conferidos cuidados de saúde, escolaridade o mais alargada possível e, para os órfãos ou abandonados, famílias adotivas “Any nation that allows large numbers of its children to grow up in poverty, afflicted by poor health, handicapped by inferior education, deserted by parents and cut adrift by society” (*Ibid*). O não cumprimento destas obrigações por parte de uma sociedade, neste caso a americana, faz com que esta “is doomed to societal chaos and eventual collapse. And America, no doubt, will follow this pattern” (*Ibid*)

Para PSB, entre as crianças mais desfavorecidas destacavam-se as deficientes, em particular as mentais, pois conheceu em primeira mão o que era ter um filho portador de deficiência mental. A sua primeira e única gravidez resultou numa filha com *phenylketonuria*, uma criança com graves problemas mentais. Decorrente das complicações provocadas por esse parto, o médico obstetra teve que lhe fazer uma histerecotomia total, impedindo-a de poder vir a ter mais filhos e de dar azo ao seu grande desejo de ter uma família numerosa. Decorrente dessa

experiência traumatizante, como mãe de uma criança com deficiência profunda, PSB exprimiu, apesar de tudo e de forma veemente, a sua oposição frontal ao aborto, chegando a afirmar que, se soubesse antes que iria dar à luz uma filha deficiente, com todos os fardos que teria de suportar, nunca teria abortado. De acordo com a sua opinião, o que estava em causa no aborto era a opção entre “vida ou morte”. No prefácio de *The Terrible Choice*, de Robert E. Cooke et al, PSB defende o direito à vida da filha, apesar de deficiente: “my daughter's life had not been meaningless, it had been worthwhile for her to have lived. In this world where cruelty prevails in so many aspects of our life, I would not add the weight of choice to kill rather than to let live.”⁷⁰ Essa opinião é partilhada por James F. Bohan, que argumenta a favor da vida, afirmando não se poder usar eufemismos para diluir a crueldade que o acto de abortar constitui:

Whatever else abortion is, therefore, it is an act of killing. This may be unpleasant, it may be inconvenient, it may be unfortunate, but it is indisputably true. It cannot be changed by characterizing the unborn as "potential life," or abortion as "choice" or a "termination of pregnancy." The "right" to abort is a right to kill. (Bohan 1999: 28)

Defensora da vida acima de tudo, PSB decide a favor do direito à vida. Segundo ela, a decisão sobre a vida humana não pode ser tomada por ninguém, dado que uma vez que a vida tenha começado, nada a deve impedir de continuar e de medrar:

I fear the power of choice over life or death at human hands. I see no human being whom I should ever trust with such power — not myself, not any other. Human wisdom, human integrity are not great enough. Since the fetus is a creature already alive and in the process of development, to kill it is to choose

⁷⁰ PSB, *The Terrible Choice*, por Robert E. Cooke et al. New York: Bantam, 1968, xi.

death over life. At what point shall we allow this choice? For me the answer is — at no point, once life has begun. (*Ibid* 29)

Em 1950, PSB publicou um livro intitulado *The Child Who Never Grew*, uma história sobre a filha deficiente, Carol. Este livro teve um impacto enorme, tendo levado Rose Kennedy (a mãe do presidente John F. Kennedy) a falar publicamente sobre a sua filha deficiente mental, Rosemary. Este livro contribuiu de forma definitiva para mudar algumas mentalidades, “it helped to change American attitudes toward mental illness” (Crockett 174). Para além do impacto que teve na sociedade americana, PSB doou os direitos à “Vineland Training School”, uma escola de ensino especial em Vineland, New Jersey.

2.6. Pearl S. Buck – uma Feminista?

The home needs more of man and the
outside world needs more of woman.

Pearl S. Buck

Ao longo da História da Humanidade houve sempre mulheres que questionaram a definição cultural imposta sobre elas. Abigail Adams perguntou ao marido John por que razão as mulheres não constavam da famosa frase da Declaração da Independência dos Estados Unidos, “All men are created equal”. A inglesa Mary Wollstonecraft inspirou-se tanto pela Revolução Francesa, que escreveu um documento no qual reivindicava os direitos das mulheres de forma muito efusiva. É em momentos determinantes para a História da Humanidade, como durante revoluções, que mulheres inteligentes e sensíveis se têm questionado e questionado a sociedade governada por homens, por que razão o sexo feminino nunca é contemplado nas leis e nas reformas, na justiça social e na igualdade de

direitos. À medida que foram ganhando cada vez mais conhecimentos e aumentaram os seus níveis de escolaridade, as mulheres organizaram-se e exigiram igualdade de direitos:

As women gained education, became conscious of other, similarly disposed women who shared their concerns, and were freed from frequent pregnancies--in other words, as women became part of the middle class in the Western world, and particularly in the United States--they organized, wrote charters, signed petitions, and demanded their rights as human beings. (Sochen 1973: 2)

No entanto, tudo isto só começou a acontecer já no século XIX. Foi na América que os argumentos das mulheres tiveram maior impacto, até porque os Estados Unidos foram criados sob os auspícios de ideais humanistas, como o da liberdade e dos direitos humanos. Apesar da validade desses ideais no início da república americana, metade dos seus cidadãos foi excluída das fundações da democracia. Aos olhos da lei, as mulheres eram consideradas como um bem móvel dos maridos ou dos pais, aos quais deviam obediência. Quando iam à escola era por um período pequeno e sempre depois dos irmãos. O sistema instituído encarregava-se de perpetuar o *status quo*, assegurando-se de que valores como o serviço, a obediência e o respeito ensinados desde cedo às raparigas as tornassem esposas obedientes: “The institutions created in colonial America to deal with women fitted the cultural view of women: that is, that the main function and role of women were to be dutiful wives and mothers, subordinate to the commanding male in their lives.” (*Ibid*) Na realidade, pensava-se que não havia necessidade de conferir direitos legais ou políticos às mulheres, dado que a sua acção se restringia ao lar e não à vida pública. A sociedade vigente considerava que as mulheres não podiam ter nem gerir negócios, nem a capacidade ou o saber para tomarem parte em assuntos políticos. Por estas razões, o direito ao voto, a ter bens e a ser jurado eram considerados supérfluos ou até mesmo prejudiciais para elas.

Este legado foi mantido quase inalterado até ao século XIX, início do século XX, quando começaram a surgir mulheres determinadas em alterar o estado das coisas. Alguns escritores masculinos mostraram-se solidários com a luta das mulheres, nomeadamente Floyd Dell⁷¹, que escreveu a obra *Confessions of a Feminist Man*, onde afirma:

So long as any woman is denied the right to her own life and happiness, no man has a right to his, and every man who walks freely in his man's world, walks on an iron floor, whereunder, bound and flung into her dungeon, lies a woman-slave. (*Ibid* 1)

Harry Kemp⁷², por seu lado, escreveu o poema “A Feminist Song”, onde reclama a igualdade de direitos para as mulheres:

No more man's outworn chivalry where asked,
But equal right to labor and be free
To love because of love, to choose our task,
To halve the burdens of humanity. (*Ibid*)

Perante as adversidades e os obstáculos que eram levantados contra si, algumas mulheres começaram a questionar e a discutir sobre o seu papel na sociedade. Surgiram, desta forma, as feministas que, no seu íntimo, já tinham aceite o seu direito inalienável de participar e ter voz activa em todos os assuntos sociais. Quando constataram que isso lhes estava vedado, decidiram lutar contra tudo e contra todos: “They had unconsciously accepted their right to participate in all

⁷¹ Floyd Dell (1887-1969) foi um romancista americano e jornalista radical socialista, em cuja ficção abordou os temas do sexo e da política entre os boémios americanos antes e depois da Primeira Guerra Mundial.

⁷² Harry Kemp foi um escritor e poeta americano, conhecido como “Tramp Poet” e “The Poet of the Dunes,” entre outros nomes. Foi marinheiro e escreveu poemas sobre o mar e acerca de outros temas.

human affairs. When they found that this right was not naturally accepted by many men, *and* women, they had to fight for it, justify it, and defend it.” (*Ibid* 9). Entre as medidas que tomaram, decidiram exigir o sufrágio universal e a igualdade de direitos perante a lei. Na vanguarda desse movimento estavam mulheres com formação universitária, que se tornaram feministas por necessidade prática. Tornaram-se activistas pelos direitos das mulheres pelo facto de verem os seus esforços desvalorizados, apenas por serem mulheres, por verem as mulheres serem mal tratadas e por verem toda a arrogância e prepotência dos homens. Tornou-se, então, imperativo, mudar o estado das coisas, para que a qualidade de vida na América do século XX pudesse ser melhorada:

Often feminists were drawn from among the educated middle-class young women who personally experienced discrimination in their quest for professional opportunities. Some of them--though not all, of course--developed a heightened awareness of, and sensitivity to, woman's potentialities once they had realized their own potential. (*Ibid*)

Escritoras como Fannie Hurst e PSB não experimentaram esse tipo de discriminação por serem mulheres. Os seus livros foram julgados de acordo com padrões literários e, talvez pelo facto de a sua actividade ser há muito tempo ocupada por mulheres, não enfrentaram alguns preconceitos da sociedade. No entanto, isso não as impediu de constatar a luta e o sofrimento que as outras mulheres viviam. Haveria justiça social numa sociedade que vedava o acesso das mulheres a profissões unicamente desempenhadas pelos homens? “Were all women being given equal opportunity? Were women being admitted to the medical profession as readily as to the literary guilds? How were women in general treated in this country?” (*Ibid* 10). Fannie Hurst e PSB abordaram estas questões em algumas das suas obras, contribuindo para o despertar das consciências anquilosadas da sociedade americana. Em 1938, PSB escreveu um ensaio onde afirmava: “The root of the discontent in American women is that they

are too well educated.”⁷³ PSB, que tinha vivido no Japão, podia estabelecer um paralelismo entre a forma como eram tratadas as mulheres na América e no Japão. Constatou que o tratamento conferido às mulheres na América era tão retrógrado como no Japão. Ao contrário do que os ideais de individualismo e igualdade proclamavam na América, as mulheres eram relegadas para a condição de segunda classe e era-lhes vedada a possibilidade de igualdade de oportunidades em qualquer área. A grande diferença consistia no facto de no Japão as mulheres serem ensinadas, desde a infância, a contentarem-se com o seu estatuto inferior. Por essa razão, não havia japonesas descontentes, enquanto que as mulheres americanas, criadas com a retórica da igualdade, sentiam-se frustradas e defraudadas nos seus direitos, pois a realidade era bem diferente. A propósito deste ponto, PSB afirmou:

Of one thing I am sure. There will be no real content among American women unless they are made and kept more ignorant or unless they are given equal opportunity with men to use what they have been taught. And American men will not be really happy until their women are.⁷⁴

Segundo ela, a América tinha que optar: ou a cultura vigente preparava as raparigas desde a infância para serem subservientes ou então permitia-se que as raparigas tivessem uma educação que lhes permitisse serem iguais aos rapazes, oferecendo-lhes os mesmos horizontes de possibilidades, dando-lhes a oportunidade para desenvolverem o seu potencial humano. Por isso, “If a society does not want thoughtful or restless women, it should not teach them to read, write, or think.” (*Ibid* 28). June Sochen salienta que em 1910 e em 1970 as mulheres que trabalhavam eram tratadas como trabalhadores temporários. E porquê? Porque as mulheres casariam um dia e, por isso, não lhes podiam ser atribuídas posições de responsabilidade, até porque estariam a tomar os lugares

⁷³ "America's Medieval Women," *Harper's Magazine*, 177 (August 1938), 229.

⁷⁴ "America's Medieval Women," *Harper's Magazine*, 177 (August 1938), 229.

dos homens. As mulheres têm auferido remunerações mais baixas e têm sido discriminadas em promoções. No fundo, e apesar de todo o avanço material e tecnológico, não houve uma mudança cultural de valores e de atitudes na sociedade americana num período de 70 anos.

PSB, à semelhança de outras escritoras, tais como Fannie Hurst e Edna Ferber, encantaram os seus leitores com os seus romances, com histórias de sofrimento de mulheres heroínas, corajosas e independentes, mas nunca adoptaram uma posição feminista de forma marcada nas suas obras. Em 1941, PSB escreveu *Of Men and Women*, para a American Association of University Women, que abordava as relações entre homens e mulheres. Os exemplos vindos da Alemanha Nazi e da sociedade militarista do Japão rebaixavam o *status* das mulheres de forma aviltante, levando-a a reflectir e a alertar a sociedade americana para os perigos de uma tal posição. PSB estava assustada com a atitude submissa e a obediência passiva das mulheres americanas perante os seus “mestres” masculinos. Era urgente redefinir a visão que a sociedade americana tinha sobre a educação e sobre a vida das mulheres. Se tal não ocorresse, as mulheres correriam o risco de se transformarem em “escravas” subservientes e seguirem o modelo dos países fascistas. A analogia estabelecida entre a Alemanha Nazi e os Estados Unidos em relação aos papéis desempenhados por homens e mulheres não agradou à maioria dos americanos:

Pearl Buck's comparison seemed shocking and ill considered. How could anyone compare democratic America with Nazi Germany? The thought was positively unpatriotic. After Pearl Harbor, the United States fought both Japan and Germany to save political democracy and capitalism, and, by implication, to save the nuclear family, the home, and the patriarchal order. (Sochen 1974: 340-1)

No entanto, PSB não levou essa comparação para além do razoável, preferindo antes iniciar o debate sobre os papéis da mulher nos Estados Unidos, debruçando-

-se sobre o extremo tradicionalismo dos americanos. Ao regressar definitivamente aos Estados Unidos no final dos anos 30, depois de ter vivido mais de três décadas na China, PSB ficou surpreendida com as definições rígidas do papel das mulheres na América. Os lares americanos já não se assemelhavam aos lares da expansão para o Oeste do século anterior, tinham sido transformados pela moderna vida industrial. Apesar da estrutura física ter permanecido, as tarefas do lar foram removidas ou simplificadas: as escolas educavam os filhos, a máquina de lavar roupa acelerava as tarefas de lavagem e as fábricas produziam as roupas. Agora que o lar levava tão pouco tempo a ser mantido, a mulher moderna ficava com mais tempo livre e mais solidão no coração. No século XX os homens e as mulheres ainda definiam a mulher em termos do seu papel como esposa-mãe. Por essa razão, mantinham-se no lar e viviam uma vida que se tornou, aos poucos, cada vez mais sem sentido. PSB culpou as mulheres pelo seu destino e afirmava que tinham que ser elas a tomar uma atitude que lhes permitisse sair dessa letargia. Segundo ela, as mulheres deveriam educar os filhos, rapazes e raparigas, de forma diferente da tradicional. PSB afirmava que o distanciamento das mulheres da vida pública e da política, ao permanecerem no lar, era da sua exclusiva responsabilidade, contribuindo para o embrutecimento da humanidade:

Pearl Buck criticized women for their lack of involvement in world affairs. By staying at home, in a safe but insignificant capacity, the American woman contributed to the blundering of humanity. How can women claim righteousness and virtue, she asked, when they continue to tolerate war? (*Ibid* 342)

June Sochen, autora de *Herstory: A Woman's View of American History*, questiona-se sobre a validade de continuar a gerar filhos para serem chacinados no futuro. Para ela, era urgente parar com esse padrão e prevenir as guerras antes de acontecerem, o que seria a situação ideal. No entanto, a atitude passiva das mulheres tornou-as coniventes com os homens na manutenção do *status quo*: “Where is this moral superiority that will do nothing but knit while heads roll off

in revolutions and war crashes upon our great cities so that ruins are all that we shall have left if the world goes on as it now is?" (*Ibid*). Durante a Primeira Guerra Mundial surgiu um grupo de mulheres pacifistas que criou um partido da paz, com a esperança de que as mulheres aderissem de forma natural. No entanto, tal não aconteceu. PSB tinha a mesma opinião destas pacifistas do início do século XX, ao afirmar: "Women fulfill themselves in having the babies, and men fulfill themselves in destroying them. There ought to be some other more profitable form of pleasurable sacrifice for the human race than this sacrifice of the innocents." (*Ibid*). Qual seria, então, a solução para pôr fim a este ciclo vicioso? Sochen questiona-se se as mulheres não teriam capacidade de gerir as suas próprias vidas e as dos seus filhos. Não haveria forma delas contribuírem para a paz, em vez de ficarem inertes perante actos de guerra? PSB levantou todas essas questões durante o ano de 1941 mas surgiu algo que impediu o público americano de validar essa perspectiva – o ataque a Pearl Harbor:

But another Pearl forestalled any public desire to answer them — Pearl Harbor. The Japanese attack on that U.S. naval base guaranteed the legitimacy of World War II. If women secretly wondered why men continually blundered into war, they kept their anxieties to themselves. (*Ibid* 343)

Nesse momento, nada mais importava, perante a necessidade premente de defender a pátria. Era uma altura de cerrar fileiras e unir esforços. Por isso, "American women felt as committed to their country as did their fathers, brothers, and husbands. When it came to love of country, women did not view themselves as a separate sex with certain qualities that set them apart from men." (*Ibid*). Por esta razão, PSB foi infeliz em lançar o livro *Of Men and Women*, que surgiu na hora errada para revolucionar o pensamento americano sobre as relações entre homens e mulheres.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os soldados que regressaram a casa retiraram às mulheres os empregos bem remunerados que elas tinham mantido

durante três ou quatro anos, e para os quais haviam sido contratadas segundo razões do mais alto interesse nacional: “Women engineers and chemists made room for the men, their predecessors, as did skilled women workers in the automobile plants and steel mills of America.” (*Ibid* 344) A imagem de propaganda da *Rosie the Riveter*⁷⁵, tão famosa durante a guerra, que apelava ao sentimento patriótico das mulheres, para corresponderem às necessidade de mão-de-obra para o esforço de guerra americano, desapareceu de imediato da mente dos americanos, quando os heróis regressaram a casa triunfantes:

that image disintegrated the minute the boys came home. When labor was desperately needed to keep the defense plants working, women were eagerly recruited, but when the war was over, they were dismissed or voluntarily left their lucrative jobs and went back home. (*Ibid*)

O que é certo é que nem todas as mulheres regressaram a casa e às tarefas domésticas tradicionais após a guerra. No Estado de Nova Iorque, as mulheres constituíam 33 por cento da força de trabalho durante a guerra e 25 por cento após a guerra. De facto, nada seria como dantes, dado que nunca na história americana tinha havido tantas mulheres empregadas como depois da guerra. Porém, continuaram a verificar-se as desigualdades nos salários e nas regalias sociais para com as mulheres, bem como na atribuição do mesmo tipo de empregos “femininos”. As regras que tinham sido válidas para os tempos de guerra perderam a sua razão de ser:

the same inequities prevailed: not only did women draw less pay than men for doing the same jobs, but they had to take jobs in traditional female-designated areas. Most women who worked (and for the first time more married women

⁷⁵ “Rosie the Riveter” é um ícone cultural dos Estados Unidos, representando os seis milhões de mulheres que trabalharam nas fábricas que produziam munições e material de guerra durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto os homens (que tradicionalmente desempenhavam este trabalho) estavam ausentes a lutar na guerra. Esta “personagem” é hoje em dia considerada um ícone feminista nos Estados Unidos, e um anunciador do poder económico feminino vindouro.

worked than single women) were typists, secretaries, and clerks. Two-thirds of all professional women were teachers or nurses. The rigid categories of work, defined along sex lines, remained unbroken, even if they had been changed temporarily during the war. Both employers and employees considered wartime work patterns as emergency variations that would be discontinued after the war. Even the unions would not permit women to continue working in automobile or steel plants once male workers had returned to their jobs. (*Ibid*)

Se o fim da guerra trouxe de volta para casa as mulheres que tinham saído dela durante o conflito mundial, a década seguinte ainda veio agravar ainda mais esta situação. É curioso verificar o que as estatísticas mostram em relação aos anos 40 e 50, no que diz respeito à percentagem de mulheres no ensino superior. Durante essas duas décadas, as mulheres da classe média frequentaram as universidades mas em menor número do que no passado: “In 1930, for example, 43.7 percent of all college students were women; in 1940, 40.2 percent and in 1950, 30.2 percent.” (Newcomer 1959: 46). O número de doutoramentos diminuiu 50% em 30 anos: “While 15 percent of all Ph.D. degrees went to women in 1920, in the early 1950's women earned only 10 percent.” (*Ibid*) Eis um dos factores que contribuíram para a falta de liderança para organizações feministas neste período. As mulheres da classe média que no passado tinham tido tempo, estudos e uma tendência para as causas feministas, passaram a casar mais cedo, a ter filhos e a estar demasiadamente absorvidas pela vida suburbana e por actividades pouco interessantes: “such as car pooling, volunteering to address envelopes for the school board, and attending girl scout meetings.” (Sochen 1973: 173). Pouco ambiciosas, as mulheres suburbanas contentavam-se com causas comezinhas: “Neither the National Women's Party nor the Women's Trade Union League interested or attracted the suburban woman; the local PTA became her major organizational effort.” (*Ibid*) E o que é que se passava com as mulheres que tinham estudos universitários? Apesar de insatisfeitas, não constituíam uma esperança para as hostes feministas. De facto, as licenciadas do ano de 1934, que

estavam a meio dos trinta em 1949, ano em que foi realizado um estudo com mais de mil mulheres, tinham casado (82 por cento), regra geral, com um homem de negócios, e o número de filhos era, em média, de 2,16 filhos por casal. Apesar de terem apreciado a sua formação universitária, estas mulheres sentiam-se defraudadas nas suas expectativas, impotentes e sem horizontes, como uma delas referiu: “I have discovered in most of my friends and, I must admit, in myself, a feeling of frustration and of having been prepared for something better than the monotonies of dusting, sweeping, cooking and mending.” (Willig 1949: 53).

Apesar de tudo isto, estas mulheres não engrossaram as fileiras feministas, dado que 88 por cento das casadas ainda acreditava que o casamento era mais importante do que uma carreira, apesar de 87 por cento acreditar que os dois poderiam ser combinados, desde que se verificassem seis condições: “(1) The children were old enough. (2) The woman had energy and talent. (3) The husband was cooperative. (4) Her career was a part-time one. (5) There was enough money for household help. (6) Her career was kept subordinate to her marriage.” (Sochen 1973: 173). Como é que seria possível uma mulher ter uma carreira a sério com condições tão restritas como estas? Porque não foram também os homens sujeitos a condições como estas? É claro que o promotor do estudo nem sequer considerou esta hipótese. Pelo contrário, ele concluiu o seu estudo com uma citação da ex-presidente do Wellesley College, Mildred McAfee Horton: “College failed to teach these women that most people accomplish most in the world by working through established social institutions, and that the family is entirely respectable as a sphere of activity.” (Willig 1949: 53). A questão que Sochen levanta prende-se com a incongruência que está por detrás da atitude que imperava na sociedade americana – para quê facultar uma educação universitária às mulheres americanas para depois estas verem as suas expectativas completamente goradas? “Why bother with a college education, then? Indeed, many traditionalists have always said precisely that. A liberal arts education does not prepare women for the domestic chores of the house; it only raises expectations that are later dashed.”

(Sochen 1973: 174). Constata-se, então, que a formação universitária não “criou” feministas nos anos 40 e 50. O casamento continuava a ser o objectivo de sonho das mulheres, quer tivessem formação universitária quer pertencessem a classes menos favorecidas. “Work outside the home, then, was not an all-consuming or truly meaningful experience for American women. The home remained, as always, the main center of their lives. Advanced education did not change this basic pattern.” (*Ibid* 174-5) A única ocupação das mulheres da classe média tinha que ver com o seu envolvimento voluntário em organizações que promoviam a ajuda a crianças e trabalho comunitário.

As mulheres que trabalhavam continuaram a ser discriminadas em termos de remuneração, de promoções e de aumentos, bem como viram negadas as possibilidades de aspirarem a trabalhos mais especializados e de maior responsabilidade, continuando a ser, como sempre, mães de família: “Cultural attitudes did not change during this period. Indeed, they have not changed substantially during this whole century. Roles for women remained the traditional ones of wife, mother, and, very incidentally, temporary worker.” (*Ibid* 175) Apesar de todo este marasmo que reinava entre as mulheres, surgiram vozes literárias em sua defesa. De entre estas, destacaram-se Mary Heaton Vorse⁷⁶, exigindo que o governo providenciasse centros de acolhimento para os filhos de mães trabalhadoras, “if the government wanted women to work, it had to provide childcare centers and flexible working arrangements for them.”⁷⁷. Gertrude

⁷⁶ Mary Heaton Vorse (1874-1966) foi uma escritora que ficou conhecida pelas suas reportagens sobre a luta e as greves dos operários americanos. Falava fluentemente francês, italiano e alemão e publicou um total de dezoito livros e mais de 400 artigos em jornais e em periódicos, tais como “McCall's”, “Harper's Weekly”, “Masses”, “New Masses”, “New Republic”, “New York Post”, “New Yor World”, “Atlantic Monthly” e “Ladies' Home Journal”. Envolveu-se numa série de acontecimentos do seu tempo, assumindo posições a favor dos trabalhadores e das suas reivindicações laborais, do sufrágio das mulheres e foi contra o trabalho infantil, e assumiu posições pacifistas durante a Primeira Guerra Mundial.

⁷⁷ Mary Heaton Vorse, "Women Don't Quit, If--" *Independent Woman*, 23, January 1944, p. 25.

Samuels⁷⁸ concordou com ela, escrevendo um artigo no *New York Times* que “nursery facilities should be established in factories”⁷⁹. É claro que nenhuma das recomendações desta mulheres foram implementadas. E porquê? Porque “Factory owners had no difficulty finding cheap female labor without providing child-care centers; neither was there an organized, articulate protest from working women on this issue.” (*Ibid*) Por outro lado, não havia “Feminist Alliances” durante as décadas de 40 e 50 nem organizações que lutassem pela educação para todos, pela eliminação da mortalidade infantil ou pelo direito ao aborto.

É curioso verificar como foi possível que a “*Life Magazine*”, que não era um periódico radical, tivesse publicado um editorial em 1946 em que reconhecia que as mulheres não tinham alcançado a igualdade de oportunidades na América, nem a nível social nem político. Apontava ainda para a necessidade de promover a emancipação da mulher e de valorizar e reconhecer a necessidade da presença feminina na sociedade americana:

(the American woman) is still not a full partner in the national scheme of things. The immense and positive power that women should exert is still not effectively applied over the full social and political arc. (...) Our urban industrial society, which rests on a division of labor, even tends to freeze women in their subservient social role. This very danger makes political equality the essential means to their final emancipation. For politics, in a democracy with weak social traditions, shapes our customs and manners, as well as our laws. So if ours is to be a whole and healthy civilization, our politics needs the feminine touch. It needs our woman power.⁸⁰

⁷⁸ Gertrude Samuels (?-2003) foi uma jornalista, fotógrafa e editora do “*New York Times Magazine*”, que cobriu uma série de acontecimentos mundiais, tais como as crianças deslocadas após a Segunda Guerra Mundial, a pobreza e o racismo nos Estados Unidos, bem como a fundação do Estado de Israel.

⁷⁹ Gertrude Samuels, “Why Twenty Million Women Work,” *New York Times Magazine*, September 9, 1951, p. 134.

⁸⁰ Editorial, “The American Woman,” *Life*, 21, October 21, 1946, p. 36.

Apesar destas contribuições, as mulheres não se aperceberam do seu poder durante este período e, de facto, a maioria dos homens e das mulheres nem sequer se davam conta de que este problema existia.

Surgiram, então, vozes literárias que procuraram abanar as mentalidades e a forma como a sociedade se encontrava estruturada. PSB foi umas dessas vozes a serem ouvidas, dado que grangeava de grande fama entre o público, devido ao facto de ser uma escritora muito lida e admirada, bem como por ter ganho o Prémio Nobel da Literatura. Por ser uma conhecedora exímia do Oriente, em geral, e da China em particular, comparou a realidade chinesa com a americana, no que diz respeito à presença do homem no lar: “In China, the home was not what it is in our country, a thing apart from men's lives except when they return to it for food and sleep. The real life of the nation went on in the home.” (Buck 1941: 12). Por muito que a sociedade americana pudesse criticar a mudança de regime na China, depois da revolução levada a cabo nos anos 20, foram dadas às mulheres igualdade de oportunidades, permitindo-lhes trabalhar em muitos sectores de actividade. Por essa razão, PSB argumentou que a situação das mulheres tinha que ser mudada nos Estados Unidos, em particular a mudança de mentalidades das próprias mulheres que, ao educarem os seus filhos homens, lhes inculciam o desprezo pela Mulher, ao proferirem expressões como “Don't be a sissy girl” (Sochen 1973: 178): “If a certain kind of male is desired, I can understand this education, but what is one to think of women who deliberately teach their sons to despise women?” (Buck 1941: 16). Foi por isso que PSB considerou que as mulheres tinham uma grande quota parte de culpa, por permitirem que o sistema as encarasse apenas como geradoras de filhos e donas de casa, sem poderem aspirar a mais do que isso:

American children are reared almost entirely by women. Men excuse themselves from it as once they excused themselves from responsibility for conception. Actually they are as inexcusable in the one matter as in the other. They have an

equal responsibility with women for the development of the children they begat. It sounds naive and ignorant to say that they have not. So they say instead that they are too busy making a living for the family. (*Ibid* 53-4)

PSB desmascarou as incongruências existentes na sociedade americana no livro *Of Men and Women*, sobre as atitudes discriminatórias em relação às mulheres que se atrevessem a ter interesses fora do lar. Estas estariam de forma inevitável a negligenciar o seu papel de esposas e de donas de casa. Segundo ela, as mulheres dividiam-se em três grupos:

(1) those women who were born talented and surmounted all the obstacles to success in their respective professions (a minority, after all, as the number of naturally talented people in any population is small); (2) the women who were born domestic and loved their home and caring for it; and (3) the "gunpowder" women, the largest single group, who were unhappy but were not sure why, or how to alleviate their anguish. (*Ibid* 77-8)

PSB não concebia que fossem negadas oportunidades às mulheres com formação universitária e com potencial: "A man is educated and turned out to work. But a woman is educated--and turned out to grass." (*Ibid* 86). PSB exprimiu aquilo que a sociedade não queria reconhecer de forma obstinada, que o trabalho era fundamental para que as mulheres se sentissem realizadas: "For work, Pearl Buck felt, was crucial to personal happiness and fulfillment--meaningful work, that is, not time-filling work." (Sochen 1973: 179). Outra questão que preocupava PSB tinha que ver com a pressão que existia na sociedade americana para que as mulheres se casassem, dado que a tradição não encarava com bons olhos a existência de mulheres solteiras. De acordo com ela, "Real monogamy, for example, would be possible "if economic pressure and [avoiding] social stigma" were removed as the reasons for marriage." (*Ibid* 180) O casamento não deveria ser uma imposição sobre as mulheres e aquelas que nunca chegassem a casar poderiam ter uma vida útil para a sociedade, sem ser estigmatizada: "In the ideal

environment, women and men would marry only if they truly cared for each other, and those women who never married could live individually and socially useful lives, free of the stigma traditionally attached to an unmarried woman.” (*Ibid*)

PSB atacou também os dois mitos que impediam a emancipação da mulher: o mito do lar e o mito do anjo. O facto de as mulheres dependerem economicamente dos homens tornou-as seres dependentes confinados ao lar. Esperava-se das mulheres serem seres doces, etéreos e melhores do que os homens, com qualidades angélicas. Na prática, o que isso deu foi em colocar as mulheres, consoante o seu estatuto, quer acima quer abaixo dos homens, mas nunca como iguais. Ao perpetuar esses mitos, as mulheres permitiram o domínio dos homens sobre elas. PSB considerava que os homens o faziam como consequência do ressentimento que tinham em relação a elas:

women as mothers had chastised them, and as teachers had reprimanded them, and so with women as wives, they sought and achieved revenge. Wives as surrogate mothers and teachers received the punishment that men had received as children and young adults. (*Ibid* 180-1)

Mais tarde, PSB referiu-se ao mito do anjo afirmando que a as mulheres não tinham conseguido manter o mundo mais puro nem tinham afectado de forma material o bem-estar da humanidade. Para ela, a única forma de trazer paz ao mundo seria “to go out into the world and work with humane men to bring about peace” (*Ibid* 181) As mulheres deveriam consagrar os seus esforços para prevenir as guerras, o que seria um feito considerável:

But to take as a solemn task the prevention of war would be an achievement unmatched. In the process women would become inevitably concerned in human welfare, to the betterment of all society as well as of themselves. It is the only hope I see of the end of war. (Buck 1941: 143).

Para ela, a única esperança para a humanidade seria a verdadeira igualdade entre os sexos. De facto, a discriminação que as mulheres sofriam, colocava-as numa situação tão injusta como a dos negros americanos, "the truth is that women suffer all the effects of a minority." (*Ibid* 170) De que forma poderia a sociedade americana mudar o estatuto da condição feminina? A solução proposta por PSB pressupunha uma mudança radical no sistema educacional americano para ir ao encontro das necessidades da igualdade dos sexos:

Both sexes, should be educated together according to ability; homemaking courses, child-care subjects, and vocational subjects should be coeducational. History courses should present women leaders as well as men, in order to elevate the image of women. (*Ibid* 179-80)

A essência de *Of Men and Women* pode ser resumida por estas palavras de PSB: "Let woman out of the home, let man into it, should be the aim of education. The home needs man, and the world outside needs women." (*Ibid* 184) No entanto, devido ao facto do livro ter sido publicado em 1941, o ano da entrada dos Estados Unidos na Guerra, a obra não teve a atenção nem a divulgação necessárias que mereceria ter tido. Numa época em que ainda não tinham surgido as feministas que se viriam a manifestar mais tarde, as contribuições pioneiras de PSB para o discurso feminista passaram bastante despercebidas, o que foi de lamentar, de acordo com a opinião de Sochen: "It took a bolder time for this message to catch on. But a later age produced its own spokeswomen, and Pearl Buck's contribution to feminism has gone unrecognized and unregarded. Pity, because it still expresses the problem eloquently." (Sochen 1973: 183).

Capítulo 3. – Visões da sociedade chinesa em *The Good Earth*

3.1. A influência da tradição do romance chinês na obra de Pearl S. Buck e reacções ao Prémio Nobel

PSB foi um marco na literatura americana e mundial, sobretudo na primeira metade do século XX, e as suas obras, os romances sobre a China, em particular, e sobre o Oriente, em geral, contribuíram para mudar de forma radical a ideia que os Estados Unidos tinham sobre os povos asiáticos. Foi a primeira escritora americana a receber o Prémio Nobel da Literatura em 1938, e a única até 1993, ano em que Toni Morrison se tornou a segunda americana a receber o galardão máximo da Literatura Mundial. Em 1935, PSB já tinha ganho o *Pulitzer Prize* e a *Howells Medal of the American Academy of Arts and Letters*. Durante toda a sua vida, PSB publicou mais de setenta livros, abrangendo quase todos os géneros de escrita: romances, colecções de histórias (*short stories*), biografias e autobiografias, ensaios, poesia, peças de teatro, literatura infantil, jornalismo e traduções de obras em chinês.

A personalidade multifacetada de PSB e as suas várias esferas de acção fizeram dela um enigma paradoxal que urge compreender. Os contrastes criados pelas reacções à sua obra e pelas suas acções de cariz político e humanitário levam-nos a querer compreender a verdadeira dimensão do papel desempenhado por esta americana, que viveu a quase totalidade da primeira metade da sua vida na China milenar. Poder-se-á não gostar do seu estilo simples de escrita, mas não se pode ficar indiferente ao alcance que a sua obra teve:

Pearl Buck was a paradoxical enigma: she was a serious writer, and she was a popular novelist; she was a phenomenal prize winner in literature, but she was largely neglected by academic critics; she was a liberal thinker far ahead of her

time and yet a defender of certain conventions and traditional values; she was a humanitarian in word and in deed; she was registered on McCarthy's list of Red Sympathizers in 1950s, and she was banned in Mao's China for nearly thirty years. What was she? (Liao 1997:1)

Quem foi, de facto, PSB? Conhecer o seu trabalho é admirá-lo e surpreender-se com a abrangência e a importância da sua obra, que deu a conhecer a China ao Ocidente e, sobretudo, aos Estados Unidos da América. PSB foi “a” pioneira na senda do multiculturalismo, “*avant la lettre*”. É, por isso, fundamental, restituir-lhe a importância que teve no início do diálogo privilegiado entre o Oriente e o Ocidente:

Pearl S. Buck was, as historian James Thomson has recently reminded us, "the most influential Westerner to write about China since thirteenth century Marco Polo." (...) Never before or since has one writer so personally shaped the imaginative terms in which America addresses a foreign Cultural. For two generations of Americans, Buck invented China. (Conn 1996: xiii-xiv)

A obra de PSB foi alvo das mais variadas reacções, quer favoráveis, quer desfavoráveis. Por um lado, *The Good Earth* teve um êxito estrondoso, tornando-se o *best seller* de 1931 (vendendo nesse ano 1.800.000 cópias) e 1932, tendo sido adaptado ao cinema em 1937 pelos estúdios da MGM: “a remarkably powerful and successful film that was seen over the ensuing years, according to its makers, by some 23,000,000 Americans and by an estimated 42,000,000 other people all over the world.” (Jones 1955: 47). Por outro lado, e sobretudo por lhe ter sido atribuído o Prémio Nobel da Literatura, foi alvo de comentários depreciativos dos críticos literários e dos seus colegas escritores, que não a consideraram merecedora de tal galardão⁸¹. PSB não era considerada pelo meio

⁸¹ “the highest prize given to a woman writer who had only eight years' history of publication generated a certain amount of resentment among the white male dominated American academics in 1939” (Liao 1997: 29)

literário como uma escritora de vulto, não apenas por ser jovem e por a sua obra ser ainda reduzida, mas, sobretudo, por se tratar de uma mulher: “Paul Doyle summarized, “that she was too youthful, that she had written too few important books to be considered of major stature, and that no woman writer deserved the award. ”” (Liao 1997: 29). Escritores de renome, como Robert Frost, puseram em causa o valor do prémio Nobel, tendo-o banalizado: “Robert Frost complained about Pearl Buck's winning the prize, “If she can get it, anybody can.” (*Ibid*) William Faulkner, por seu lado, desdenhou, orgulhoso, o prémio em si: “I don't want it. I'd rather be in the company of Sherwood Anderson and Theodore Dreiser than S. Lewis and Mrs. Chinahand Buck”(*Ibid*) No entanto, não hesitou em aceitá-lo, quando em 1949 foi escolhido para receber o mesmo prémio, esquecendo-se, pelos vistos, da opinião que exprimira alguns anos antes.

Mas afinal o que levou tantas pessoas a adquirir e a ler de forma ávida os seus romances? A sua obra mais famosa granjeou-lhe os elogios mais rasgados, como o exprimiu Nathaniel Peffer: “*The Good Earth* is, however, much more than China. One need never have lived in China or know anything about the Chinese to understand it or respond to its appeal” (*Ibid* 20) *The Good Earth* conseguiu ser mais do que apenas uma história sobre uma família chinesa – existe nela algo bem mais sublime, passível de transmitir sentimentos mais elevados do que o comum das obras, contribuindo para moldar o espírito dos leitores. PSB conferiu dignidade humana e literária a camponeses e escravos, em suma, aos deserdados da terra, a quem quase nunca tinham tirado o retrato, e deu-lhes todo o “palco”, para nele desempenharem o seu papel. Para além disso, essas personagens possuem uma “autenticidade” própria das pessoas simples⁸²: “At last we read, in the pages of a novel, of the real people of China. They seem to spring from their roots, to develop and mature.” (*Ibid*)

⁸² “Florence Ayscough, who had lived in China for many years, confirmed the outstanding authenticity of *The Good Earth*” (Liao 1997: 20).

The Good Earth recebeu ainda elogios dos mais diversos críticos, com especial relevância de Pradyumna S. Chauhan, que aludiu ao alcance conseguido por romances realistas, consagrados em manter um registo de cada facto como um registo policial. A abrangência do romance realista poderá, quando muito, mostrar ao leitor alguns aspectos, mas nunca a totalidade da cena. Ele afirmou que é em obras como a *Odisseia*, de Homero, ou *Guerra e Paz*, de Tolstoy, que se pode admirar a totalidade da malha social. De acordo com a sua opinião, apenas dois romances americanos se aproximaram dessa característica, *Moby Dick* (1851), de Melville, e *The Grapes of Wrath* (1939), de Steinbeck. Concluindo o seu pensamento, afirma: “What makes Buck's achievement all the more remarkable is the fact that her novel arrived nine years before Steinbeck's and might well have served as a model for his work.” (Lipscomb 1994:121-2) É interessante constatar as semelhanças entre as duas obras, não só nos temas ligados à terra e à luta dos camponeses pobres pela sua sobrevivência contra todos os desafios, bem como do estilo de escrita de ambos os autores:

In their shared distaste for tenancy, land abuse, and modern technology; in their parallel stories of poor, uneducated, uprooted farmers trying to get back to the land in their representations of earth mothers (O-lan and Ma Joad) who hold their respective families together and even in their use of sentimental conventions and vaguely biblical writing styles, *The Good Earth* and *The Grapes of Wrath* -- appearing at the beginning and the end of the decade, respectively -- strike one as remarkably similar. (Allmendinger 1998: 1369)

Will Rogers reforçou esta opinião, afirmando que *The Good Earth* foi “not only the greatest book about a people ever written, but the best book of our generation” (Liao 1997: 21) Esta obra foi ainda comparada a outras de renome mundial por Oscar Cargill, que estabelece uma comparação entre ela e *La Terre*, de Zola, afirmando que a família Wang é “as typical of contemporary China, we judge, as

was the Rougon Macquart family of France of 1848-1870” (*Ibid*) Por seu lado, Paul Doyle reforça essa comparação, indo ao ponto de afirmar que:

The principal difference between Zola's Naturalism and the Naturalistic aspects in *The Good Earth* resides in the authors' attitudes toward free will... Zola's characters are caught in a deterministic world; shaped by heredity and environment. In *The Good Earth*, on the other hand, free will exerts considerable influence. (*Ibid*)

Salientando a atitude positivista da obra perante a vida, Van Wyck Brooks ligou *The Good Earth* às obras de Balzac, Molière e Dickens, encarando a sua obra como “a universal book of our own time, which conveys, in characters with whom words have their full weight, a sense of the basic integrities on which societies are built” (*Ibid*) Falando acerca da divulgação das ideias de PSB, e do facto de ela ser mulher num meio dominado pelos homens, James Gray afirmou que “Pearl S. Buck occupies a position a little like that of George Eliot in relation to the circle of intellectuals she dominates” (*Ibid*) Finalizando este coro de referências elogiosas, Paul Doyle, ao analisar o estilo de *The Good Earth*, refere que:

In its economy and in its laconic but vital lyricism, the descriptive passages in *The Good Earth* often remind us of Ernest Hemingway's writing. The style bears no dross; only descriptive details necessary to convey the scene or to reinforce the mood are recorded. (Doyle 1980: 33)

Onde reside, então, a força, mas também a simplicidade desta obra? PSB revela possuir, as características de uma escritora considerada épica, ao captar momentos do inexorável fluxo da vida e lançar na sua obra personagens que têm que enfrentar as vicissitudes da alternância ininterrupta das estações do ano. Essa característica, de acordo com Chauhan, “is a rare gift indeed. And it is the gift, generally, of an epic writer, of one endowed with a macroscopic vision, of a

writer who sees life and sees it whole” (Lipscomb 1994:121-2). A visão que PSB possui, é-nos é revelada em *The Good Earth*, em cada passagem, como por exemplo quando Wang Lung e O-lan encontram algo enquanto trabalhavam no campo:

Sometimes they turned up a bit of brick, a splinter of wood. It was nothing. Some time, in some age, bodies of men and women had been buried there, houses had stood there, had fallen, and gone back into the earth. So would also their house, some time, return into the earth, their bodies also. Each had his turn at this earth. (Buck 1994: 30)

Apesar da simplicidade da imagem, Chauhan reconhece que PSB aborda o tema da renovação dos ciclos eternos da vida e conclui que “After reading this, the earth appears no strange place, nor death a terror. This couple but rehearses what generations of human ancestors have perpetually gone through.” (Lipscomb 1994:121) A obra revela, por isso, possuir uma universalidade que ultrapassa o cenário chinês onde a cena se desenrola:

It conveys something else, too: the recurring scheme of life on the planet, caught amid the cycles of seasons and the alternating pattern of plenty and scarcity. Equipped, like an epic writer, with a prophet's vision that can not only see, but also reveal to others, the patterns that are embedded in human lives and Nature's kingdom. Buck brings all this to her readers, and without leaving them with any sense of despondence either. (121)

A obra apresenta personagens que se fundem com a terra em que vivem, a partir da qual tiram o seu escasso sustento, bem como a força e a enorme vitalidade que possuem: “the woman and the child were as brown as the soil and they sat there like figures made of earth [and] there was dust of the fields upon the woman's hair and upon the child's soft black head” (Buck 1994: 41). As personagens são-nos apresentadas como seres que vivem em profunda comunhão com a terra, o que lhes permite resistir a todas as intempéries e vicissitudes com

que são assolados no decorrer da acção Chauhan afirma que elas são “Eternal like the earth, they are possessed of its strength. There is such vitality in their motion that nothing, it seems, can stop this fountain of life. If we begin Buck's novel with some curiosity, we end it with wisdom.” (Lipscomb 1994:121).

Aquilo que torna *The Good Earth* cativante e credível é que a autora transplanta pormenores que são realistas para um enredo que é, em simultâneo, fantástico e mítico. Wang Lung, tal como todos os heróis de culto – como um Teseu, um Moisés, um Rama – , conduz o seu povo numa viagem assustadora desde a província de Anhwei, no Norte, para a cidade de Nanjing, no Sul. Apesar de todas as privações vividas nesse *ghetto* urbano, na anarquia moral e política, Wang Lung, um Jó oriental, sofre física e psicologicamente, mas jamais desiste de lutar contra as adversidades ou do seu sonho de regressar à terra e recomeçar tudo de novo. *The Good Earth*, à semelhança de outros romances épicos, revela a totalidade dos pormenores que rodeiam as personagens, à medida que a acção se desenrola:

it casts its net wide and captures the entire communal life of a people: their manners, their rituals, their customs; their food and dress and medicines; their forms of government and their ways of worship. *The Good Earth* shows us all: the rituals of the community, the social gestures, the superstitions, the New Year's feast, the wedding gifts, and the burial ceremonies. (*Ibid* 123)

The Good Earth possui também características que lembram o estilo bíblico, com uma linguagem simples, fluida mas incisiva, bastante adequado ao seu conteúdo, de acordo com Joseph W. Beach:

The biblical simplicity of her style corresponds to the grave matter-of-factness of her chronicle. Without censoriousness and without sentimentality, the Occidental Christian delineates the manners and morals of the Chinese peasant, following through the whole cycle of life from boyhood to old age, from indigence to

wealth, keeping always strictly within the limits of a provincial Chinese mentality (Liao 1997: 22).

Tal opinião foi partilhada por Carl Van Doren, que ainda lhe reconheceu características próprias da tradição popular do romance chinês e dos contadores de histórias, com um estilo “actually close to the style of Chinese novels” (*Ibid*) Paul Doyle reforçou esta ideia, afirmando que *The Good Earth* “is based on the manner of the old Chinese narrative sagas related and written down by story-tellers and on the mellifluous prose of the King James version of the Bible.” (*Ibid*)

A própria PSB reconheceu a influência do romance chinês na sua obra, quando discursou na entrega do Prémio Nobel da Literatura. Segundo afirmou, seria ingrata se não reconhecesse essa influência na sua escrita: “it is the Chinese and not the American novel which has shaped my own efforts in writing. My earliest knowledge of story, of how to tell and write stories, came to me in China.”⁸³. Curiosamente, a própria autora forneceu elementos que reforçam a opinião dos seus opositores por lhe ter sido atribuído o galardão máximo da Literatura, afirmando que, para ela e para a tradição que seguia, “The novel in China was never an art and was never so considered, nor did any Chinese novelist think of himself as an artist.” (*Ibid*). Com efeito, ao contrário da arte da Literatura, que era exclusiva dos homens letrados, o romance na China era fruto das pessoas comuns, escrito em linguagem acessível às massas, e não na linguagem da erudição, o *Wen-li* clássico. A razão pela qual o romance chinês era escrito de forma vernácula era porque o povo não sabia ler nem escrever e, quando este era lido em voz alta, tinha que estar escrito numa linguagem que as pessoas sem instrução compreendessem. No início, e antes de se ocupar apenas dessa tarefa, o contador de histórias, o único a saber ler nas aldeias perdidas da grande China, começou por contar pequenas narrativas e, à medida que viajava de terra em terra, o seu reportório ia aumentando, com histórias recolhidas por onde passava, histórias do

⁸³ <http://nobelprize.org/literature/laureates/1938/buck-lecture.html>

povo, dos meandros da corte ou sobre as intrigas imperiais que conduziram à ascensão ou queda de dinastias. Dessa forma, surgiu o romance chinês, apresentando tudo o que interessava às pessoas, com lendas e mitos, amor e intriga, com salteadores e guerras, tudo aquilo que constituía a vida das pessoas, desde a classe alta à baixa. À medida que ia acrescentando mais pormenores às histórias, iam-se tornando mais belas, não com figuras de retórica, que nada interessavam aos ouvintes, mas num estilo simples e fluido:

he kept his audiences always in mind and he found that the style which they loved best was one which flowed easily along, clearly and simply, in the short words which they themselves used every day, with no other technique than occasional bits of description, only enough to give vividness to a place or a person, and never enough to delay the story. Nothing must delay the story. Story was what they wanted. (Ibid)

Ao contrário do que se passou no Ocidente, “In China the novel has always been more important than the novelist.” (Ibid) Quereria PSB afirmar, que também no seu caso, e dado que ela própria se considerava uma herdeira da tradição chinesa, a sua obra era mais importante do que a autora? Para além deste aspecto, aquilo que lhe interessava não era a forma: “My ambition, therefore, has not been trained toward the beauty of letters or the grace of art” (Ibid) O importante era a vitalidade das personagens que criou e a reacção do seu público alvo, não os eruditos, mas as pessoas comuns. Segundo ela, “for the novelist the only element is human life (...). The sole test of his work is whether or not his energy is producing more of that life. Are his creatures alive? That is the only question. And who can tell him? Who but those living human beings, the people?” (Ibid) A intenção principal do romance chinês era divertir e entreter todas as pessoas e não apenas fazer rir, apesar de esse ser também um dos seus objectivos: “I mean amusement in the sense of absorbing and occupying the whole attention of the mind. I mean enlightening that mind by pictures of life and what that life means.” (Ibid)

Foi para dar continuidade a essa tradição, que PSB considerou que o seu estilo de escrita deveria ser compreendido por toda a gente: “For story belongs to the people. They are sounder judges of it than anyone else, for their senses are unspoiled and their emotions are free. No, a novelist must not think of pure literature as his goal.” (*Ibid*) A intenção de um romancista deverá ser a de contar histórias sobre a vida, e sentir-se realizado em fazer as pessoas sonhar e reflectir sobre as histórias de personagens, tão vivas quanto elas: “He is a storyteller in a village tent, and by his stories he entices people into his tent. (...) He must be satisfied if the common people hear him gladly. At least, so I have been taught in China.” (*Ibid*).

Como seria de esperar, a influência do romance chinês não se estendeu apenas a *The Good Earth*, mas também aos seus outros romances sobre a China. Por essa razão, o Nobel não lhe foi atribuído apenas pela sua obra mais conhecida. Romances como *The Mother* (1934), e as biografias dos pais, *The Exile* (1936) e *Fighting Angel* (1936), foram determinantes na escolha da vencedora. PSB terá recebido o Nobel da Literatura contra algumas expectativas; no entanto, o galardão deveria ser atribuído, de acordo com os parâmetros exigidos por Alfred Nobel para este prémio, a “the person who shall have produced in the field of literature the most outstanding work of an idealistic tendency.” (Liao 1997: 26). Oscar Cargill deu a entender que, mais importante do que a forma da escrita é o seu conteúdo. A amplitude da mensagem de *The Good Earth* é de tal forma abrangente que se converte numa linguagem universal que perpassa todas as culturas. Para defender a atribuição do prémio, Cargill referiu:

To reflective Americans outside the [literary] fraternity, to the 'barbs' at least, the prize seemed well given as a reminder that pure aestheticism is not everything in letters. If the standard of her work was not so uniformly high as that of a few other craftsmen, what she wrote had universal appeal and a comprehensibility not too frequently matched (*Ibid* 27)

Mantendo uma atitude de modéstia perante tal distinção, PSB afirmou que “Theodore Dreiser merits the honor... I feel diffident in accepting the award”. (*Ibid* 28) A sua obra é reconhecida por muitos, incluindo os próprios chineses, que louvaram a qualidade da sua escrita, por traduzir de forma tão fiel o espírito do povo chinês: “The Chinese themselves are in general eager to praise her work; many of them say that no native writer has painted a more accurate picture of their country.” (Cowley 1967: 251-2). Contudo, por razões políticas, nem todos os chineses concordaram com o seu trabalho, denegrindo-o com base em meras especulações ideológicas: “A few Chinese critics have attacked her, but usually because they stood to the left or right of her politically – either they were communist sympathizers or else they were the violent sort of patriots who hate all foreigners and want to go back to the good old Confucian customs.” (*Ibid* 252) Perante estas duas vertentes antagónicas, Pearl adoptou uma posição de compromisso. O seu olhar sobre a China e sobre o mundo em geral foi de alguém que conhecia de forma profunda a grande maioria do povo chinês e o revelou aos seus leitores sem estereótipos pré concebidos:

Mrs. Buck instinctively takes a middle course. She seems to know China so well that she no longer judges it even from the standpoint of "the native Chinese"-- whoever he may be – but rather from the standpoint of a particular class, the one that includes the liberal, three- quarters Westernized scholars who deplore the graft and cruelty of the present government but nevertheless keep their heads on their shoulders and hold their noses, and support General Chiang Kai-shek because they are afraid of what would happen if he were overthrown. (252)

Como foi possível que a obra de PSB levantasse tanta celeuma? Houve, de facto, vários factores determinantes: a sua escrita sofreu muitas influências da tradição do romance chinês; o seu trabalho foi bastante produtivo, sobretudo em romances sobre a China; a sua obra não se desenvolveu segundo o movimento literário da época, não acompanhando o *mainstream* da literatura americana do século XX; o

seu estilo era demasiado directo e informativo, revelando falta de sofisticação, identificando-se demasiado com a arte popular. Por tudo isto, ela não se enquadrava nos cânones da literatura moderna, não podendo ser levada a sério pelos críticos modernos nem pelos académicos. No entanto, é indiscutível o facto de que a sua obra promoveu, de forma decisiva, o entendimento e a aproximação entre o Oriente e o Ocidente, fundamental nesta era da multiculturalidade.

3.2. As múltiplas mensagens de *The Good Earth*

A obra de Pearl Buck constitui uma unidade coesa, que faz com que as partes que constituem o todo não sejam identificáveis de forma acessível. Ela consegue criar uma identificação com as suas personagens, de forma completa e verosímil, o que é raro encontrar em ficção. A sua linguagem é bastante simples e clara, dando a impressão de que se está perante uma leitura na língua nativa das personagens, o que lhe confere uma autenticidade que vem reforçar ainda mais o carácter genuíno da obra. Essa “simplicidade” advém do facto de Pearl não utilizar nenhuma palavra que não possa ser traduzida de forma literal para chinês. É por este facto que *The Good Earth* possui uma autenticidade só possível de alcançar, graças ao conhecimento profundo da cultura e das tradições milenares da China, obtido através da vivência quotidiana *in situ* desde a infância, e do relacionamento directo com pessoas em tudo semelhantes às personagens autênticas que criou. Pode considerar-se que *The Good Earth* possui características próprias do romance histórico, na medida em que é um reflexo da China na passagem da tradição confucionista imperial, através do período revolucionário da mudança para a modernização e para a república. Por todas estas razões, Phyllis Bentley, no *English Journal* de Dezembro de 1935, refere que “we may say at least that for the interest of her chosen material, the sustained high level of her technical skill and the frequent universality of her conceptions, Mrs. Buck is entitled to take rank

as a considerable artist” (Nyren 1960: 81). Através da sua escrita, Pearl estabeleceu não só pontos de contacto entre os povos do Oriente e do Ocidente, mas também entre uma cultura milenar e uma cultura moderna, abordando ainda outros temas, como o conflito de gerações, as diferentes atitudes acerca de Deus e questões sobre nacionalismo, paternidade, maternidade e amor. Será que o entendimento entre Oriente e Ocidente continuará a ocorrer? É uma possibilidade. De acordo com a opinião de Virgilia Peterson no *New York Times*, de 7 de Julho de 1957, “*The Good Earth* will surely continue to span the abyss that divides East from West, so long as there are people to read it.” (*Ibid* 82)

3.2.1. A importância da terra

Ao longo da História da Humanidade os povos têm estabelecido uma relação privilegiada com a terra onde vivem. A sociedade rural chinesa não é excepção e Pearl dá-nos conta dessa forte ligação com a terra em *The Good Earth*. O próprio título da obra alerta o leitor, desde o primeiro contacto com o romance, para a importância que a terra e a ligação com esta tem para as personagens principais. Desde o início do livro, Wang Lung diz a O-lan que eles deveriam comprar campos de arroz à grande casa de Hwang, ““I will buy it!” he cried in a lordly voice. “I will buy it from the Great House of Hwang!”” (Buck 1994: 52), estranhando o facto de essa família poderosa estar a vender terras. Para ele, essa atitude causava-lhe uma enorme estupefacção, dado que, segundo ele, “Land is one's flesh and blood” (*Ibid*) Mais tarde, no final do capítulo 8, quando toda a região foi assolada por uma seca de grandes proporções e todas as pessoas passavam fome, o tio de Wang Lung convenceu os outros camponeses de que o único local onde ainda havia comida era na casa de Wang Lung, “There is one who has food – there is one whose children are fat, still” (*Ibid* 74) A família de Wang Lung também se encontrava numa situação muito precária, sofrendo de fome e de pobreza extremas, mas o desespero levou os camponeses das

redondezas, instigados pelo próprio tio de Wang Lung, a saquear a sua casa e a levar-lhe os escassos feijões secos e uma taça de milho seco que ainda lhe restava. Apesar do susto e da consternação sofrida, “he had an instant of extreme fear” (*Ibid* 75), que foi logo suavizada, quando pensou na *sua* terra:

They cannot take the land from me. The labor of my body and the fruit of the fields I have put into that which cannot be taken away. If I had silver, they would have taken it. If I had bought with the silver to store it, they would have taken it all. I have the land still, and it is mine. (*Ibid*)

A terra nutria a família de Wang Lung, graças à sua dedicação e ao suor do seu trabalho, mas também devido à colaboração incansável de O-lan a todas as tarefas domésticas e da lavoura. Pouco tempo após o nascimento do primeiro filho, ela já estava de volta à lida da terra: “And then, before one could realize anything, the woman was back in the fields beside him.” (*Ibid* 40) Apesar de ter o filho recém-nascido para cuidar, O-lan não se contentava em ser apenas dona de casa e mãe – ela fazia questão de ajudar e contribuir para a prosperidade da família, retirando da terra o máximo que ela podia dar: “She worked all day now and the child lay on na old torn quilt on the ground, asleep.” (*Ibid*) A simbiose existente entre a terra e a mulher era perfeita – ambas davam vida. A terra era produtiva, fornecendo alimentos em abundância, e O-lan tornava-se também fecunda, dando à luz um filho saudável, que crescia gordo e feliz graças à sua progenitora fértil em leite nutritivo, que o alimentava a ele mas era tão abundante que se tornava excessivo e O-lan deixava-o fluir livre e copioso para o solo, devolvendo parte dessa riqueza à terra, como agradecimento por tanta fartura inesgotável:

But out of the woman’s great brown breast the milk gushed forth for the child, milk as white as snow, and when the child suckled at one breast it flowed like a fountain from the other, and she let it flow. There was more than enough for the child, greedy though he was, life enough for many children, and she let it flow

out carelessly, conscious of her abundance. There was always more and more. Sometimes she lifted her breast and let it flow out upon the ground to save her clothing, and it sank into the earth and made a soft, dark, rich spot in the field. The child was fat and good-natured and ate of the inexhaustible life his mother gave him. (*Ibid* 41)

Apesar de Wang Lung e a sua família terem passado por momentos difíceis, a terra e o Céu pareciam conspirar a favor de quem amava a terra e respeitava o Céu. Há momentos em que a ansiedade impera, por ausência de chuva para fertilizar os campos de trigo, "With this dry wind the wheat seed that lay in the ground could not sprout and Wang Lung waited anxiously for the rains" (*Ibid* 43) No entanto, a providência acaba por recompensar quem tinha trabalhado com amor e dedicação: "And then the rains came suddenly out of a still grey day (...) and they all sat in the house filled with well-being, watching the rain fall full and straight and sink into the fields." (*Ibid* 43) Essa era uma bênção vinda do Céu e os camponeses agradeciam por, nesse momento, poderem descansar, dado que a irrigação dos campos estava agora nas "mãos" do Céu: "each farmer felt that for once Heaven was doing the work in the fields and their crops were being watered without their backs being broken for it, carrying buckets to and fro, slung upon a pole across their shoulders" (*Ibid*) A forte ligação telúrica era reforçada pela crença de que deuses viviam e abençoavam a terra, bem como os homens que nela habitavam: "In traditional societies, land was intimately tied to the local culture; gods were thought to inhabit particular areas, and important rites were held at specific locations." (Diehl 1992: 1). A união de Wang Lung com a terra era reforçada pela sua fé nos deuses feitos de barro, que estavam num templo modesto construído pelo seu avô: "Whithin the temple snugly under the roof sat two small, solemn figures, earthen, for they were formed from the earth of the fields about the temple. These were the god himself and his lady." (Buck 1994: 20-1) As duas figuras, masculina e feminina, representavam a dualidade taoista do *Yang* e do *Yin*, do princípio masculino e feminino, que permeava tudo, desde os seres na

terra até aos deuses no Céu. Toda a comunidade reverenciava esses seres divinos, e Wang Lung ainda mais. Quando foi buscar O-lan à Grande Casa de Hwang para constituir família, ao regressar a casa já com ela pararam no templo construído com terra para honrar e pedir a bênção dos deuses feitos de barro para a sua união, num acto de comunhão simples mas com uma certa solenidade, como se as figuras que representavam os deuses fossem testemunhas do seu casamento:

Together this man and this woman stood before the gods of their fields. The woman watched the ends of the incense redden and turn grey. When the ash grew heavy she leaned over and with her forefinger she pushed the head of ash away. Then as though fearful for what she had done, she looked quickly at Wang Lung, her eyes dumb. But there was something he liked in her movement. It was as though she felt that the incense belonged to them both; it was a moment of marriage. They stood there in complete silence, side by side, while the incense smouldered into ashes. (*Ibid* 21)

Wang Lung confiava nesses deuses com toda a sua alma e nem mesmo em momentos de grande felicidade e de sorte se esquecia deles. Quando nasceu o seu primogénito e filho varão, Wang Lung transbordou de alegria. Para comemorar o nascimento, e para dar a conhecer a toda a gente que tinha nascido um filho homem, disse “We shall have to buy a good basketful of eggs and dye them all red for the village. Thus will everyone know I have a son!” (*Ibid* 38) No dia seguinte, quando foi à vila comprar os ovos e uma libra de açúcar vermelho para O-lan tomar, Wang Lung ficou muito agradado pela reverência com que o empregado o tratou, parecendo-lhe ser alvo de um tratamento especial, tal era a sua excitação e felicidade:

“It is for the mother of a new-born child, perhaps.”

“A first-born son,” said Wang Lung proudly.

“Ah, good fortune,” answered the man carelessly, his eye on a well-dressed customer who had just come in.

This he had said many times to others, even every day to someone, but to Wang Lung it seemed special and he was pleased with the man's courtesy and he bowed and bowed again as he went from the shop. (*Ibid* 39)

No entanto, tamanha felicidade era perigosa. De repente, Wang Lung deu-se conta de que poderia atrair invejas, sobretudo de espíritos malignos, que não poderiam suportar ver a felicidade de um mero mortal: “He thought of this at first with joy and then with a pang of fear. It did not do in this life to be too fortunate. The air and the earth were filled with malignant spirits who could not endure the happiness of mortals of such as are poor” (*Ibid* 40) Tal sentimento de pânico fê-lo voltar atrás e ir comprar quatro paus de incenso, um para cada uma das pessoas da sua casa, e dirigiu-se de imediato ao templo feito de terra para consagração do incenso aos deuses da terra e invocar a sua protecção sobre toda a família: “He watched the four sticks well lit and then went homeward, comforted. These two small, protective figures, sitting staidly under their small roof – what a power they had!” (*Ibid*) Da terra vinha o sustento; dos deuses cuja representação era feita de terra, vinha a protecção – o Homem era a ponte entre a terra e o Céu, e abençoado por ambos.

Em momentos de crise, o apelo da terra soava no coração de Wang Lung acima de tudo o resto. Quando ele e a família tiveram que abandonar a terra e partir para a grande cidade a sul para fugir à fome, sonhava de forma constante com o regresso a casa. Numa altura em que começaram a soprar ventos de mudança na cidade e em que o descontentamento dos pobres se transformou em revolta, Wang Lung, apesar de sentir também essa mesma revolta, nada mais desejava senão voltar para a sua terra bem-amada:

there arose in the hearts of the young and the strong a tide as irresistible as the tide of the river, swollen with winter snows – the tide of the fullness of savage desire.

But Wang Lung, although he saw this and he heard the talk and felt their anger with a strange unease, desired nothing but his land under his feet again.
(*Ibid* 128)

Mais tarde, depois de ter regressado a casa e de ter enriquecido à custa do seu trabalho e da ajuda constante de O-lan, Wang Lung consegue comprar a Grande Casa de Hwang, e torna-se burguês. Vive, então, longos anos afastado da lida da terra, rodeado de luxos e de prazeres carniais. Após umas cheias que devastam as suas terras, Wang Lung fica quase à beira de um colapso nervoso. Quando por fim as águas descem, Wang Lung olha para os campos já secos e o seu coração volta a vibrar, e do seu interior irrompe uma voz que o desperta da sua letargia burguesa:

Then a voice cried out in him, a voice deeper than love cried out in him for his land. And he heard it above every other voice in his life and he tore off the long robe he wore and he stripped off his velvet shoes and his white stockings and he rolled his trousers to his knees and he stood forth robust and eager and he shouted:

“Where is the hoe and where is the plow? And where is the seed for the wheat planting? Come, Ching, my friend – come – call the men – I go out to the land!” (*Ibid* 213)

O contacto directo com a terra exerce uma acção terapêutica sobre Wang Lung. A influência doentia dos luxos tinham-no enfraquecido e corrompido o seu carácter. Mas no fundo, bem no seu íntimo, Wang Lung continuava a ser o mesmo e a possuir o mesmo amor e a mesma atracção pela terra, que acabou por curá-lo: “now again Wang Lung was healed of his sickness of love by the good dark earth of his fields and he felt the moist soil on his feet and he smelled the earthy fragrance rising up out of the furrows he turned for the wheat.” (*Ibid* 214) Esse contacto directo com a terra confere-lhe uma força e um vigor dos quais já quase não se lembrava. Revigorado e feliz, reencontra a sua essência perdida, deixando-

se permear pela força telúrica da terra que o viu nascer, sempre pródiga em lhe conferir o sustento e a prosperidade da sua família. Apesar de já não necessitar de o fazer, trabalhou de forma árdua lado a lado com os seus trabalhadores, repousando no final do dia, exausto, mas realizado: “This he did for the sheer joy he had in it and not for any necessity, and when he was weary he lay down upon his land and he slept and the health of the earth spread into his flesh and he was healed of his sickness.” (*Ibid* 214) Para Wang Lung, estar privado do contacto com a sua terra era impensável. Quando descobre que o tio o está a chantagear e que pertence a uma organização de bandidos, os “barbas ruivas”, fica petrificado de medo. Ao tentar encontrar uma solução para esse problema, põe a hipótese de o denunciar e recolher-se dentro das muralhas da cidade. No entanto,

he remembered that every day he must come to work on his fields, and who could tell what might happen to him as he worked defenceless, even on his own land? Moreover, how could a man liver locked in a town and in a house in the town, and he would die if he were cut off from his land. (*Ibid* 233)

A família de Wang Lung é uma extensão da sua ambição, bem como o símbolo da prosperidade rural. O-lan é uma verdadeira força da Natureza e, como a terra, é fecunda: “By successfully sowing his wife, Wang Lung reaps a daughter and three healthy sons. Buck portrays O-lan as an earth mother, emphasizing the character's sexual fertility and maternal excess.” (Allmendinger 1998: 366-7). No final da vida, quando O-lan se encontra muito doente, Wang Lung dá-se conta, afinal, da importância que aquela mulher mal-parecida e rude tinha exercido na sua vida e de todos os sacrifícios que ela tinha feito por ele e pelos filhos: “Raising a family and sacrificing her possessions in order to leave her husband a legacy, O-lan finally yields up her her life” (*Ibid* 367) Para tentar salvá-la, Wang Lung está disposto a vender terras para poder pagar ao médico a quantia exorbitante que este lhe exige: “Five thousand pieces of silver must I have if I guarantee full recovery.” (Buck 1994: 256). No entanto, O-lan estava em fase terminal e nada a

poderia salvar. Inconformado e destroçado com a proximidade da morte da mulher, Wang Lung estaria disposto a tudo para a salvar, até mesmo vender todas as suas terras. O-lan recusa de forma terminante essa hipótese irrealista pois, como Wang Lung, também ama a terra e sabe que nada é mais importante do que esta, porque é a única coisa que perdura: “This I cannot bear! I would sell all my land if it could heal you.” (...) “No, and I would not – let you. For I must die – sometime anyway. But the land is there after me.” (*Ibid* 259)

No final da obra, quando sente que o seu fim está próximo, Wang Lung faz os preparativos para o seu enterro. Decide ir ver o local onde vivera e onde o pai, o tio, a O-lan e o seu velho amigo Ching estão enterrados. Decide regressar à terra onde nasceu e que tanto lhe dera: “he stared at the bit of earth where he was to lie and he saw himself in it and back in his own land forever.” (*Ibid* 357) Essa sensação de conforto que Wang Lung sentiu, de se imaginar a repousar eternamente no seio da mãe terra, foi perturbada de forma abrupta quando um dia ouviu os seus filhos a conspirar sobre como iriam vender as terras dele e dividir o dinheiro:

“This field we will sell and this one, and we will divide the money between us evenly. Your share I will borrow at good interest, for now with the railroad straight through I can ship rice to the sea and I ...”

But the old man heard only these words, “sell the land,” and he cried out and he could not keep his voice from breaking and trembling with his anger,

“Now, evil, idle sons – sell the land!” He choked and would have fallen, and they caught him and held him up, and he began to weep. (*Ibid* 359-60)

Surpreendidos pelo pai, os filhos apressaram-se a tranquilizá-lo, garantindo-lhe que não iriam vender as terras. Wang Lung sabia que, à semelhança do que se tinha passado com a família da Grande Casa de Hwang, a partir do momento em que se começava a delapidar o património mais valioso de uma família – a terra –

o fim seria inevitável. Depois de tanto trabalho, suor e lágrimas, de tanto sofrimento para singrar na vida, aumentar e manter o património adquirido ao longo de toda uma existência, Wang Lung encontrava-se perante o seu mais temido pesadelo pela mão dos seus próprio filhos, provenientes de uma geração sem ligações afectivas à terra onde tinham nascido:

Then they soothed him and they said, soothing him,

“No – no – we will never sell the land – “

“It is the end of the family – when they begin to sell the land,” he said brokenly. “Out of the land we came and into it we must go – and if you will hold your land you can live – no one can rob you of land –” (...) and he stopped and he took a handful of soil and he held it and muttered,

“If you sell the land, it is the end.” (*Ibid* 360)

Apesar dos avisos alarmistas do pai, fruto da sabedoria e da experiência de uma vida de trabalho e de privações, os filhos de Wang Lung apenas disfarçaram as suas intenções com palavras falsas, cientes da facilidade em levar por diante os seus planos após a morte do patriarca:

And they soothed him and they said over and over, the elder son and the second son,

“Rest assured, our father, rest assured. The land is not to be sold.”

But over the old man’s head they looked at each other and smiled. (*Ibid* 360)

A fixação de Wang Lung pela terra e a obtenção de mais terrenos ao longo da sua vida mostram bem a importância e o valor que aquela possuía para ele. Todo o seu esforço foi direccionado no sentido de deixar a terra para os filhos e descendentes: “The transmission of culture from generation to generation meant the continuous inhabitation of the same land or geographic area.” (Diehl 1992: 1) A relação íntima de Wang Lung e de O-lan com a terra, sobretudo no início, é uma pedra

basilar no romance. PSB descreve uma família de camponeses chineses que trabalha a terra de forma árdua, com ferramentas básicas, apenas à custa de trabalho braçal e força de animais, transportando aos ombros água e estrume em baldes feitos de terra, enquanto O-lan recolhe estrume seco e erva seca para servir de combustível.

A autora enaltece as virtudes de um estilo tradicional de vida sã, que contrasta com os seus contemporâneos americanos, que se apoiam em tecnologias agrárias modernas para o tempo: “Buck's idealization of peasant labor implies a critique of modern technology. In giving dignity to traditional Chinese methods of farming, Buck. validates a "pure" way of life that is unadulterated by contemporary outside influences.” (Allmendinger 1998: 367). PSB dá a conhecer ao Ocidente uma cultura milenar, salientando os aspectos positivos da profunda interação e integração com o meio ambiente: “Buck presents China to the rest of the world as an exotic alternative, as a quaint corner of the globe in which preindustrial laborers still interact with their natural environment "authentically," in a holistic, unmediated, mutually sustaining relationship.” (*Ibid*) Apesar de mais atrasados nas técnicas agrárias, os camponeses chineses conseguiam obter melhores resultados com a diversificação das culturas do que os agricultores americanos do mesmo período, que optavam pela monocultura do trigo, correndo o risco de tudo perderem em caso de contratemplos climáticos:

Instead of growing one crop each year, farmers in north China planted wheat in the winter and sorghum, millet, or maize in the spring. On the Great Plains, where the seasons were shorter but the climate was similar, farmers who refused to diversify and who gambled on wheat as a single cash crop could go bankrupt if the weather or the marketplace shone down unfavorably. Double-cropping, Buck's husband noted, utilized the land more effectively, distributed labor and income over a greater part of the year, and minimized the significance of crop failure. (*Ibid* 367-8)

Numa época de grande turbulência nos Estados Unidos, durante a Grande Depressão, PSB publicou *The Good Earth*, uma obra que mostra bem a dureza da vida rural e dos frutos produzidos por esse esforço e dedicação à terra, ao contrário das políticas de desleixo e de não aproveitamento de recursos, bem como da pobreza resultante da falência de sistema económico americano:

A Depression-era novel depicting the hardships of rural life, *The Good Earth* features thrift, hard work, and grim self-sufficiency, as opposed to resource wastefulness, laissez-faire land practices, and cycles of poverty, which were contributing in the US, at the time of the book's publication, to economic depression and environmental catastrophe. (*Ibid* 368)

3.2.2. A opressão das mulheres na cultura chinesa

A posição das mulheres na sociedade chinesa é abordada em *The Good Earth* por PSB através de uma das personagens mais importantes e centrais da obra, O-lan. Através da sua história pessoal de escravatura na Grande Casa de Hwang, passa por todas as dificuldades da vida como mulher de um camponês, até ao momento de o ver trocá-la por uma concubina e desprezá-la. O-lan suporta tudo com o mesmo silêncio subserviente de sempre: “Like the humble and wordless good earth, O-lan is rich in resources and silently produces and keeps life going.” (Gao 2000: 93). Apesar de ter assumido uma posição feminista de defesa dos direitos das mulheres ao longo de toda a sua vida, PSB assume uma posição neutra, mesmo um pouco distante, em relação à discriminação e à opressão sofridas pelas mulheres na China confucionista imperial. Ela opta pela descrição das práticas do enfaixamento dos pés das mulheres, do infanticídio feminino e da venda de filhas como escravas tendo, no entanto, o cuidado de mostrar as circunstâncias extremas em que tais actos quase bárbaros eram cometidos. A autora mostra ainda que o

facto de os maridos terem concubinas, enquanto as mulheres trabalhavam como se fossem escravas, não faz deles homens cruéis ou maus mas apenas seres humanos que se comportam de acordo com as regras e com os princípios da sociedade vigente. O-lan, a heroína silenciosa, é a legítima representante das mulheres chinesas: “O-lan is a very individualized character while at the same time representative of the Chinese peasant women of her times.” (*Ibid*)

O-lan, à semelhança das outras mulheres chinesas, conhece bem o seu lugar na sociedade, de acordo com as regras confucionistas “As Três Obediências e as Quatro Virtudes”⁸⁴. As mulheres não eram tidas em grande consideração pela tradição confucionista chinesa, que encarava a mulher como um ser inferior. Os seguintes provérbios ilustram bem este aspecto: “Uma mulher sem talento é uma mulher de virtude” e “É mais rentável criar gansos do que filhas”⁸⁵. Qualquer que fosse o seu estrato social, as mulheres tinham que cumprir o seu destino, ter filhos homens: “Rich or poor, if she is a wife, her principal function is to bear sons” (Goode 1985: 26). Esse dever está bem patente nas palavras da Ancient Mistress, quando esta se dirige a O-lan no momento em que Wang Lung a vem buscar à Grande Casa de Hwang: ““Obey him and bear him sons and yet more sons.”” (Buck 1994: 18). O-lan, no entanto, apesar de cingida por leis rígidas de conduta moral, consegue intervir em momentos decisivos da história para salvar a família e, através de todo o seu trabalho, dedicação e sentido de oportunidade, proporcionar-lhe um futuro cada vez melhor. No início da obra, ficamos a conhecer O-lan através do olhar de Wang Lung:

She had a square, honest face, a short, broad nose with large black nostrils, as her mouth was wide as a gash in her face. Her eyes were small and of a dull black in

⁸⁴ <http://www.geocities.com/CollegePark/Field/8368/Bakground.html>. em 7/12/06 As Três Obediências: Obedecer ao pai antes do casamento, ao marido depois de casar e ao filho após a morte do marido; as Quatro Virtudes: ser casta; ser cortês sem ser coscuvilha; com um comportamento gracioso mas não extravagante; passar os momentos de lazer a aperfeiçoar os labores e tapeçarias para embelezar o lar.

⁸⁵ *Ibid*

color, and were filled with some sadness that was not clearly expressed. It was a face that seemed habitually silent and unspeaking, as though it could not speak if it would (...) there was no beauty of any kind in her face – a brown, common, patient face. (*Ibid* 19)

Ciente dos seus deveres como mulher, O-lan cumpre todas as suas obrigações por iniciativa própria sem um queixume, sem reivindicar nada para si: “Day after day she did one thing after another (...) But she never talked, this woman, except for the brief necessities of life. (*Ibid* 28) O próprio Wang Lung questionou-se sobre o porquê do seu silêncio, ficando intrigado com a atitude da mulher. Que razões esconderia ela? “He would fall to pondering about her. What had been her life, that life she never shared with him? He could make nothing of it.” (*Ibid* 29) No entanto, para quê preocupar-se? “And then he was ashamed of his own curiosity and of his interest in her. She was, after all, only a woman.” (*Ibid*) Com o passar do tempo, Wang Lung modifica a sua opinião em relação a O-lan. Quando chega o momento de dar à luz o primeiro filho, pára o trabalho no campo ao lado de Wang Lung, dizendo-lhe que chegou o momento do nascimento do filho. Chegada a casa, recusa qualquer ajuda, mesmo de uma parteira, e ainda consegue preparar o jantar antes de dar à luz sozinha, o que deixa Wang Lung muito surpreendido (e qualquer um dos leitores): “When he reached the house he found his supper hot on the table and the old man eating. She had stopped in her labour to prepare them food! He said to himself that she was a woman such as is not commonly found.” (*Ibid* 36) Tudo o que ela faz ao longo da obra é feito em silêncio, demonstrando que não é só uma trabalhadora exímia, competente em todas as tarefas domésticas e de trabalho no campo, mas que também possui um espírito prático que a faz realizar tudo o que diz respeito à família com um enorme sentido de oportunidade: “Every day she is the first one to arise at dawn to light the stove and the last one to go to bed at midnight after making sure every household matter is well taken care of.” (Gao 2000: 95). O-lan nunca deixa de trabalhar, nem mesmo quando está grávida. No dia em que nasce o segundo filho, deixa Wang Lung por algumas

horas apenas para dar à luz, mas no final do dia está de volta ao campo e ao trabalho, surpreendendo o marido que, apesar disso, não se compadece do esforço que ela fez naquele dia e, de forma egoísta, não a impede de voltar à lavoura:

Later before the sun set she was back beside him, her body flattened, spent, but her face silent and undaunted. His impulse was to say,

"For this day you have had enough. Go and lie upon your bed." But the aching of his own exhausted body made him cruel, and he said to himself that he had suffered as much with his labor that day as she with her childbirth, and so he only asked between the strokes of his scythe,

"Is it male or female?"

She answered calmly,

"It is another male," (Buck 1994: 56-7)

É interessante verificar que O-lan vive em estreita relação com a Natureza e, como qualquer animal, dá à luz sem ajuda, sem um queixume, em condições que seriam impensáveis para qualquer mulher dos países ditos civilizados. Ela "simply has a child. And she bears it alone – without a doctor, without a midwife, without even her husband" (LeBar 1988: 265). O espírito empreendedor de O-lan é típico das camponesas chinesas, mas possui características muito próprias, com uma dedicação e diligência que ultrapassam qualquer outra mulher. Para além das inúmeras dificuldades e trabalho da vida de camponesa, O-lan ainda tem que suportar de forma estóica desgostos e dores psicológicas. Quando a região onde vivem é assolada por uma seca de grandes proporções e toda a família passa fome, O-lan é quem mais sofre. Grávida de uma filha, ela tem que fazer a dura opção de cometer infanticídio, ao matar o bebé à nascença, dado que não existem condições para alimentar mais uma boca. Wang Lung fica estupefacto: "'Where is the child?" he asked. She made a slight movement of her hand upon the bed and he saw upon the floor the child's body. "Dead!" he exclaimed. "Dead," she whispered.'" (Buck 1994: 82). A atitude que O-lan toma é inevitável, em todas as

circunstâncias, mas também por saber que Wang Lung não queria uma filha naquele momento: “Weighing the pros and cons, knowing Wang Lung does not want this girl at such a time, O-lan makes the decision to do the unimaginable and takes the guilt all to herself.”_(Gao 2000: 102) A prática de infanticídio feminino na China remonta a tempos feudais remotos. Numa sociedade na qual a mulher tinha pouco valor, ter filhas era considerado uma infelicidade, até mesmo um mau presságio. Tendo em conta que o próprio Confúcio afirmava que a mulher era um ser inferior, classificando-as como “escravas” e “pequenas humanas”⁸⁶, tais práticas não surpreendem de todo dado que estão enraizadas na cultura chinesa, mantendo-se ainda hoje em dia. Com a política de restrição do número de filhos de apenas um por casal, os progenitores optam ou preferem ter um filho homem. As próximas gerações na China terão que lidar com as consequências desse acto, o facto de a breve prazo não existirem mulheres em número suficiente para os homens, quase os únicos a terem ainda direito à vida na China.

O-lan teve que suportar a gravidez em tempo de fome extrema, para depois não poder deixar viver a filha:

He stooped and examined the handful of its body – a wisp of bone and skin – a girl. He was about to say, "But I heard it crying – alive –" and then he looked at the woman's face. Her eyes were closed and the color of her flesh was the color of ashes and her bones stuck up under the skin – a poor silent face that lay there, having endured to the utmost, and there was nothing he could say. After all, during these months, he had had only his own body to drag about. What agony of starvation this woman had endured, with the starved creature gnawing at her from within, desperate for its own life! (Buck 1994: 82)

Em inúmeros momentos, a força interior e a presença de espírito de O-lan revelam-se de extrema importância para Wang Lung e para a família. Durante o

⁸⁶ <http://www.geocities.com/CollegePark/Field/8368/Bakground.html> em 7/12/06

período da fome, ela ajuda Wang Lung a resistir à proposta desonesta de venda das suas terras feita pelo tio e por dois especuladores da cidade, garantindo assim que a família possa mais tarde regressar a casa e à terra, e voltarem a ser auto-suficientes. Por outro lado, é ela quem impede os outros aldeãos de lhes saquear as mobílias, quando já não têm mais para comer. Impondo o respeito que o marido não conseguiu, O-lan enfrenta o tio e os homens de maneira frontal, exibindo a sua barriga de grávida:

"It is not yet time to take our table and the benches and the bed from our house. You have all our food. Buit out of your own houses you have not sold yet your table and your benches. Leave us ours. We are even. We have not a bean or a grain of corn more than you – no, you have more than we, now, for you have all of ours. Heaven will strike you if you take more. Now we will go out together and hunt for grass to eat and bark from the trees, you for your children, and we for our three children, and for this fourth who is to be born in such times." She pressed her hand to her belly as she spoke, and the men were ashamed before her.
(*Ibid* 74)

O-lan supera Wang Lung de várias formas, entre elas, ultrapassa-o no sentido prático, uma característica típica das mulheres. Por altura da grande seca e para impedir que a família morra de fome, a solução é Wang Lung matar o boi que o ajudava na lavoura, mas não consegue. Para ele, o boi era como uma extensão da terra, matá-lo seria destruir a possibilidade de trabalhar a terra: "'How can we eat the ox? How shall we plough again?'" (*Ibid* 72) É O-lan que o mata, aproveitando tudo, desde o sangue até à carne. Wang Lung recusa-se a assistir à morte e esquartejamento do animal e só vai para a mesa quando a carne está cozinhada. Mesmo assim, "when he tried to eat the flesh of his ox his gorge rose and he could not swallow it and he drank only a little of the soup." (*Ibid* 73) Ela desdramatizou a reacção dele, dizendo de forma sensata: "'An ox is but an ox and this one grew old. Eat, for there will be another one day and far better than this one.'" (*Ibid*) Da

mesma forma, quando se encontram mais tarde na grande cidade e o segundo filho traz para casa um pedaço de carne que roubou, O-lan revela possuir um sentido prático que Wang Lung não tem. Este fica furioso perante o facto de um filho seu ter cometido um furto: ““Now will I not eat this meat!” cried Wang Lung angrily. “we will eat meat that we can buy or beg, but not that which we steal. Beggars we may be but thieves we are not.””(Ibid 112) Pegou na carne e atirou-a para o chão, o que suscitou em O-lan uma reacção pronta e decidida: pegou na carne, lavou-a e voltou a colocá-la no tacho, concluindo de forma calma, ““Meat is meat””(Ibid), deixando implícito que quem tem fome não se pode dar ao luxo de ter princípios morais. Apesar de O-lan ir contra algumas das decisões do marido, ela nunca o faz de forma ostensiva, sabendo bem que deve ser submissa a ele. A mulher é como se fosse a “executora” daquilo que Wang Lung não consegue fazer:

O-lan never lets herself appear more intelligent than Wang Lung, never complains or criticizes Wang Lung for his improper behaviour, and almost never openly speaks a word against him. When Wang Lung is incapable of carrying out a certain task, she takes things over in her own hands only as if simply to complete what Wang Lung has left unfinished. She knows that she ought to appear subordinate to her husband. (Gao 2000: 99)

O-lan é-nos apresentada como uma mulher limitada, estúpida até, de acordo com as palavras da *Old Mistress* da Grande Casa de Hwang: ““She is a good slave, although somewhat slow and stupid (...) But she does well what she is told to do and she has a good temper.””(Buck 1994: 18). Apesar de ela ser submissa e estar sempre muito calada, apercebemo-nos com o desenrolar da acção que ela é “very intelligent, thoughtful, and much more practical than Wang Lung – qualities that seem to have been lost in her silence.” (Gao 2000: 98). O seu silêncio tem raízes na tradição chinesa confucionista de exploração e opressão das mulheres, fazendo-as esperar tão pouco da vida. No caso de O-lan, o sofrimento e as privações são ainda maiores, dado que se encontrava no fundo da pirâmide social,

por ser escrava, para além de mulher. Ao conseguir sair da Grande Casa de Hwang e da condição de escrava, para se casar com um camponês, O-lan entregasse de corpo e alma à sua nova família, sendo capaz de suportar os maiores sacrifícios e humilhações: “Having been freed from slavery and becoming a landowner’s wife is already more than she could expect; any hardship in this capacity would seem nothing compared with what she has had to endure as a slave.” (*Ibid* 97) Por essas razões, ela habitua-se a suportar tudo em silêncio, numa obediência cega e muda, pois enquanto escrava fora oprimida e mal tratada durante dez anos da sua vida: “Her silence is therefore one of her trademarks, indicating her personality, her background, and her effort to make her behavior acceptable.” (*Ibid*)

O-lan não passa apenas por dores e sofrimentos físicos, ela tem de enfrentar inúmeras situações que lhe causam enorme sofrimento. Desde sempre que carrega consigo o estigma da fealdade. O próprio Wang Lung constata esse facto desde o dia em que a foi buscar à Grande Casa de Hwang, mas não foi isso que a impediu de cumprir as suas obrigações, de ser uma mulher trabalhadora, obediente e de gerar três filhos homens. No entanto, não só o seu rosto mas também os pés grandes foram objecto de reprovação por parte de Wang Lung, quando a viu pela primeira vez: “He saw with an instant’s disappointment that her feet were not bound” (*Ibid* 17). Mais tarde, o facto de O-lan não ter os pés enfaixados, seria também alvo de crítica e de repúdio por parte de Wang Lung. É curioso como até mesmo um camponês como ele sentia atracção, um certo fetiche, por uma mulher com os pés enfaixados. Porém, se O-lan tivesse os pés enfaixados ser-lhe-ia totalmente impossível trabalhar na lavoura, dada a incapacidade de andar muito ou apenas de permanecer de pé durante algum tempo, devido às dores provocadas. Ter os pés enfaixados significava que se pertencia a um estrato social elevado e era algo que os homens valorizavam:

Another aspect of Chinese life that seemed designed to make women suffer was the practice of altering the feet of girls so they could barely walk. The Chinese custom of foot-binding was meant to please men esthetically and to enhance a man's status by showing he was wealthy enough for his wife or concubine not to work. (Goode 1985: 26)

Quando Wang Lung se torna dono de muitas terras e a riqueza lhe sobe à cabeça, começa a criticar O-lan, exigindo que melhore a sua aparência, a sua forma de vestir: "I have labored and have grown rich and I would have my wife look less like a hind. And those feet of yours – "He stopped. It seemed to him that she was altogether hideous, but the most hideous of all were her big feet"(Buck 1994: 170-1). Nesse momento, não consegue deixar de reparar, mais uma vez, no aspecto horrível dos grandes pés de O-lan, esquecendo tudo o que ela fez por ele e pela família, e que não teria sido possível se ela tivesse os pés enfaixados. Esses comentários magoam-na de forma profunda, apressando-se a desculpar-se: "My mother did not bind them, since I was sold so young. But the girl's feet I will bind – the younger girls feet I will bind." (Ibid 171) A intenção de enfaixar os pés da sua filha mais nova é para lhe proporcionar aquilo que ela não teve e permitir-lhe um futuro melhor, para que quando casar tenha um marido que goste dela, ao contrário do que se passou consigo: O-lan "has been forced to accept the fact that she is ugly and therefore not to be loved." (Gao 2000: 97).

Com o passar do tempo, Wang Lung foi ficando cada vez mais distante e mais intolerante para com O-lan, sobretudo desde que começou a frequentar a companhia de Lotus. O-lan "now said nothing, only watching him in great misery, knowing well that he was living some life apart from her and apart even from the land, but not knowing what life it was. (...) she was afraid to ask him anything because of his anger that was always ready for her now." (Buck 1994: 187). Um dos momentos mais difíceis para O-lan foi quando Wang Lung lhe pediu as duas pérolas com as quais ela tinha ficado. Essas pérolas pertenciam ao conjunto das

jóias que ela tinha descoberto numa casa rica na cidade, onde tinham entrado misturados na multidão. O-lan tinha-as guardado para quando a filha mais nova se casasse. Wang Lung desdenhou essa razão dizendo: ““Why should that one wear pearls with her skin as black as earth? Pearls are for fair women! (...) Give them to me – I have need of them!”” (*Ibid* 188) Wang Lung queria as pérolas para as oferecer a Lotus, a sua amante, por quem estava completamente perdido de amores. O-lan ficou destroçada: “tears dropped slowly and heavily from her eyes” (*Ibid*) Mais tarde, Wang Lung descobre a verdade sobre o grande sofrimento da mulher através da filha mais nova. Nesse momento, apercebe-se do desgosto que ela sentiu, por ele a ter rejeitado. Quando a encontra a chorar, Wang Lung pergunta-lhe:

"Now why have you wept?" (...) "Because my mother binds a cloth about my feet more tightly every day and I cannot sleep at night. "Now I have not heard you weep," he said wondering. "No," she said simply, "and my mother said I was not to weep aloud because you are too kind and weak for pain and you might say to leave me as I am, and then my husband would not love me even as you do not love her." This she said as simply as a child recites a tale, and Wang Lung was stabbed at hearing this (*Ibid* 251-2)

Wang Lung dá-se conta de como foi injusto e de como magoou O-lan, trocando-a por uma mulher cujo único propósito era satisfazê-lo como objecto sexual e que não possuía nenhuma das qualidades de O-lan, que permitiram que a sua família se tornasse próspera:

he slept uneasily beside Lotus that night and he woke and and fell to thinking of his life and of how O-lan had been the first woman he had known and how she had been a faithful servant beside him. And he thought of what the child said and he was sad, because with all her dimness O-lan had seen the truth in him. (*Ibid* 252)

O-lan é uma pedra basilar na existência de Wang Lung dado que, desde o momento em que ele a desposou, a sua qualidade de vida melhorou de forma exponencial. Antes da chegada de O-lan à casa dele, Wang Lung tinha que tomar conta de tudo na casa e do pai, para além de cuidar da terra, e a sua vida era miserável. Após o casamento, a mulher assume por completo todas as tarefas domésticas, levando Wang Lung a reflectir e a disfrutar de “this luxury of living” (*Ibid* 25) Desde o momento em que O-lan entrou em sua casa, Wang Lung podia dar-se ao luxo de ficar deitado “in his bed warm and satisfied (...) tasting and savoring in his mind and flesh his luxury of idleness (...) while in the kitchen the woman fed the fire and boiled the water.” (*Ibid* 26) Ele sente-se feliz com aquela mulher porque, apesar de ela não possuir um rosto delicado e belo, tem muitos outros atributos, entre eles, um corpo esbelto, que lhe agrada sobremaneira: “Her body was beautiful, spare and big boned yet rounded and soft” (*Ibid*) A presença daquele novo ser na casa e na vida de Wang Lung despertou-lhe sentimentos e pensamentos até então nunca experimentados: “the new thought of his life now was, and it occurred to him, suddenly, thinking of the night, to wonder if she liked him.” (*Ibid*) Desconhecendo em absoluto a psicologia feminina e, em particular, a personalidade de O-lan, Wang Lung questiona-se sobre que sentimentos nutrirá ela por ele, deixando-o envergonhado: “He desired suddenly that she should like him as her husband and then he was ashamed” (*Ibid*) Cada gesto, cada atitude dela eram observados e analisados ao pormenor, numa tentativa de perscrutar a mente insondável de O-lan mas, apesar da sua apreensão, a constatação final era sempre favorável, o que o enchia de satisfação: “Wang Lung saw she was afraid of him and he was pleased (...) In himself there was a new exultation which he was ashamed to make articulate even to his own heart, "This woman of mine likes me well enough!"” (*Ibid* 27) O-lan cumpria com todas as suas obrigações de dona de casa exemplar, tendo sempre as refeições prontas a tempo e horas, para gáudio do ancião e do marido. Para tornar o quadro perfeito, só faltava uma coisa: gerar filhos. A perspectiva da chegada de um filho encheu Wang Lung e o seu velho pai de alegria, que exultaram de felicidade. Um dia no campo, O-lan disse-lhe ““I am

with child." (...) he could not say what it was to him. His heart swelled and stopped as though it met sudden confines. Well, it was their turn at this earth!" (*Ibid* 30) Quando o ancião soube, rejubilou perante a ideia de ir ter um neto que assegurasse a continuidade da família: "'Heh-heh-heh—' he called out to his daughter-in-law as she came, 'so the harvest is in sight!'" (*Ibid* 31) Para Wang Lung, a sua vida tornou-se idílica e tudo graças à presença e aos cuidados constantes de O-lan:

With O-lan's diligence, thriftiness, and skilful management, the family's livelihood is much improved. Before marrying O-lan, no matter how hard Wang Lung worked, they were poor. Now they are able to save money on fuel and fertilizer, for O-lan gathers them herself. With O-lan working with him in the fields, he is even able to have some extra money at the harvest time to buy a piece of land. More importantly, O-lan has produced children, especially sons, one after another, rendering the house full of life. (Gao 2000: 101).

O-lan proporciona a Wang Lung uma felicidade e um orgulho que muito lhe apraz, por ter uma mulher que se destaca das outras camponesas, mulheres dos seus vizinhos, pelos seus dotes culinários, entre outros: "And he urged them to eat and they ate heartily (...) and this one praised the brown sauce on the fish and that one the well-done pork (...) in his heart he was proud of the dishes (...) Wang Lung himself had never tasted such dishes upon the tables of his friends." (Buck 1994: 23). Quando chega o Ano Novo, O-lan prepara a festa com bolos muito requintados, típicos dos ricos, deixando Wang Lung de novo extasiado com tanto requinte: "Wang Lung felt his heart fit to burst with pride." (*Ibid* 47) O-lan disse-lhe que se destinavam à *Old Mistress*, para lhe oferecer como presente quando a visitasse com o filho. Nessa altura, Wang Lung sente uma auto-estima enorme, perante o olhar de admiração do porteiro, que o tinha tratado com desdém quando tinha ido buscar O-lan: "Wang Lung had his reward at the great gate of the House of Hwang, for when the gateman came to the woman's call he opened his eyes at

all he saw” (*Ibid* 49) As mudanças para melhor eram por demais evidentes, o que fez com que o porteiro exclamasse: ““Ah, Wang the farmer, three this time instead of one!” And then seeing the new clothes they all wore and the child who was a son, he said further, "One has no need to wish you more fortune this year than you have had in the last.”” (*Ibid*) As roupas novas causaram sensação, bem como o filho de Wang Lung, que se destacava dos filhos das concubinas do *Old Master* da Grande Casa de Hwang: ““As for our son, there was not even a child among the concubines of the Old Master himself to compare him in beauty and in dress." A slow smile spread over her face and Wang Lung laughed aloud (..) How well he had done – how well he had done!” (*Ibid* 50)

Wang Lung deve muito a O-lan, de facto, quase tudo. Foi graças às jóias que ela descobriu na pilhagem à casa de ricos na grande cidade, que Wang Lung conseguiu comprar terras e mais terras, conduzindo-o a uma posição com a qual ele nunca tinha sonhado: “Wang Lung knows in his heart that all the riches he has gotten would have been impossible if O-lan had not found the jewels and had not given them to him when he commanded her.” (Gao 2000: 103). Em vez de trazer mais felicidade, a prosperidade corrompe o coração e a integridade moral de Wang Lung, fazendo-o afastar-se pouco a pouco de O-lan, convencido de que, como rico proprietário de terras, merece mais do que uma simples ex-escrava como mulher. Por essa razão, passa a relacionar-se sexualmente com Lotus, negligenciando O-lan, não reparando que a saúde dela se agrava de dia para dia. Quando O-lan adoece e fica incapacitada para gerir a casa, a família desmorona-se: “for the first time Wang Lung and his children knew what she had been in the house, and how she made comfort for them all and they had not known it” (Buck 1994: 257). O seu afastamento em relação a O-lan corrompe o ambiente de harmonia existente em casa, que se deteriora em grande escala e se transforma em zangas e intrigas, instalando-se a doença no corpo desgastado de O-lan: “He thinks of himself entitled to frequenting the teahouse in town and having concubines, giving no consideration to O-lan’s feelings. He becomes a brute, pouring all his

anger upon O-lan because she is too common, too ugly to suit his new status.” (Gao 2000: 104).

O descalabro na família de Wang Lung intensifica-se após a morte de O-lan, a força aglutinadora que unia e mantinha tudo em ordem. Tudo corre mal na sua ausência e os membros mais frágeis da família são os primeiros a sofrer, o velho pai e a filha atrasada mental: “The retarded girl is once left outside in the cold the whole night and almost dies from the illness she gets as a result. The old father is neglected and dies soon after O-lan’s death.” (*Ibid*) Wang Lung deixa-se influenciar pelo poder que o dinheiro lhe dá, esquecendo-se que caminha no mesmo trilho antes percorrido pela faustosa Casa de Hwang. O afastamento da terra e o deslumbramento provocado pelo dinheiro levam-no à perdição. PSB mostra, desta forma, não só que as mulheres chinesas são melhores do que os homens como também a corrupção dos homens é fomentada pela sociedade vigente. Devido ao afastamento de Wang Lung da terra em prol dos prazeres que o dinheiro lhe confere, PSB retrata-o como alguém que se comporta de acordo com os cânones que lhe são impostos pela sociedade chinesa – os homens ricos devem disfrutar ao máximo dos prazeres da vida, vivendo de forma ociosa e satisfazendo os seus desejos mais carnis com as concubinas. Partindo deste exemplo, a autora cria uma obra sobre a ascensão e queda de um camponês chinês e, em simultâneo, destaca as enormes qualidades, o valor e os sacrifícios realizados por O-lan, uma digna representante das mulheres trabalhadoras de todo o mundo:

Through O-lan, Buck seems to suggest that, although oppressed, Chinese women, even the peasant women, have the same fine qualities as women elsewhere in the world. They have strength, courage, and insight as well as a practical mind to steer the fate and future of a family and to struggle for dignity and happiness. (*Ibid* 106)

3.2.3. O discurso racial em *The Good Earth*

De que forma se pode falar na presença de uma “consciência de cor” na obra de Pearl? Apesar de o romance não abordar de forma aberta o tema das questões raciais, detectam-se alguns pormenores em vários momentos do desenrolar da acção. É também importante perceber a razão pela qual *The Good Earth* atingiu tão grande popularidade numa altura em que o racismo dominava a cultura americana. O romance acabou por reflectir os valores das classes média e operária americanas na década de 30: “It reflects their valuing of the land and nostalgia for rural life in a time of expanding industrialism and urbanization.” (Spencer 2002)

The Good Earth apresenta aspectos relacionados com a influência que a pele de cor “clara” ou “escura” tem na vida e no *status* das personagens, sobretudo para Wang Lung. Quando este vai buscar O-lan à Grande Casa de Hwang, não encontra qualquer sinal de beleza no rosto dela, sendo os adjectivos “brown” e “dark” enfatizados e conotados pelo narrador como antíteses da beleza: “He saw that it was true there was not beauty of any kind in her face – a brown, common, patient face. But there were no pock-marks on her dark skin” (Buck 1994: 19). Impregnados pela terra que lhes dá vida, O-lan e o seu primogénito são vistos pelo narrador como seres “brown as the soil and they sat there like figures made of earth” (*Ibid* 41), na sua condição de pobres camponeses de baixa condição social. Esta imagem de fealdade contrasta com a do momento em que Wang Lung pretende oferecer a uma prostituta as duas pérolas que O-lan tinha reservado para o dia em que a sua primeira filha se casasse quando, muito irritado, ele diz-lhe: “Why should that one wear pearls with her skin as black as the earth? Pearls are for fair women!” (*Ibid* 188), numa clara alusão ao desperdício que seria oferecer pérolas a um ser inferior, de pele escura como a terra. Noutro momento, a pele clara é elogiada e privilegiada mais uma vez pelo narrador, quando é mencionada a beleza e a delicadeza da pele da sua segunda filha: “an exceedingly pretty girl (...) Her skin was fair and pale as almond flowers” (*Ibid* 281) Estas alusões à cor

da pele não deixam margem para dúvidas: “These descriptions privilege light skin, associating dark skin with rural life, poverty, and labor, and, in short, equating dark skin with lower-class status.” (Spencer 2002)

Durante a sua estada na cidade, Wang Lung depara-se com dois seres que nunca antes tinha visto, dois ocidentais, que o impressionam de sobremaneira, levando-o a reflectir acerca da origem e da condição daqueles homens e mulheres ocidentais na China. Fica patente mais uma vez a associação incontornável entre o tom da pele e a classe social. No primeiro encontro, Wang Lung conduz um passageiro, “a creature the like of whom he had never seen before. He had no idea whether it was male or female, but it was tall and dressed in a straight black robe (...) and there was a skin of a dead animal wrapped about its neck”. (Buck 1994: 108) A sua surpresa perante este acontecimento inusitado levou-o a indagar outro condutor de *ricksha* acerca do seu passageiro: ““Look at this – what is this I pull?” And the man shouted back at him, "A foreigner – a female from America – you are rich"” (*Ibid* 109) Este encontro faz Wang Lung reflectir sobre a relação entre a condição social baixa das pessoas de cabelo e olhos escuros, e a condição social elevada das pessoas de cabelo e olhos claros, que ele descobre existir: “after all people of black hair and black eyes are one sort and people of light hair and light eyes are of another sort.” (*Ibid*) Ao relatar este encontro a O-lan, esta conta-lhe que sempre pede esmola a esses estrangeiros, porque lhe dão moedas de prata em vez de cobre. Wang Lung toma, então, consciência de que pertence à sua própria espécie, ou seja, põe-se no seu lugar: “through this experience he learned what the young men had not taught him, that he belonged to his own kind, who have black hair and black eyes.” (*Ibid* 109-10)

No segundo episódio com um homem branco, Wang Lung dá boleia a um homem de “eyes as blue as ice and a hairy face” (*Ibid* 125) Este encontro permite não só estabelecer um contraste entre raças mas, sobretudo, um contraste de culturas e de

crenças religiosas. Neste momento do enredo, Pearl faz uma crítica acérrima à presença dos missionários ocidentais na China, quando Wang Lung se cruza com um missionário estrangeiro que lhe dá um papel para a mão. Apesar de intimidado pela presença e pelo aspecto do homem, Wang Lung não se atreve a recusar esse papel, mas só tem coragem para olhar para ele quando o estrangeiro se afasta. Horrorizado,

he saw on the paper a picture of a man, white-skinned, who hung upon a crosspiece of wood. The was without clothes except for a bit about his loins, and to all appearances he was dead, since his head drooped upon his shoulder and his eyes were closed above his bearded lips. Wang Lung looked at the pictured man in horror and with increasing interest. There were characters beneath, but of these he could make nothing. (*Ibid* 125-6)

PSB mostra, desta forma, através do olhar inocente de Wang Lung, o choque de culturas e de credos existente entre a China e o Ocidente. Para ele, a imagem de um homem quase nu pregado numa cruz é algo que suscita estupefacção e horror, ao contrário da piedade e reverência sentidas por um ocidental. À noite, quando chega junto da família, Wang Lung e o pai tentam decifrar o significado da imagem e das letras, mas sem sucesso. O pai conclui, ““Surely this was a very evil man to be thus hung.”” (*Ibid* 126) Wang Lung, por seu lado, ficou atemorizado com a imagem e com as razões que teriam levado aquele homem de aspecto tão frio a entregar-lhe aquele papel, bem como as consequências que dali pudessem advir: “But Wang Lung was fearful of the Picture and pondered as to why a foreigner had given it to him, whether or not some brother of this foreigner’s had not been so treated and the other brethren seeking revenge.” (*Ibid*) O-lan, por seu turno, revelou mais uma vez o seu lado prático de mulher habituada a lidar com as coisas de forma muito pragmática e viu no papel uma oportunidade para remendar a sola de um sapato: “after a few days, when the paper was forgotten, O-lan took it and sewed it into a shoe sole together with other bits of paper” (*Ibid*) Para um

ocidental crente, tal procedimento seria impensável, mesmo se a necessidade fosse muita, dado que constituiria um sacrilégio colocar a imagem de Cristo crucificado na sola de um sapato, que seria como estar a espezinhar a imagem. Estes contactos mostraram a Wang Lung que à pele branca ou mais clara estava associada a vida urbana, a riqueza e um *status* superior.

Noutra ocasião, Wang Lung recebe outro papel, desta vez entregue por um jovem chinês bem vestido que falava alto, enquanto distribuía os panfletos por entre a multidão de pessoas que se aproximavam para saber o que se passava. Ao olhar para a imagem nele contida, Wang Lung verificou que também se tratava de uma cena de morte e de sangue. No entanto, dessa vez não se tratava de um homem branco, de um estrato social superior, mas de alguém como ele, “a common fellow, yellow and slight and black of hair and eye and clothed in ragged blue garments.” (*Ibid*), pertencendo à sua raça e classe social. A cena com que Wang Lung se deparou não era nada agradável: “Upon the dead figure a great fat one stood and stabbed the dead figure again and again with a long knife he held. It was a piteous sight.” (*Ibid*) Perante a perplexidade de não entender o porquê da cena e dos caracteres por baixo, Wang Lung perguntou a um homem perto dele se sabia o que significavam. Foi aconselhado a escutar o “jovem professor”, o homem que distribuía os panfletos, ouvindo pela primeira vez tais palavras:

““The dead man is yourselves,” proclaimed the young teacher, “and the murderous one who stabs you when you are dead and do not know it are the rich and the capitalists, who would stab you even after you are dead. You are poor and downtrodden and it is because the rich seize everything.”” (*Ibid* 127)

Esse discurso era, contudo, demasiado politizado e um tanto confuso para Wang Lung. Habitado a culpar o céu e os desígnios insondáveis dos deuses pela ausência ou pelo excesso de chuva, via-se agora perante um raciocínio diferente, proferido por aquele jovem bem falante. Intrigado, dispôs-se a escutá-lo até ao

fim, para saber pormenores sobre as razões da seca e descobrir soluções para a mesma. Como o jovem nada disse sobre esse assunto, Wang Lung decidiu indagar: ““Sir, is there any way whereby the rich who oppress us can make it rain so that I can work on the land?”” (*Ibid*) A reacção do revolucionário foi de escárnio e insulto, rebaixando-o à sua condição de campónio ignorante e de costumes retrógrados, como o uso de uma longa trança no cabelo:

"Now, how ignorant you are, you who still wear your hair in a long tail! No one can make it rain when it will not, but what has this to do with us? If the rich would share with us what they have, rain or not would matter none, because we would all have money and food." (*Ibid*)

Estas razões não satisfizeram Wang Lung nem um pouco. Aquele discurso podia ser muito eloquente mas não ia ao cerne da questão. E a terra? Só a terra permanecia, o dinheiro e a comida gastavam-se. E depois? Voltaria a haver fome, se não houvesse um equilíbrio entre o sol e a chuva, e o trabalho árduo dele para fazer a terra produzir alimentos. Apesar de tudo, não satisfeito com o discurso, não deitou fora o papel que lhe fora dado pelo jovem. Nas condições em que se encontravam, desterrados na cidade, tudo era aproveitado para enfrentar e minorar as dificuldades por que passavam: “Nevertheless, he took willingly the papers the young man gave him, because he remembered that O-lan had never enough paper for the shoe soles, and so he gave them to her when he went home.” (*Ibid* 128)

Embora *The Good Earth* não aborde de forma directa questões raciais, é feita, por um lado, uma alusão implícita e uma conotação positiva associada à pele clara, conotada com riqueza, luxo urbano e um estatuto social elevado; por outro lado, é feita uma alusão negativa à pele escura, associada à pobreza, às precárias condições rurais e a um baixo estatuto social. Ainda que tenha sentido de forma directa a discriminação por pertencer a uma raça diferente, enquanto estrangeira na China (*Vide* Capítulo 2, pág. 53), PSB viveu protegida enquanto filha de

missionários, com privilégios típicos das elites. A importância dada aos brancos e aos chineses de pele mais clara, e ao seu elevado estatuto social, referenciados em *The Good Earth*, parece contradizer a posição anti-racista de PSB e a sua posição pela defesa dos direitos dos mais desfavorecidos. No entanto, e apesar de *The Good Earth* apontar para uma certa supremacia “branca”, a escritora não fez mais do que retratar a sociedade chinesa da época como a conhecia e como a vivenciou, tornando-se inevitável mostrar que, de facto, uma pele mais clara era cobijada como sinal de *status* social superior, por oposição a uma pele mais escura, muito menos delicada por ser típica dos camponeses, escurecida e tisonada pelo sol.

3.2.4. A imagem dos camponeses chineses em *The Good Earth*

De todos os sinólogos que procuraram mostrar e interpretar os chineses para os americanos, nenhum foi tão bem sucedido como Pearl Buck. Nenhuma obra teve um impacto tão grande como *The Good Earth*. De facto, pode-se afirmar que ela criou estereótipos dos chineses na mente dos americanos, da mesma forma que Charles Dickens o fez com as pessoas que viviam na Inglaterra Vitoriana. Nascida quase por acaso nos Estados Unidos, motivada pela convalescença da mãe missionária, PSB viveu quase a primeira metade da sua vida na China desde os três meses de idade, o que lhe conferiu características muito “chinesas” à sua personalidade e à sua escrita, quase consagrada na totalidade à China e ao Oriente. Apesar de filha de missionários, Pearl acabou por abandonar os ideais e as crenças evangelizadoras, tornando-se num modelo de bondade, humanidade e com um espírito maternal, não só para com os chineses em particular, mas também para com todo o mundo em geral. *The Good Earth* foi a sua obra mais expressiva e que mais impacto teve nos Estados Unidos, apesar de abordar um tema banal, a vida de um camponês chinês e da sua mulher e a sua peleja contra a adversidade, contra a inveja e a crueldade dos homens e contra os desígnios da Natureza. Esta

obra mudou a forma como os americanos encaravam e viam os chineses – massa indistinta, sem rosto ou quaisquer sentimentos humanos:

Book and film together, *The Good Earth* almost singlehandedly replaced the fantasy images of China and the Chinese held by most Americans with a somewhat more realistic picture of what China was like and a new, more intimate, and more appealing picture of the Chinese themselves. Indeed, *The Good Earth* accomplished the great feat of providing faces for the faceless mass. (Isaacs 1980: 156)

De acordo com a opinião de um jornalista citado por Isaacs no seu livro, PSB foi capaz de alterar por completo a visão errada que a América tinha da China, transformando os chineses em seres humanos, após a sua obra ter vindo a público:

My first exposure to Asia came through Pearl Buck. China was a place on the map to me, with 400 million people who wore inverted dishpans for hats, rode rickshas and ate rice with chopsticks. This much I got in high school. Then I read *The Good Earth*. Pearl Buck made people out of the Chinese for me. (*Ibid*)

The Good Earth teve esse mesmo efeito, através da história das personagens Wang Lung e O-lan. Criou sentimentos de empatia para com a partilha universal das emoções fortes vividas por eles, do sofrimento, dos sacrifícios, alegrias, tristezas, fraquezas e aspirações: “She has a truly extraordinary gift for presenting the Chinese, not as quaint and illogical, yellow-skinned, exotic devil-dolls, but as human beings merely, animated by motives we can always understand” (Cowley: 1967: 251) Por esse motivo, Wang Lung e O-lan “are certainly the first such individuals in all literature about China with whom literally millions of Americans were able to identify warmly.” (Isaacs 1980: 156). Ao contrário de outros autores

que escreveram sobre a China, como Lin Yutang⁸⁷, que, em *My Country and My People*, se debruçou sobre a delicadeza dos modos e da sabedoria chinesas, Pearl Buck escreveu acerca dos mais inferiores de todos os chineses, os camponeses, e da sua dura vida pela sobrevivência. O filme trouxe ainda maior notoriedade à obra escrita e contribuiu para reforçar a imagem positiva do povo chinês, desta vez através da película:

the character of the Chinese peasant in general follows that dramatized in *The Good Earth* – he is hardworking, strong, persevering, and able to withstand the most severe adversities, kind toward children, respectful toward elders, all in all an admirable [and] warmly lovable character. (Jones 1955: 36)

3.3. O filme *The Good Earth* – distorção da mensagem original da obra

Devido ao êxito alcançado pelo livro, os estúdios da Metro Goldwin Mayer filmaram a saga de Wang Lung em 1936. Para tal, empreenderam um projecto grandioso, preparando-se para reproduzir com a maior fiabilidade possível todos os cenários típicos do Norte da China. As duas personagens principais foram desempenhadas por actores brancos, Paul Muni e Luise Rainer, que ganhou um Oscar pelo seu desempenho como O-lan. Em 1933-34 a MGM enviou expedições à China para comprar e levar para os Estados Unidos quintas inteiras, gado e todo o tipo de adereços para poder recriar, de forma fidedigna, as paisagens chinesas de *The Good Earth*:

MGM sent expeditions to China in 1933-34, having ordered its employees to buy as many "props" as they could. Going from village to village, on the north China plains, scouts with cash in their hands would approach farmers and ask, "How

⁸⁷ Lin Yutang (Xiamen, Fujian, China, 10/10/1895-Taipé, Taiwan, 26/03/1976) foi um escritor chinês cujo trabalho original e traduções de textos clássicos chineses se tornaram muito populares no Ocidente.

much -- for everything?". They purchased wooden plows, harrows, and flails; water buckets, baskets, and matting; stone grain-grinding mills, windmills, and water wheels. They assembled their own ark, filling it with water buffalo, pigs, ducks, donkeys, and pigeons. In addition to looting houses -taking gongs, ivory needles and toys, colored joss papers, China temple dogs, sundials, bronzes, earthenware water pots, and old teakwood furniture -- the invading army from Hollywood sacked the houses themselves. What they could not dismantle, pack, and export back home, they filmed on location -- shooting the scenery and, in one case, even "renting" a funeral. (Allmendinger 1998: 370-1)

O estúdio reservou 202 hectares de terreno em Santa Clara Hills, situada numa zona semi deserta a 32 quilómetros de Hollywood. Nesse local, cenógrafos e carpinteiros montaram a aldeia e a cidade, e numa planície construíram uma vedação alta circundada por um fosso com um curso de água, no qual colocaram sampanas, as tradicionais embarcações chinesas que serviam de habitação e redes de pesca. Construíram ainda uma ponte conducente a um portão na muralha de pedra que circundava a aldeia, ligando a ponte a uma rua que tinha mais de 200 lojas onde se vendia todo o tipo de produtos locais. Um grupo de camponeses chineses, liderados por Yee On, um chinês levado de propósito da China, encheram de socalcos as encostas circundantes onde plantaram de tudo um pouco: “onions, leeks, water chestnuts, Chinese cabbage, and radishes on the floor of the valley; sowed wheat by hand; and pumped water into a man-made river that irrigated (and sometimes flooded) the fields.” (*Ibid* 372) Foram necessários oito meses de agricultura intensiva para reproduzir de forma artificial várias culturas agrícolas, afim de serem filmadas nas mais diversas circunstâncias, ao longo das quatro estações do ano, quer a semear quer a florescer, quer a dar frutos quer a amadurecer. O estúdio erigiu uma estação meteorológica na zona que operava 24 horas por dia para poder prever as condições atmosféricas e utilizar a chuva ou ventos desérticos para as cenas adequadas de chuva intensa ou tempestades de pó. Toda a máquina da MGM funcionou na perfeição para garantir o sucesso deste empreendimento: “Behind the scenes, expert Chinese farmers and laborers, with

the help of US money, art, and technology, transformed Buck's story of one family's war against nature into a widely fought, expensive, technologically sophisticated, successful campaign.” (*Ibid* 372)

A versão cinematográfica de *The Good Earth* foi dedicada ao produtor Irving Thalberg, que faleceu antes do filme estar terminado. Em todos os filmes que produzia, ele era conhecido por introduzir pelo menos uma sequência espectacular — neste caso foi uma praga de gafanhotos. A cena, que na obra acontece a meio e dura apenas duas páginas, no filme foi alargada e passada para o final do guião, constituindo o clímax do mesmo. No entanto, ao contrário da obra, a praga de gafanhotos e a solução para a controlar acaba por enaltecer as virtudes da ciência e iniciativa americanas. Os meios envolvidos foram enormes, tendo Sidney Franklin, o terceiro e último realizador, mandado construir em Los Angeles uma tela branca gigantesca. Com a intenção de criar o efeito de uma tempestade de gafanhotos, foram projectados pedacinhos de cortiça queimados, disparados de armas de pressão de ar. Por outro lado, ventoinhas sopraram a cortiça contra a tela e a cena foi filmada, tendo depois os editores misturado essas imagens com cenas de uma praga de gafanhotos em África e mais tarde com os actores do filme nos locais onde o filme se desenrolava. Por outro lado, enquanto decorria as filmagens de *The Good Earth*, um consultor da produção, um dos mais destacados entomologistas do estado, informou o estúdio que os gafanhotos que se encontravam no momento a atravessar o estado do Utah eram da mesma espécie que visitava a China a cada 17 anos. Após tomar conhecimento deste facto, o assistente de realização voou até ao Utah, filmou cenas da praga em progressão e trouxe de volta para a Califórnia barris cheios de insectos vivos, com os quais filmou figurantes chineses com milhares destes animais a passar sobre eles. A sequência final — com a praga de gafanhotos filmada nos Estados Unidos e em África, a presença de centenas de figurantes, os efeitos especiais simples e planos de imagem — causou um estrondoso impacto e contribuíram para o sucesso do

filme no lançamento, conseguindo um lucro de mais de 3 milhões de dólares em receitas de bilheteira.

As cenas da praga de gafanhotos, um desastre que afectou Wang Lung e a família, foi transformada em espectáculo para o público americano. No entanto, foi também passada a mensagem de que o progresso triunfa sobre a tradição: “education, science, and enterprise were better than tradition, superstition, and ignorance; that new US methods were better than old Chinese ways” (*Ibid* 373) A mensagem que o filme pretende passar é que, graças à inovação e empreendimento modernos, o futuro é mais promissor do que o passado: “these new methods would enable future generations to correct past mistakes that had been made in both the US and China.” (*Ibid*) No livro, Wang Lung luta de forma determinada contra a praga: ““Now for our good land we will fight these enemies from the skies!”” (Buck 1994: 235), ao contrário dos aldeões, que crêem ter esta sido enviada pelo Céu: ““No, and there is no use in anything. Heaven has ordained that this year we shall starve, and why should we waste ourselves in struggle against it, seeing that in the end we must starve?”” (*Ibid*) Perante a catástrofe eminente, as mulheres do povo recorrem à ajuda dos deuses da terra e dos céus, procurando aplacar a fúria desenfreada da praga de insectos: “And women went weeping to the town to buy incense to thrust before the earth gods in the little temple, and some went to the big temple in the town, where the gods of heaven were, and thus earth and heaven were worshipped.” (*Ibid*) Apesar de todas as súplicas, a praga continua a sua progressão inalterável: “But still the locust spread up into the air and on over the land.” (*Ibid* 236) Mau grado o fatalismo que o rodeia, Wang Lung consegue organizar os camponeses para lançarem fogo a vários campos de trigo para afugentarem os gafanhotos com o fumo e ao mesmo tempo supervisiona a construção de fossos para afogar os insectos, trabalhando de forma incansável de dia e de noite: “they burned the good wheat that stood almost ripe for cutting and they dug wide moats and ran water into them from the wells, and they worked without sleeping.” (*Ibid*)

No filme, as coisas não se passam assim. É um dos filhos de Wang Lung que concebe o plano de ataque à praga, aquele que tinha frequentado a universidade e usava óculos, que lhe conferiam um ar de intelectual. Para ele, a praga não tinha sido enviada pelo Céu, afirmando: “It’s a thing of nature. We can fight it.” (Allmendinger 1998: 373). Ele dá as mesmas ordens que o pai dá na obra, mas no filme é acrescentado o facto de ele pegar fogo aos campos de trigo com querosene e sugerir que os camponeses batam em tachos e panelas para afugentar os insectos com o barulho. De forma modesta, afirma: “It’s nothing... just something we learn from books.” (*Ibid* 374) É deste modo que o filme procura mostrar como o progresso triunfa sobre o obscurantismo da tradição inculta: “Wang Lung's son, who has cut his queue as a sign of his intention to adopt Western ways, knows that the wisdom he has acquired at his new university will help save an older, illiterate generation of conservative villagers.” (*Ibid*) É preciso não esquecer que o filme *The Good Earth* foi concebido e filmado em Hollywood. Para além do romance entre Wang Lung e O-lan, a intenção do filme era de contar ao público americano uma história oriental e usar uma série de efeitos especiais, fazendo com que as mensagens baseadas em comparações entre os Estados Unidos e a China fossem de exaltação emocional e não intelectual. Como resultado, as críticas ao filme foram positivas.

O filme estreou na Primavera de 1937, quando uma praga de gafanhotos estava a atacar as Grandes Planícies e no pior ano do *Dust Bowl*⁸⁸ até aquele momento. O *The Motion Picture Herald*, que fazia a cobertura da estreia em Nova Iorque e Los Angeles, afirmou de forma profética: “certain special timeliness, a coincidence of fate, favors 'The Good Earth's' premiere, in that it is a story very much of man

⁸⁸ *Dust Bowl* foi o nome pelo qual ficaram conhecidas as tempestades de pó que assolaram a região das Grandes Planícies na década de trinta. Apesar de se terem originado e afectado sobretudo o Sudeste do Colorado, o Sudoeste do Kansas, o Oklahoma e o Texas, acabaram por afectar todo o país. O nome *Dust Bowl* surgiu a partir do *Black Sunday*, a 14 de Abril de 1935, pelo facto de a nuvem de pó surgida nesse dia ter sido a pior de todas, com ventos a 96 Km/h, deslocando pó e terra ao longo de centenas de quilómetros, tendo mesmo chegado a Washington nesse dia.

against nature – just as the United States, emerging from the scourge of drought from the 'dust bowl,' now suffers the devastation of flood”⁸⁹. O jornalista que fez a reportagem sobre o evento compreendeu que o filme servia como propaganda política disfarçada de espectáculo de Hollywood. De facto, nos finais dos anos trinta, os Estados Unidos compreendiam bem que as nuvens negras das pragas de gafanhotos que assolaram o horizonte longínquo chinês eram o equivalente cinematográfico dos “dust bowls” que o público sabia existir na realidade. (*Ibid* 374) Enquanto o livro *The Good Earth*, surgido no início da década, apenas pretendia apresentar uma forma de vida honrada, genuína e simples, o filme procurou dar uma ideia um pouco diferente. A moral do filme ultrapassa a do livro, no sentido em que se aproveitou da situação na qual os Estados Unidos da América se encontravam, com os “dust bowls” e com a catástrofe nas Grandes Planícies. É mera coincidência que o livro tenha sido publicado no ano em que os “dust bowls” começaram. No decorrer da década de trinta, os “dust bowls” intensificaram-se, o que proporcionou um impacto retórico e histórico da obra. Ao realizar o filme, Hollywood deu-se conta de que, mais do que diferenças, existiam semelhanças entre os infortúnios de Wang Lung e da calamidade das Grandes Planícies, havendo necessidade de tirar partido desse aspecto: “As part of the entertainment industry’s mission in the Depression era to revivify and rally its audience, MGM deliberately embellished these parallels.” (*Ibid*) Na adaptação cinematográfica, as estratégias para combater a praga de gafanhotos são muito semelhantes às da obra original, mas no filme dão-lhe um cunho mais moderno, baseadas em soluções científicas mais avançadas: “The film edits out and replaces Buck’s message, substituting the notion that progress improves on tradition, and gives the most “advanced” nation on earth reason to believe that it has nothing to learn from the good earth or history.” (*Ibid*)

⁸⁹Terry Ramsaye. "'Good Earth' Opens East and West after Four Years in the Making." *Motion Picture Herald* 6 Feb. 1937.

O filme modifica de modo deliberado a mensagem original de PSB, quando enaltece as virtudes da tecnologia das sociedades modernas, que oferecem a ilusão de uma pseudo felicidade em detrimento da tradição histórica e cultural de um povo, cuja forte ligação à terra lhe permite alcançar a verdadeira felicidade.



Figura 6: Edição comemorativa do Centésimo aniversário do nascimento de Pearl S. Buck.

CONCLUSÃO

Ao empreendermos um estudo sobre alguns dos aspectos mais relevantes da vida e da obra de PSB, pudemos constatar que a autora nasceu e viveu num período bastante fértil em mudanças na história dos Estados Unidos da América e na China, bem como nas relações internacionais estabelecidas entre estes dois países.

PSB desenvolveu-se e cresceu numa época efervescente em acontecimentos políticos e económicos que determinaram a passagem atribulada da China imperial para a China republicana, através da convulsão de tumultos populares, revoluções e conflitos entre forças Nacionalistas, Comunistas e senhores da guerra. Esses eventos contribuíram para criar nela o repúdio contra toda e qualquer forma de violência e guerra, e de hegemonia de um povo sobre outro. Em vez de criar uma aversão idêntica a esses sentimentos xenófobos de que foi vítima, PSB desenvolveu uma compreensão e uma empatia muito profundas para com todas as raças, acabando por pautar a sua vida, obra e intervenções públicas com ideais de defesa dos direitos dos orientais em geral, e dos chineses em particular, dos *African Americans*, das mulheres e das crianças mestiças.

O período passado em Shanghai em 1909 e o auxílio prestado na “Door of Hope” fizeram-na conhecer de perto o sofrimento infligido às mulheres através da exploração sexual. Esta experiência moldou o seu carácter de forma determinante, contribuindo para a formação de uma orientação feminista, que mais tarde veio a manifestar nos Estados Unidos, através das suas intervenções públicas e literárias.

Nos períodos em que permaneceu nos Estados Unidos, PSB sentiu-se uma estranha no seu país de origem, resultado de uma aculturação oriental, que fez dela uma pessoa não só bilingue mas também “bicultural”, o que lhe conferiu características “híbridas” muito próprias, transformando-a numa americana na

aparência mas chinesa na alma. Anos mais tarde, já casada e regressada à China, acompanhou o marido na sua actividade como economista agrícola e verificou que, ao contrário do que seria de esperar, John Buck pouco conseguiu, na prática, ensinar os camponeses e transmitir-lhes novos conhecimentos tecnológicos, visto que o sistema desenvolvido ao longo de inúmeras gerações e de milhares de anos de experiência chinesa conseguia ultrapassar em produção as modernas soluções americanas. PSB viu assim repetir-se o que já constatar com a acção missionária do pai: a grande e milenar China não necessitava da ajuda, nem da intervenção nem da imposição de métodos e filosofias estrangeiras, alheias à sua cultura e aos seus costumes. Por tudo o que testemunhou e conheceu sobre a ingerência de potências ocidentais na China, PSB sentiu que a hegemonia e o controlo dos destinos do seu país de adopção não poderiam durar muito tempo.

Com a mudança para Nanquim em 1920, seguiu-se um período de grande realização pessoal, vivendo em pleno a sua actividade como professora de inglês e de literatura americana na universidade local. No entanto, os tumultos e as guerras entre diferentes facções chinesas lançaram a sua existência no caos, correndo perigo de vida em diversas ocasiões. Essas experiências traumáticas contribuíram de forma crucial para a formação da sua personalidade como pessoa e como escritora. Deram-lhe um conhecimento em primeira mão de todo o tipo de experiências e de situações vividas, que se tornaram a fonte de inspiração para os seus romances.

Em 1930 publicou o seu primeiro livro e no ano seguinte o *best seller*, *The Good Earth*, com o qual ganhou o prémio Pulitzer e que contribuiu de forma decisiva para se tornar na primeira mulher americana a ganhar o prémio Nobel da Literatura em 1938. Recebeu com surpresa e humildade o prémio, mas não se livrou das críticas provocantes e maliciosas dos seus pares masculinos e dos críticos literários que, ressentidos, tudo fizeram para menosprezar e abafar a importância da sua obra. Essas críticas deveram-se ao simples facto de ter sido

uma mulher a receber o prémio com escassos oito anos de carreira literária e que escrevia sobre temas orientais.

A sua popularidade e o número de exemplares vendidos das suas obras granjearam-lhe fama e notoriedade, que lhe permitiram ser ouvida e ter um grande papel interventivo em inúmeras matérias de cariz político e social, desde a defesa dos direitos dos *African Americans*, durante e após a Segunda Guerra Mundial, até à luta pela revogação da lei que impedia a imigração dos chineses.

A sua forte convicção na necessidade de promoção de contactos interculturais entre a Ásia e os Estados Unidos levou-a a fundar, em 1941, a *East and West Association*. Não é de surpreender que a acção política que PSB empreendeu, no que respeita à defesa dos direitos humanos e à promoção das relações entre a América e a Ásia, tenha conduzido o director do FBI, J. Edgar Hoover, a ordenar a abertura de um ficheiro do *Bureau*. Iniciado em 1937, e atingindo cerca de trezentas páginas, o ficheiro serviu para documentar todas as actividades desta mulher que se evidenciou nas suas intervenções com atitudes potencialmente subversivas.

Preocupada com o destino sombrio das crianças asiáticas e *Amerasian* e com problemas de adopção, PSB fundou a *Welcome House*. Outro aspecto que a perturbou foi a necessidade de despertar a atenção dos americanos para as crianças com deficiência. Publicou a obra *The Child Who Never Grew*, baseada na história da sua própria filha deficiente, que alcançou um enorme impacto no contributo para mudar o modo como a sociedade americana encarava as doenças mentais.

PSB combateu, não apenas pelos direitos inalienáveis das crianças, sobretudo as menos favorecidas, tais como as deficientes e as *Amerasian*, mas também pela igualdade de direitos das mulheres, apelando inúmeras vezes durante os anos 30 e

40 pela criação de uma *Equal Rights Amendment* para as mulheres, numa altura em que a oposição a essa lei incluía a maioria dos grupos de mulheres organizados.

A sua contribuição no combate à discriminação e ao racismo levaram-na a escrever um livro em parceria com Eslanda Robeson, *American Argument*, um diálogo sobre o racismo americano, tornando-a pioneira numa luta e numa época em que os intelectuais brancos ainda não tinham despertado para as injustiças cometidas por uma sociedade preconceituosa.

Tendo em conta a vida e obra de PSB, podemos afirmar tratar-se de uma personalidade multifacetada e polémica. Vítima constante de hostilidade política, foi atacada pela direita conservadora devido à sua luta no *Civil Rights Movement*, e pela esquerda pelas suas convicções anti-Comunistas, sendo criticada também pelas suas posições em prol dos direitos das mulheres. Todo o seu percurso de vida foi determinante para moldar a sua personalidade e determinar as suas atitudes. As obras de ficção que escreveu sobre a China e sobre o Oriente contribuíram de forma significativa para “abrir os olhos” e alargar os horizontes e as consciências dos americanos arrogantes e demasiado voltados para si próprios.

Gerações de leitores em todo o mundo descobriram, maravilhados, histórias sobre as populações de camponeses do mítico “Império do Meio” que contribuíram, de forma quase subliminar, para a mudança comportamental e de pensamento do povo americano, apontando caminhos para alterar a forma como os povos se relacionam e se aceitam, apesar das diferenças. Após ter sido banida por Mao Tse Tung durante cerca de 30 anos, a obra de PSB está a ser descoberta pela China e a granjear elogios do meio académico chinês, que vê nela retratada a sua herança cultural mais genuína.

Toda a sua produção literária é um ciclo que se inicia e termina de acordo com os parâmetros da cultura e pensamento chineses. Viveu duas realidades diametralmente opostas, numa existência devotada ao serviço dos outros e consagrada em alargar os horizontes da sociedade americana, sobre as injustiças sociais, raciais e sexuais, através da sua escrita e dos seus actos. Teve também uma importância determinante na forma como os Estados Unidos da América passaram a encarar a China e as relações entre os povos. A sua fé nas capacidades do ser humano era inabalável. Tomara que houvesse mais pessoas a pensar desta forma:

I feel no need for any other faith than my faith in human beings. Like Confucius of old, I am so absorbed in the wonder of earth and the life upon it that I cannot think of heaven and the angels... If there is no other life, then this one has been enough to make it worth being born, myself a human being.

Bibliografia

- AKIRA, Iriye. *Power and Culture: The Japanese-American War, 1941-1945*. Harvard University Press, 1981.
- ALLMENDINGER, Blake. "Little House on the Rice Paddy". *American Literary History*. Volume: 10. Issue: 2, 1998.
- ANELAUSKAS, Valdas. *Discovering America as It Is*. Atlanta, GA: Clarity Press, 1999.
- BOHAN, James F. *The House of Atreus: Abortion as a Human Rights Issue*. Westport, CT: Praeger Publishers, 1999.
- BRANDT, Nat. *Harlem at War: The Black Experience in WWII*. New York: Syracuse University Press, 1997.
- BUCK, John Lossing. *Chinese Farm Economy: A Study of 2866 Farms in Seventeen Localities and Seven Provinces in China*. Chicago: University of Chicago Press, 1930.
- BUCK, Pearl S. *American Unity and Asia*. New York: The John Day Company, 1942.
- , *The Good Earth*. New York: Simon & Schuster (Pocket Book Edition), 1994.
- , "Is There a Case for Foreign Missions?", *Harper's Magazine*, 166: 2 (Jan. 1933).
- . *Of Men and Women*. New York: John Day, 1941.

----. *My Several Worlds: A Personal Record*. Ontario, Canada: Simon & Schuster of Canada (Pocket Book Edition), 1975.

----. "Western Weapons in the Hands of the Reckless East", *Asia*, 37:10 (Oct. 1937).

CONLIN, Joseph R. *The Morrow Book of Quotations in American History*. New York: William Morrow, 1984.

CONN, Peter J. *Pearl S. Buck: A Cultural Biography*. Cambridge; New York, N. Y.: Cambridge University Press, 1996.

COOKE, Robert E. et al. *The Terrible Choice*. New York: Bantam, 1968.

COOLIDGE, Mary R. *Chinese Immigration*. Taipei, Taiwan: Ch' eng-Wen Publ. Co., 1968.

COWLEY, Malcolm. *Think Back on Us: A Contemporary Chronicle of the 1930's*. Carbondale, IL.: Southern Illinois University Press, 1967.

DALLEK, Robert. *Franklin D. Roosevelt and American Foreign Policy, 1932-1945* New York: Oxford University Press, 1979.

DANIELS, Roger. *Asian America: Chinese and Japanese in the United States since 1850*. University of Washington Press, 1988.

DIEHL, Paul F. and Gary Goertz *Territorial Changes and International Conflict*. New York: Routledge, 1992.

DOYLE, Paul. *Pearl S. Buck*. New York: Twayne, 1980.

- FREYN, Hubert. *Free China's New Deal*. New York: Macmillan, 1943.
- GAO, Xiongya. *Pearl S. Buck's Chinese Women Characters*. Cranbury, N.J.: Associated University Presses, 2000.
- GOODE, Ruth. *Barron's Book Notes – Pearl Buck's The Good Earth*. New York: Barron's Educational Series, 1985.
- HADDEN, Wilbur C., Howard Haycraft, Stanley J. Kunitz, eds. *Today and Yesterday: A Companion Volume to Living Authors*. New York: The H.W. Wilson Company, 1933.
- ISAACS, Harold R. *Scratches on Our Minds: American Views of China and India*. White Plains, NY: M. E. Sharpe, Inc., 1980.
- JEFFERSON, T. Christopher. *American Image of China, 1931-1949*. Stanford University Press, 1996.
- JONES, Dorothy. *The Portrayal of China and India on the American Screen, 1896-1955*. Center for International Studies, M. I. T., October, 1955, Appendix III.
- KING, Martin Luther Jr. James Melvin Washington, ed. *I Have a Dream - 40th Anniversary Edition: Writings and Speeches That Changed the World*. New York: Harper Collins Publishers, 1992.
- LaFEBER, Walter. *The New Empire: An Interpretation of American Expansion, 1860-1898*. Ithaca: Cornell University Press, 1963.
- LASH, Joseph P. *Eleanor and Franklin: The Story of Their Relationship, Based on Eleanor Roosevelt's Private Papers*. New York: Norton, 1971.

- LEBAR, Barbara. "The Subject is Marriage". *Journal of Evolutionary Psychology* 9, Nos. 3-4, 1988. (não tenho editor)
- LEE, Rose Hum *The Chinese in the United States of America*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 1960.
- LEONARD, Linda Schierse *The Wounded Woman: Healing the Father-Daughter Relationship*. Athens, OH.: Ohio University Press, 1982.
- LIAO, Kang. *Pearl S. Buck: A Cultural Bridge Across the Pacific*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1997.
- LIPSCOMB, Elizabeth J. and Frances E. Webb, ed. *The Several Worlds of Pearl S. Buck: Essays Presented at a Centennial Symposium. Randolph-Macon College, March 26-28, 1992*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1994.
- MACK, Dana, *The Assault on Parenthood: How Our Culture Undermines the Family* New York: Simon & Schuster, 1997.
- MARSH, Benjamin C. *Lobbyist for the People: A Record of Fifty Years*. Washington, DC: Public Affairs Press, 1953.
- McCLELLAN, Robert. *The Heathen Chinese: A Study of American Attitudes toward China, 1890-1905*. Columbus: Ohio State University Press, 1971.
- McKEE, Delber L. *Chinese Exclusion Versus the Open Door Policy, 1900-1906: Clashes over China Policy in the Roosevelt Era*. Detroit: Wayne State University Press, 1977.

- NEWCOMER, Mabel, *A Century of Higher Education for American Women*. New York: Harper, 1959.
- NIPSON, Herbert Bell, ed. *White on Black: The Views of Twenty-Two White Americans on the Negro*. Chicago: Johnson Pub. Co., 1963.
- NORTHROP, F. S. C. *Philosophical Anthropology and Practical Politics*. New York: Macmillan, 1960.
- NYREN, Dorothy, compiler and editor. *A Library of Literary Criticism: Modern American Literature*. New York: Frederick Ungar, 1960.
- PAUL, Rodman W. *The Far West and the Great Plains in Transition: 1859-1900*. New York: Harper, 1988.
- RAMSDELL, Daniel B. "Asia Askew: U.S. Best-Sellers on Asia, 1931-1980". *Bulletin of Concerned Asian Scholars*. Volume: 15. Issue: 4, 1983.
- RAUB, Patricia. *Yesterday's Stories: Popular Women's Novels of the Twenties and Thirties*. Westport, CT.: Greenwood, 1994.
- SARGENT, Porter. *War and Education*. Boston: Porter Sargent, 1943
- SHRIDHARANI. *Warning to the West*. New York: Duell, Sloan and Pearce. 1942.
- SMITH, Adam, *The Wealth of Nations*. New York: Penguin Books, 1974.
- SMITH, Arthur H. *Chinese Characteristics*. New York: Eastbridge, 2003.
- SMITH, Henry Nash. *Virgin Land: The American West as Symbol and Myth*. 1950. Cambridge: Harvard University Press, 1970.

- SOCHEN, June. *Herstory: A Woman's View of American History*. New York: Alfred Pub. Co., 1974.
- SOCHEN, June. *Movers and Shakers: American Women Thinkers and Activists, 1900-1970*. New York: Quadrangle, 1973.
- SPEER, William. *The Oldest and the Newest Empire: China and the United States*. U.M.I., 1994.
- SPENCE, Jonathan D. "Chinese Fictions in the Twentieth Century". *Asia in Western Fiction*. Ed. Robin W. Winks and James R. Rush. Studies in Imperialism 10. Manchester, Eng.: Manchester UP, 1990.
- SPINKS, Charles Nelson. "Repeal Chinese Exclusion", "Asia and the Americas", February 1942.
- STILWELL, Joseph W., *The Stilwell Papers*. New York: Schocken Books, 1972.
- STROSS, Randall E. *The Stubborn Earth: American Agriculturalists on Chinese Soil, 1898-1937*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- SPENCE, Jonathan D. "Chinese Fictions in the Twentieth Century". *Asia in Western Fiction*. Ed. Robin W. Winks and James R. Rush. Studies in Imperialism 10. Manchester, Eng.: Manchester University Press, 1990. 100-16.
- SWANZ, Donald J. "Doing Business in China". The CPA Journal. Volume: 65. Issue: 3. New York State Society of Certified Public Accountants, 1995.

WELLS, Donald A., ed. *An Encyclopedia of War and Ethics*. Westport, CT: Greenwood Press, 1996.

WILLIG, John. "Class of '34 (Female) Fifteen Years Later," *New York Times Magazine*, June 12, 1949.

WISE, James Waterman, ed. *Our Bill of Rights: What It Means to Me – A National Symposium*. New York: Bill of Rights Sesqui-Centennial Committee, 1941.

YOUNG, Marilyn Blatt. *The Rhetoric of Empire: American China Policy, 1895-1901*. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

Documentos electrónicos

The Boxer Rebellion

<http://www.history.navy.mil/faqs/faq86-1.htm>

em 13/06/05

Calvert System

http://www.calvertschool.org/engine/content.do?BT_CODE=CES1534

em 23/09/06

Confucionism

<http://www.historywiz.com/historymakers/confucius.htm>

em 23/09/06

Darwinismo Social

<http://www.cod.edu/people/faculty/fancher/SocDarw.htm>

em 17/05/06

Floyd Dell

<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/ARTdell.htm>

<http://www.britannica.com/eb/article-9029836/Floyd-Dell>

em 7/10/06

Dust Bowls

http://www.livinghistoryfarm.org/farminginth30s/water_02.html

em 22/12/06

The Four Freedoms: Franklin D. Roosevelt

<http://www.americanrhetoric.com/speeches/fdrthefourfreedoms.htm>

em 19/7/05

Victor August Herbert

<http://www.pdmusic.org/herbert.html>

em 13/07/05

Biblioteca Virtual de Macau – “[How did the Macao Question arise?](#)”

<http://www.macaadata.com/Macau/jus/abc/part1/ep1-1.html>

em 13/6/05

MA, Xiaohua. “The Sino-American Alliance during World War II and the Lifting of the Chinese Exclusion Acts”. American Studies International. Volume: 38. Issue: 2. Washington: George Washington University, 2002

<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=5001791242&er=deny>

em 24/07/05

Manifest Destiny

<http://www.pbs.org/kera/usmexicanwar/dialogues/prelude/manifest/manifestdestiny.html>

em 13/6/05

NAACP

<http://www.naacp.org/>

em 18/8/05

The New York Times – “China Resumes Control of Hong Kong, Ending 156 Years of British Rule”

<http://www.nytimes.com/specials/hongkong/070197hongkong.html>

em 13/6/05

Nobelprize.org. *Pearl Buck – Nobel Lecture, December 12, 1938*

<http://nobelprize.org/literature/laureates/1938/buck-lecture.html>

em 08/11/2004

Frederick Jackson Turner: The Public Broadcasting Service (PBS)

http://www.pbs.org/weta/thewest/people/s_z/turner.htm

em 14/6/05

National Women’s Hall of Fame

<http://www.greatwomen.org/women.php?action=viewone&id=29>

em 08/11/2004

Nativism

<http://www.answers.com/topic/nativism>

em 08/11/2004

Randolph-Macon Woman's College

<http://www.rmwc.edu/buck/pearl.asp>

em 08/11/2004

Rosenwald Fund

<http://www.pgchct.org/rosenwald.html>

em 18/8/05

Rosie the Rieveter

http://en.wikipedia.org/wiki/Rosie_the_Riveter

em 7/10/06

Gertrude Samuels

<http://www.nyu.edu/nyutoday/archives/18/06/Stories/Samuels-gallatin.html>

em 22/10/06

U.S. History: Open Door Policy

<http://www.u-s-history.com/pages/h908.html>

em 14/6/05

SPENCER, Stephen. "The Discourse of Whiteness: Chinese-American History, Pearl S. Buck, and *The Good Earth*". *Americana. The Journal of American Popular Culture 1900 to Present*, 2002.

http://www.americanpopularculture.com/journal/articles/spring_2002/spencer.htm

em 22/05/06

Taoism

<http://www.religioustolerance.org/taoism.htm>

em 5/11/06

Mary Heaton Vorse

<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USAvorse.htm>

em 22/10/06

Wang Jingwei

http://www.indiana.edu/~easc/resources/working_paper/noframe_6a_sloga.htm

em 20/7/05

The Woman's Role in Chinese History and Tradition

<http://www.geocities.com/CollegePark/Field/8368/Bakground.html>

em 3/11/06